



Um Tempo para a Criação

Genebaldo Freire Dias

A Criação em um “momento fantástico de transição civilizatória”

Anne Primavesi

“Gaia sagrada”: as relações entre ecologia, feminismo e cristianismo

Haroldo Reimer

A terra, os pobres, os animais: uma visão ecológica da vida

E mais:

>> **Ladislau Dowbor:**
“Distribuir renda é uma política inteligente”

>> **Egon Heck:**
Os Guarani e a luta pela terra

Um Tempo para a Criação

O tema central da edição desta semana da revista **IHU On-Line**, precisamente na data em que se celebra a vida e a obra de Francisco de Assis, é inspirado pelas campanhas 10:10 Global e 10:10:10, duas mobilizações de escala global que incentivam ações locais, simples e concretas por parte de indivíduos e organizações para reduzir sua pegada ecológica pessoal e comunitária. A elas soma-se a iniciativa do Conselho Mundial das Igrejas - CMI - de propor um período ecumênico de oração pela Criação e de promoção de estilos de vida sustentáveis.

Assim, a revista **IHU On-Line**, retoma, sob novos olhares e outros saberes, o tema desafio ecológico.

Participam do debate, **Washington Novaes** e **André Trigueiro**, jornalistas especializados em assuntos ambientais, **Genebaldo Freire Dias**, doutor em ecologia, professor da Universidade Católica de Brasília, **Haroldo Reimer**, teólogo, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **Anne Primavesi**, teóloga inglesa, membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Religião, do Birkbeck College, da Universidade de Londres, **Nancy Cardoso Pereira**, teóloga, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Severino Sombra - USS, do Rio de Janeiro, **Peter Pavlovic**, padre anglicano, secretário da European Christian Environmental Network - ECEN, **John Gibaut**, padre anglicano, **Maike Gorsboth**, coordenadora da Ecumenical Water Network do Conselho Mundial das Igrejas - CMI e **Guillermo Kerber**, teólogo, diretor do programa de Mudanças Climáticas do Conselho Mundial de Igrejas - CMI.

Completam a edição três entrevistas e um artigo.

Ladislau Dowbor, economista, professor da PUC-SP, e que estará na Unisinos, nesta terça-feira, dia 5, numa promoção do IHU, analisa as perspectivas sócio-econômicas e ambientais do Brasil nos próximos cinco anos, tema da sua conferência. **Egon Heck**, coordenador do Conselho Indigenista Missionário - CIMI no Mato Grosso do Sul, descreve as lutas do povo guarani, tema da sua conferência, nesta quinta-feira, dia 7, no IHU e **Wilson Engelmann**, professor e pesquisador no PPG em Direito da Unisinos, expõe os temas a serem trabalhados no seminário Nanotecnologias: um desafio para o século XXI, que acontece entre 18 e 21 de outubro, na Unisinos.

Por sua vez, **Augusto de Sá Oliveira**, professor do curso de Comunicação Social da Faculdade 2 de Julho - F2J e atualmente estudando na Universidade de Strasbourg, na França, descreve como a morte de Claude Chabrol foi narrada por jornais franceses e brasileiros.

De forma simbólica, mas também concreta, a revista **IHU On-Line** optou por publicar esta edição apenas no formato digital. Desta maneira, nos parece, deixamos de contribuir para o aumento da pegada ecológica implicada na impressão, no consumo de papel e no transporte de sua distribuição.

Na próxima semana, devido ao feriadão, a revista **IHU On-Line** não circulará.

A todas e todos uma boa semana e uma ótima leitura!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Moisés Sbardelotto: Um “Tempo para a Criação” contra as mudanças climáticas

PÁGINA 08 | Washington Novaes: Brasil, abundante e também ignorante em biodiversidade

PÁGINA 10 | André Trigueiro: “O mundo começa a partir da casa da gente”

PÁGINA 14 | Genebaldo Freire Dias: A Criação em um “momento fantástico de transição civilizatória”

PÁGINA 17 | Anne Primavesi: “Gaia sagrada”: as relações entre ecologia, feminismo e cristianismo

PÁGINA 22 | Guillermo Kerber: “Opção ecológica”: reconhecer o grito de toda a Criação junto ao grito dos pobres

PÁGINA 25 | Haroldo Reimer: A terra, os pobres, os animais: uma visão ecológica da vida

PÁGINA 27 | Nancy Cardoso Pereira: “É preciso parar os relógios e anunciar um ‘tempo para a criação’”

PÁGINA 27 | Peter Pavlovic: A Criação como dom a ser reconhecido e agradecido

PÁGINA 27 | John Gibaut e Maïke Gorsboth: Água, sagrada e saudável para toda a Criação

B. Destaques da semana

» Coluna do Cepos

PÁGINA 38 | Augusto de Sá Oliveira: A morte de Chabrol em jornais da França e do Brasil

» Destaques On-Line

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Evento

PÁGINA 45 | Ladislau Dowbor: “Distribuir renda é uma política inteligente”

PÁGINA 45 | Egon Heck: Os guarani e a luta pela terra

PÁGINA 45 | Wilson Engelmann: O ser humano como o limite das nanotecnologias

» Perfil

PÁGINA 47 | Vera Portocarrero



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Um “Tempo para a Criação” contra as mudanças climáticas

Esta edição da revista IHU On-Line marca uma iniciativa simbólica e concreta assumida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU a partir de 2010: diminuir em 10% sua pegada ecológica ao longo de um ano e incentivar que esse pequeno passo seja assumido por cada um de seus leitores

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Vivemos hoje um período histórico marcado por aquilo que cientistas do mundo inteiro vêm chamando de “mudanças climáticas”. A natureza em geral “geme com dores de parto”, se poderia dizer em analogia bíblica. Junto com isso, aumentam também as vítimas das mudanças climáticas, que, mesmo não sendo suas responsáveis, são as que mais sofrem com as suas consequências.

Por isso, esta edição da IHU On-Line propõe um debate sobre o ambiente a partir de duas perspectivas: o chamado “Tempo para a Criação”, um período de oração e celebração da Criação e de promoção de estilos de vida sustentáveis, proposto pelo Conselho Mundial de Igrejas - CMI (www.oikoumene.org) e outros órgãos eclesiais; e as campanhas 10:10 Global (www.1010global.org) e 10:10:10 (www.1010global.org/101010), duas mobilizações de escala global que incentivam ações locais, simples e concretas para reduzir sua pegada ecológica pessoal e comunitária.

Em setembro de 1989, o patriarca ecumênico Dimitrios I (1914-1991), iniciou a tradição anual de rezar pelo meio ambiente. Assim, a cada ano, de 1º de setembro - primeiro dia do ano da Igreja Ortodoxa - a 4 de outubro - dia de São Francisco de Assis, na tradição católica -, as Igrejas cristãs são chamadas a participar do chamado “Tempo para a Criação”, um período de reflexão e de oração pela natureza.

Nas palavras do atual Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa, Bartolomeu I, o “Tempo para a Criação” é um período privilegiado para que as



Igrejas reflitam e rezem pela proteção do meio ambiente “como Criação divina e herança compartilhada”. O tema do “Tempo para a Criação” deste ano é “Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado” e também está relacionado ao Ano Internacional da Biodiversidade, da ONU.

Atualmente, esse período de oração é reconhecido por grande parte das Igrejas cristãs e fomentado por diversas organizações, como por exemplo o European Christian Environmental Network - ECEN [Rede Ambiental Cristã

Europeia] (www.ecen.org) - cujo secretário, Rev. Peter Pavlovic, participa desta edição - e a Churches Together in Britain and Ireland [Igrejas Unidas da Grã-Bretanha e Irlanda] (www.ctbi.org.uk).

Em 2010, excepcionalmente, o “Tempo para a Criação” irá encerrar no dia 10 de outubro, para se unir à campanha 10:10:10 com orações, vigílias e ações concretas. A campanha 10:10:10 visa transformar o dia 10 de outubro de 2010 na data com o maior número de ações positivas contra as

mudanças climáticas da história, ou o também chamado Dia Global de Soluções Climáticas. Além disso, por uma feliz coincidência, o dia 10 de outubro de 2010 está a exatas 10 semanas da Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, que se reúne novamente em Cancún, no México, para tentar finalizar o acordo climático que não foi alcançado em Copenhague.

Essa data simbólica de ação nasceu a partir campanha 10:10 Global, que surgiu em 2009 na Inglaterra, fomentada por Franny Armstrong, diretora do filme *A Era da Estupidez*¹, sucesso de bilheteria sobre as mudanças climáticas. A 10:10 Global foi lançada oficialmente em setembro de 2009, com o convite para que pessoas, empresas, escolas e organizações assumissem o compromisso de reduzir em 10% o seu consumo de carbono em um ano a partir de 2010. A taxa de 10% baseia-se em estudos realizados pelo Tyndall Centre for Climate Change Research, da Inglaterra (disponíveis em <http://migre.me/1rzOU>, em inglês), realizados em 2008. As pesquisas concluem que a promoção de ações de curto prazo oferecem o fundamento essencial para políticas de médio prazo e para objetivos de longo prazo. Hoje, a campanha já conta com a participação de quase 100 mil pessoas em mais de 150 países.

Assim, a 10:10 Global somou suas forças com outra ação mobilizadora, a 350.org (www.350.org). A 350.org busca soluções para a crise climática a partir de uma conscientização em torno das 350 partes por milhão de CO₂ na atmosfera. Essa taxa, explicam os cientistas, se superada, acelerará ainda mais os danos provocados pelo aquecimento global, que já são visíveis. Unidas em suas propostas e em suas ações, ambas as organizações lançaram a campanha 10:10:10, junto com outras organizações ambientais como a Global Campaign for Climate



Action - GCCA e a Climate Neutral Network - CNNet, dentre outras.

Dentro desse espírito ecumênico e comprometido com o meio ambiente, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU e o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT também se somaram às campanhas 10:10 Global e 10:10:10 com ações concretas para reduzir o seu impacto ambiental em 10% a partir de 2010.

Subsídios no sítio do IHU

Os primeiros passos dados pelo IHU nesse sentido foram de mobilizar e ampliar a conscientização e a reflexão sobre o “Tempo para a Criação”, objetivo ao qual esta edição da IHU On-Line se soma. De forma simbólica, mas também concreta, a Revista IHU On-Line optou por publicar esta edição apenas no formato digital, diminuindo assim a pegada ecológica que sua impressão, o consumo de papel e o transporte para sua distribuição deixariam no ambiente.

Além disso, desde o dia 5 de setembro até o dia 3 de outubro, sempre aos sábados, o sítio do IHU também publicou textos de autoria do reveren-

do anglicano inglês Keith D. Innes, membro do Churches Together in Britain and Ireland. Os artigos refletiram, a partir de um ponto de vista ecoteológico, sobre as principais leituras das celebrações dominicais do Lecionário Comum das Igrejas cristãs.

No dia 10 de outubro, será publicado no sítio do IHU um sermão proferido pelo primaz da Igreja Anglicana, o arcebispo de Canterbury, Dr. Rowan Williams, em uma celebração ecumênica ecológica do “Tempo para a Criação” de 2009, sobre a *Boa Nova para toda a Criação*.

Além de outras notícias e artigos sobre o “Tempo para a Criação” e a campanha 10:10:10, o sítio do IHU também está publicando diversas dicas concretas e práticas, intituladas “Faça a sua parte” (confira, por exemplo, em <http://migre.me/1tsv9>), para que cada pessoa possa assumir, no seu dia a dia, a meta de redução de 10% em seu

consumo de carbono. Também já foram publicados 20 gestos concretos que ajudam no cuidado do meio ambiente e na redução do nosso consumo de carbono e emissão de CO₂.

Uma grande síntese analítica de toda essa mobilização foi publicada na última semana, na *Conjuntura da Semana - Campanha 10:10:10 e o “Tempo para a Criação”* (disponível em <http://migre.me/1rwMI>), inclusive com os links para todos os conteúdos. No texto, são analisadas as demais propostas paralelas, como o Dia Mundial Sem Carro (mais informações em <http://migre.me/1tsBp>); a redução no consumo de carne (mais informações em <http://migre.me/1tsCI>), também chamada de Dieta do Clima; a proposta da organização mundial Slow Food (mais informações em <http://migre.me/1tsDD>), que propõe a produção e o consumo de alimentos bons, limpos, locais e justos; assim como a agroecologia e a agricultura familiar; além da proposta dos índios andinos do “Sumak Kawsay”, ou “Bem Viver”.

Além disso, a partir desta semana, convidamos a todos para participar da Semana Ecumênica de Oração pela Criação, por meio das orações e refle-

¹ O filme foi exibido pelo Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, parceiro estratégico do IHU, em Curitiba, no ciclo *Crise Ecológica Vista pelo Cinema*, no dia 11 de agosto, com a presença do debatedor Jelson Oliveira. (Nota da IHU On-Line)

xões que serão publicadas diariamente, de segunda-feira a domingo, nas Notícias do Dia publicadas diariamente, de segunda a segunda, no sítio do IHU. (veja box).

Campanha 10:10 no IHU e Unisinos

De forma a ampliar o alcance da campanha, o IHU e o Sistema de Gestão Ambiental - SGA da Unisinos somaram esforços para envolver também todo o câmpus e a comunidade acadêmica. A ideia é sensibilizar e articular professores e professoras e alunos e alunas para a reflexão, o debate e a realização de ações para reduzir a emissão de carbono em 10% em um ano, a partir de 2010, e protagonizar a melhoria da qualidade ambiental da Unisinos.

Assim, do dia 10 de outubro de 2010 (10:10:10) até o dia 11 de novembro de 2011 (11:11:11), datas simbólicas do projeto, a campanha 10:10 na Unisinos buscará divulgar e qualificar as experiências já realizadas na área ambiental na universidade. Alguns exemplos disso são o programa “Energia Positiva” (www.unisinos.br/energiapositiva), que propõe um uso consciente de luz, água e papel no câmpus, e a certificação ISO 14001, da International Organization for Standardization - ISO, que estabelece padrões para a gestão ambiental. A Unisinos foi a primeira universidade da América Latina a receber a certificação.

Outro passo da campanha será uma mesa de debate aberta ao público dentro da programação do IHU Ideias. No próximo dia 7 de outubro, a Prof^a. Dr^a. Luciana Gomes, coordenadora do SGA da Unisinos, a Prof^a. Dr^a. Marilene Maia, coordenadora do programa Tra-

balho e do ObservaSinós do IHU, e o Prof. MS Gelson Luiz Fiorentin, da graduação em biologia da Unisinos, irão debater a campanha 10:10 da Unisinos, além de apresentar experiências de sustentabilidade ambiental tanto na gestão, como no ensino, pesquisa e extensão da universidade.

A campanha 10:10 da Unisinos também pretende disponibilizar espaços virtuais e presenciais, junto ao IHU e ao SGA, para a medição da pegada ecológica individual. Também será realizado, ainda sem data definida, um levantamento de ideias sobre o que a Unisinos pode fazer em um ano para 1) reduzir em 10% o seu consumo de carbono e 2) aumentar em 10% a sua qualidade ambiental. A partir desse levantamento, até o dia 11 de novembro de 2011, a campanha buscará debater e colocar em prática as propostas mais relevantes, junto ao SGA e aos demais órgãos da Unisinos.

Outra proposta desenvolvida em 2010 e que se soma à perspectiva da campanha é o *Ciclo de Palestras: Perspectivas socioambientais e econômicas do Brasil 2010 - 2015. Limites e Possibilidades*, que visa debater os limites e as possibilidades de uma economia a serviço da vida - também ecológica - no Brasil. Os próximos encontros irão ocorrer no dia 5 de outubro, com a presença do Prof. Dr. Ladislau Dowbor - PUC-SP, que irá debater “As transformações do capitalismo brasileiro” (veja mais detalhes em <http://migre.me/1sael>). Já no dia 4 de novembro, o Prof. Dr. Rudá Ricci - PUC-Minas irá abordar “O protagonismo dos movimentos sociais”.

Já o *Ciclo de Estudos em Educação à Distância (EaD) - Sociedade Susten-*

tável, promove, por meio de um debate transdisciplinar e sistêmico, uma reflexão sobre as crises energética, financeira, climática e alimentar, para, a partir delas, caracterizar a crise civilizacional que vivemos. Sua reedição está prevista para o ano de 2011.

Em 2011, outras propostas são o *Ciclo de Palestras: Desafios Socioambientais e Econômicos Contemporâneos*, com palestras ao longo do ano, de março a novembro, e o *Ciclo de Filmes: Sociedade Sustentável no Cinema*, que apresentará filmes relacionados à questão ambiental seguidos de debates.

Já o programa da Páscoa IHU 2011 também estará relacionado à ecologia, repercutindo a proposta da Campanha da Fraternidade 2011, cujo tema é “Fraternidade e a Vida no Planeta” e lema “A criação geme em dores de parto (Romanos 8, 22)”.

Portanto, a mobilização será grande para que cada um e cada uma assumam, conscientemente, uma meta de redução de 10% em sua pegada ecológica a partir de 2010. Não será um passo isolado ou irrelevante, pois, como afirma Edgar Morin, em seu *Elogio à Metamorfose* (disponível em <http://migre.me/1saqd>), “uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos” dá origem a uma “metamorfose”, ou seja, surge uma nova organização viva que - embora tendo os mesmos aspectos constituintes, conservando a vida ou o patrimônio cultural - produz novas qualidades.

Esse é o desafio e o impulso que o IHU assume para este próximo ano.

Semana Ecumênica de Oração pela Criação

Nesta semana, o IHU convida para uma Semana Ecumênica de Oração pela Criação. De 4 de outubro, dia de São Francisco de Assis, até o domingo, dia 10, data chave da campanha 10:10:10, serão publicados subsídios para as orações, nas Notícias do Dia, do sítio do IHU, focadas no combate à poluição atmosférica.

As orações e reflexões foram preparadas pela pastora valdense italiana Letizia Tomassone, vice-presidente da Federação das Igrejas Evangélicas da Itália - FCEI (www.fedevangelica.it).

fedevangelica.it).

A cada dia da semana, propõe-se um trecho bíblico para reflexão, além de informações científicas sobre ecologia e gestos concretos que podem ser feitos cotidianamente para preservar a natureza. Encerra-se o momento com uma oração final.

As orações serão ilustradas com imagens ecoteológicas de autoria da irmã Mary Southard, CSJ, pintora e escultora norte-americana

Brasil, abundante e também ignorante em biodiversidade

Embora o Brasil tenha, com abundância, “tudo o que é fator escasso no mundo”, somos um dos maiores emissores de carbono do mundo, com dois bilhões de toneladas anuais, pelo mau uso do solo, explica o jornalista ambiental Washington Novaes

POR GRAZIELA WOLFART E MOISÉS SBARDELLOTTO

Depois de dez meses da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de Copenhague (COP-15) e a dez semanas da Conferência de Cancún (COP-16), a IHU On-Line conversou por telefone com o jornalista especialista em questões ambientais e povos indígenas Washington Novaes sobre a situação das mudanças climáticas hoje.

Segundo ele, há um reconhecimento cada vez maior da gravidade da situação ambiental em todo o mundo, e os chamados céticos das mudanças climáticas têm perdido muito terreno. Porém, o maior problema, especialmente a partir dos debates nas Conferências do Clima, é “conseguir um acordo sobre o que fazer diante disso tudo”, afirma Novaes. Segundo ele, já está praticamente definido que, na próxima reunião de Cancún, no México, em novembro deste ano, não haverá acordo.

O papel do Brasil nesse cenário é ambíguo. Novaes explica que o país já atinge uma marca de dois bilhões de toneladas anuais de emissões de gás carbônico, o que torna o Brasil um dos maiores emissores do mundo. Mas com uma característica especial: as emissões brasileiras não se devem às suas matrizes industrial ou de transporte, mas sim a mudanças no uso do solo, aos desmatamentos e queimadas, que respondem por 75% das emissões.

Por outro lado, “nós temos tudo o que o mundo sonha. Tudo o que é fator escasso no mundo tem aqui em relativa abundância. O Brasil é uma espécie de sonho do mundo”, diz. Para manter essa abundância, Novaes defende que o Brasil deveria discutir sua matriz energética. “Fica se falando que o Brasil precisa de mais tantos mil megawatts, de construção de hidrelétricas gigantescas, a um preço ambiental e financeiro altíssimo, quando existem estudos da matriz energética brasileira que dizem que o Brasil pode viver tranquilamente com 50% menos de energia do que consome hoje”, afirma.

Washington Luiz Rodrigues Novaes é jornalista há mais de 50 anos, tratando com destaque os temas de meio ambiente e povos indígenas. Atualmente, é colunista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Popular*. Na TV Cultura de São Paulo é supervisor de *Biodiversidade* e comentarista do programa *Repórter Eco*. Na televisão, foi editor-chefe do *Globo Repórter* e do *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Como produtor independente de televisão, dirigiu as séries *Xingu*, *A Terra Mágica*, *Kuarup*, *Pantanal e Xingu*, *A Terra Ameaçada*. Ganhou vários prêmios internacionais e nacionais, como o Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha, o Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente e o Prêmio Unesco de Meio Ambiente 2004. Tem vários livros publicados, dentre eles *Xingu* (Brasiliense) e *A Terra Pede Água* (Sematec/BSB). Em 2009 recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Neste período pós-Copenhague e pré-Cancún, como o senhor avalia a reflexão em torno das mudanças climáticas, especialmente por parte dos órgãos governamentais? Reconhece-se a gravidade da situação ou ainda há muito ceticismo? Washington Novaes - O reconhecimento da gravidade da situação é cada vez mais

amplo. Mesmo os chamados céticos das mudanças climáticas têm perdido muito terreno. Há poucos dias, saiu um estudo de várias instituições científicas convidadas pela ONU que reafirmaram que as previsões do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas¹ estão corretas.

¹ Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC): órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas

em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a IHU On-Line 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O sítio do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico (www.ihu.unisinos.br), podem ser

Tem algumas incorreções, que eles pedem que sejam acertadas, e sugerem algumas mudanças de métodos. Mas diz-se que os diagnósticos do Painel do Clima estão certos. Os acontecimentos no mundo inteiro estão cada vez mais graves. Temos, neste momento, essas inundações gigantescas no Paquistão, na Índia, na China, os incêndios na Europa, desastres no Brasil e em outras partes. Então, isso está cada vez mais forte. O que está difícil é conseguir um acordo sobre o que fazer diante disso tudo. As lógicas financeiras continuam prevalecendo, seja no plano dos países, seja no plano das empresas e até no das próprias pessoas, cada um pensando o que acontecerá, se vai ganhar ou perder nesse quadro. E com isso não se consegue um acordo, a ponto de já estar praticamente definido que, na próxima reunião da Convenção do Clima, que será em novembro, em Cancún², no México, não haverá acordo. O próprio secretário-geral da ONU já disse isso, que não acontecerá esse acordo.

IHU On-Line - Qual a situação do Brasil com relação às mudanças climáticas? Quais são os nossos ecossistemas e biomas mais fracos diante da crise ambiental?

Washington Novaes - O Brasil, desde o início, não aceitou a questão dos compromissos obrigatórios de redução de emissões. Isso foi estabelecido, e o Brasil se recusou, sob a afirmação de que essa é uma obrigação dos países industrializados, que poluem mais e há mais tempo, e que aceitar metas obrigatórias de redução poderia comprometer o desenvolvimento econômico. No ano passado, porém, um pouco antes da reunião do clima em Copenhague³, o Brasil estabeleceu metas voluntárias que não podem ser controladas por ninguém, mas que ele se propôs a reduzir

acessados entrevistas sobre o assunto. (Nota da IHU On-Line)

² Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e o Protocolo de Kyoto, a COP-16, irá ocorrer na cidade de Cancun, México, entre os dias 29 de novembro a 10 de dezembro de 2010. (Nota da IHU On-Line)

³ A COP-15 foi realizada em Copenhague, na Dinamarca, entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009. Sobre o tema, a IHU On-Line 311 produziu uma edição especial, intitulada *A Convenção do Clima em Copenhague. Um debate*, que pode ser acessada em <http://migre.me/1tsQE>. (Nota da IHU On-Line).

“Já está praticamente definido que, na próxima reunião da Convenção do Clima, no México, não haverá acordo. O próprio secretário-geral da ONU já disse isso”

as emissões em 40% sobre o que seriam essas emissões em 2020.

Hoje, os relatórios internacionais dizem que as emissões brasileiras estão na casa de dez a 11 toneladas por habitante a cada ano. Multiplicando-se isso por 200 milhões, isso vai dar mais de dois bilhões de toneladas anuais. Nesse quadro, o Brasil já é um dos maiores emissores do mundo, mas com uma característica: nas nossas emissões, a maior parte se deve, não à matriz industrial nem à matriz de transporte, e sim a mudanças no uso do solo, desmatamentos e queimadas. Elas respondem por 75% das emissões brasileiras. Nesse quadro, a Amazônia⁴, segundo o último levantamento do Ministério do Meio Ambiente, responde por 59%, e o Cerrado, por quase todo o restante, embora esse panorama esteja mudando um pouco, porque as emissões na Amazônia têm se reduzido, e as emissões do Cerrado continuam muito altas.

IHU On-Line - Os órgãos públicos estão fazendo o que lhes cabe para evitar que essas mudanças se aprofundem? Como o senhor avalia os projetos governamentais e as políticas públicas em torno da ecologia?

Washington Novaes - Uma das poucas coisas que tem funcionado um pouco é a questão do combate ao desmatamento na Amazônia, embora a redução do desmatamento tenha sido muito influenciada por pressões internacionais, por movimentos internacionais, como esses que exigem certificação da carne exportada, certificação da soja

⁴ Sobre a Amazônia, a IHU On-Line 211 produziu uma edição especial, intitulada *Amazônia. Verdades e Mitos*, que pode ser acessada em <http://migre.me/1tsYW>. (Nota da IHU On-Line)

exportada, certificação da madeira. Isso levou a uma redução razoável do desmatamento, que também se beneficiou, em 2009, da crise econômica, a qual reduziu as atividades.

Mas as nossas políticas são muito frágeis. Os instrumentos de controle na Amazônia e nos outros biomas são muito frágeis. Neste momento, por exemplo, o que nós temos de queimadas⁵ no Centro-Oeste e no Cerrado é uma loucura. E não há instrumentos de controle. A única coisa que se está fazendo é aumentar o número de brigadas para combater os incêndios. Mas não há políticas preventivas em relação a isso. De modo geral, as nossas políticas de adaptação às mudanças climáticas, como elas são chamadas, são muito frágeis, em todos os lugares.

IHU On-Line - Que importância a “agenda ambiental” deveria ter para os próximos governos?

Washington Novaes - Eu entendo que isso deveria estar no centro de uma estratégia brasileira e no centro de uma discussão de uma eleição presidencial. Mas essa discussão não existe, você não vê essa discussão, a não ser menções da Marina Silva⁶ ao que ela chama de “processo de qualidade”, a necessidade dessa política em quase todas as áreas de governo. Mas não é um tema central das eleições, e essa estratégia também não está em cogitação.

O que eu penso é que um país como o Brasil deveria estar muito atento a isso. Os relatórios mundiais têm dito o seguinte: os grandes problemas de hoje no mundo são as mudanças climáticas e os padrões de consumo já bastante além da capacidade de reposição do planeta.

⁵ Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do IHU sobre a temática das queimadas: *Pantanal ameaçado pelas mudanças climáticas*. Entrevista especial com Paulo Teixeira de Sousa Júnior, disponível em <http://migre.me/1tt5k>; *O homem contra a floresta*. Entrevista especial com Bráulio Dias, disponível em <http://migre.me/1tt5N>; *Falta de ação política e as mudanças climáticas*. Entrevista especial com Osvaldo Canziani, disponível em <http://migre.me/1tt67>; *O Brasil em chamas*. Entrevista especial com Saulo Freitas, disponível em <http://migre.me/1tt6z>; *Amazônia, desmatamento e clima*. Entrevista especial com Carlos Nobre, disponível em <http://migre.me/1tt72>. (Nota da IHU On-Line).

⁶ Confira a entrevista concedida por Marina Silva ao sítio do IHU, intitulada “O crescimento dever ser um instrumento para o desenvolvimento”, disponível em <http://migre.me/1ttcx>. (Nota da IHU On-Line).

O Kofi Annan⁷, o ex-secretário-geral da ONU, diz até que essas duas questões ameaçam a sobrevivência da espécie humana. Se é assim, o Brasil deveria pensar o seguinte: nós temos tudo o que o mundo sonha. Tudo o que é fator escasso no mundo tem aqui em relativa abundância: nós temos território continental, possibilidades de plantar e colher, porque temos sol o ano todo, temos quase 13% de toda a água que corre no planeta, temos de 15% a 20% da biodiversidade, que é a grande riqueza do mundo, nós temos a possibilidade de uma matriz energética limpa e renovável com energia solar, energia eólica, energia hidrelétrica, energia de marés, geotérmica, energia de biomassa... Então, de certa forma, o Brasil é uma espécie de sonho do mundo. Isso deveria ser o centro de uma estratégia que valorizasse e tentasse trabalhar isso tudo. Infelizmente, ainda não é.

IHU On-Line - Muito se fala do Brasil enquanto um país com grande potencial econômico e rico em recursos naturais. Como conciliar a necessidade de desenvolvimento e de energia com as questões ecológicas?

Washington Novaes - Não há desenvolvimento sem respeito a essas questões. Não há nada que o ser humano possa fazer que não esteja dependente do meio físico. Tudo o que o ser humano faz tem repercussões no meio físico, no ar, no solo, na água, nos outros seres vivos, na biodiversidade. Então é preciso que tudo seja feito de uma forma compatível com a conservação desses recursos naturais, desses meios naturais.

A questão da energia também não é diferente. E a primeira coisa que o Brasil precisaria ter é uma discussão aprofundada sobre a questão da sua matriz energética. Porque fica se falando que o Brasil precisa de mais tantos mil megawatts, de construção de hidrelétricas gigantescas, a um preço ambiental e financeiro altíssimo, quando existem

estudos da matriz energética brasileira que dizem que o Brasil pode viver tranquilamente com 50% menos de energia do que consome hoje. Existe um estudo da Unicamp de 2006 que diz isso. Mas isso não está em discussão.

IHU On-Line - Em outubro deste ano, organizações ambientais internacionais estão organizando a campanha 10:10:10, o dia da maior mobilização local contra as mudanças climáticas em todo o mundo, em que organizações e pessoas darão pequenos passos para reduzir o seu consumo de carbono. Como o senhor avalia a importância de iniciativas em micro-escala e locais como essa?

Washington Novaes - Eu acho isso muito importante, porque tem muita repercussão na sociedade e vai disseminando, nela mesma, certos conceitos, certas necessidades que só a sociedade pode nos fazer lançar. Só ela, com as suas reivindicações, com as suas pressões, é que pode mudar as políticas, exigir novas políticas. Então, são muito importantes.

IHU On-Line - A partir da proposta do “Tempo para a Criação”, como podemos entender o valor da Criação a partir de uma perspectiva mais ampla, envolvendo também aspectos éticos e espirituais?

Washington Novaes - A reflexão sobre o planeta é fundamental. Não há nada que o ser humano faça que não tenha relação com o meio físico. Dependemos do meio físico para tudo. Todos os nossos atos estão relacionados. Então, isso tem um impacto. Precisamos entender isso. O que o ser humano fizer com a água acontecerá com o seu próprio corpo. O nosso corpo é feito de 70% de água. O que o ser humano fizer com o solo irá repercutir no nosso próprio corpo, através dos alimentos que nós ingerimos. Repercutirá com o que ele fizer na atmosfera, porque nós respiramos esse ar. Nós dependemos da biodiversidade para tudo. Tudo o que está na nossa vida depende da biodiversidade. Então, essa reflexão sobre a Criação é muito importante para levar a sociedade a entender que ela precisa se comportar de outras formas.

⁷ Kofi Annan (1938): Diplomata de Gana. Começou a trabalhar nas Nações Unidas ao ingressar em 1962 na Organização Mundial da Saúde. Ao longo dos anos exerceu diferentes funções na ONU até chegar ao posto de secretário-geral em 1º de Janeiro de 1997. Em 2001, foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da IHU On-Line).

CICLO DE PALESTRAS: PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS DO BRASIL

2010 - 2015. LIMITES E POSSIBILIDADES

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“O mundo começa a partir da casa da gente”

André Trigueiro defende as campanhas ambientais locais, mas lembra que a humanidade não dá saltos. “As campanhas adubam a mente, fertilizam as ideias à espera da colheita, que é o que interessa: novas atitudes”

POR GRAZIELA WOLFART E MOISÉS SBARDELOTTO

Mesmo sem ter ouvido falar da campanha 10:10:10, o jornalista ambiental André Trigueiro reconhece a importância de iniciativas como esta, que têm um apelo ecológico global, mas que estimulam ações locais. Na entrevista que segue, concedida por telefone à **IHU On-Line**, ele explica que “o Brasil é um país muito amplo, desigual, diferenciado, com culturas distintas, visões de administração e sensibilidade para as questões ambientais muito difusas, singularizadas”. No entanto, ele identifica que “avança no poder público a consciência de que é preciso qualificar o planejamento, e que esse planejamento precisa incorporar a variável da sustentabilidade”. Para Trigueiro, “precisamos que na explanada dos ministérios o meio ambiente não seja assunto de um ministro só. O Ministério do Meio Ambiente não pode ser uma ONG ambientalista na explanada. Deve ser assunto de todo o governo. Não tem produção, riqueza, exportação, turismo, comércio e desenvolvimento sem um meio ambiente sadio”.

André Trigueiro é jornalista, pós-graduado em Gestão Ambiental pela COOPE/UFRJ e professor do curso de Jornalismo Ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Na Globo News, apresenta o programa “Cidades e soluções”, tratando da questão do meio ambiente. É autor de *Mundo sustentável* (São Paulo: Globo, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a situação do Brasil com relação às mudanças climáticas? Quais são os nossos pontos mais fracos com relação à crise ambiental?

André Trigueiro - O Brasil ainda não resolveu o problema do desmatamento da Amazônia, que é o principal vetor de emissões de gases estufa. É um país de dimensões continentais que deverá sofrer impactos importantes por conta das mudanças dos biomas, principalmente o amazônico e a caatinga. A mudança do ciclo da chuva deverá também determinar problemas em relação à forma como planejamos o uso do solo e a agricultura. Certas culturas não poderão mais existir em áreas hoje consagradas, como no caso da soja, do milho, da maçã. Haverá a necessidade de reprogramar a forma de planejar a agricultura no Brasil em função da mudança climática. O Brasil é um país produtor, portanto existe um impacto. Lembremos especialmente do litoral

de Santa Catarina, que é uma porta de entrada de ventos extremos. Não por acaso se deu ali o aparecimento do primeiro furacão do qual se tem notícia no hemisfério sul, o furacão Catarina¹. Temos oito mil quilômetros de litoral com áreas mais ou menos vulneráveis à elevação do nível do mar, o que depende da configuração do leito marinho e da forma como se modificou a vegetação no continente, bem como áreas de baixada, áreas densamente povoadas. Tudo isso vai determinar maior ou menor impacto em função da elevação do nível do mar. Esse seria o conjunto mais importante de fatores que justificam a enorme preocupação e atenção de nossa parte.

¹ Furacão Catarina é um dos vários nomes informais para um ciclone tropical do Atlântico Sul que atingiu a região sul do Brasil no final de março de 2004. A tempestade se desenvolveu a partir de um ciclone extratropical de núcleo frio praticamente estacionário em 12 de março. (Nota da IHU On-Line).

IHU On-Line - Os órgãos públicos estão fazendo o que lhes cabe para evitar que essas mudanças se aprofundem? Como o senhor avalia os projetos governamentais em torno da ecologia?

André Trigueiro - O Brasil não é homogêneo, não se resolve por igual. Não se pode comparar a situação no interior do Piauí com a situação do Vale dos Sinos. Se falarmos em formas de proteger áreas verdes em cidades, não podemos esquecer que existem municípios do Brasil que já institucionalizaram o IPTU verde². É uma sinalização muito clara da administração pública destas cidades, onde já se tem uma visão de que é importante criar

² O IPTU Verde refere-se a descontos no valor do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana por meio do incentivo ambiental, benefício concedido por diversas prefeituras do país com o objetivo conscientizar e estimular os moradores à preservação do meio ambiente, por meio do plantio de árvores ou da manutenção de áreas permeáveis em imóveis edificadas. (Nota da IHU On-Line).

estímulos fiscais para que o proprietário de uma determinada área seja recompensado se mantiver essa área verde, protegida. Mas o Brasil tem 5.600 municípios e apenas alguns fazem isso, que merecem aplausos, nota 10. Outros sequer cobram IPTU. O Brasil é um país muito amplo, desigual, diferenciado, com culturas distintas, visões de administração e sensibilidade para as questões ambientais muito difusas, singularizadas. Mas posso dizer que avança no poder público a consciência de que é preciso qualificar o planejamento, e que esse planejamento precisa incorporar a variável da sustentabilidade. Isso estará presente na forma como pensamos a coleta, o transporte e a destinação final de lixo, a forma como estivermos mais atentos à falta de saneamento, às valas negras, à forma como se pretenda organizar o transporte público, a forma como se planeja a habitação, o uso do solo, a forma como se licenciam novos empreendimentos. Isso é um processo. Todos nós estamos percebendo e testemunhando em diferentes setores da sociedade que há um avanço. Como isso se desdobra em diferentes lugares e diferentes setores da economia, é algo que exige mais tempo para identificar caso a caso.

IHU On-Line - Em um período eleitoral, quais seriam as medidas centrais dos próximos governos para encontrar formas mais sustentáveis para o país? Como conciliar a necessidade de desenvolvimento e de energia com as questões ecológicas?

André Trigueiro - O Brasil precisa regulamentar a política nacional de mudanças climáticas (a lei foi aprovada, mas não foi regulamentada); o governo precisa estar atento à proposta de revisão do Código Florestal³, há muita controvérsia e muita polêmica em torno dos reais efeitos da aprovação desse código nos termos do relator Aldo

³ O sítio do IHU já realizou diversas entrevistas sobre a temática. Confira algumas delas: *Código Florestal: 'Não dá mais para tratar a natureza como um modelo de negócio'*. Entrevista especial com Carlos Alberto Scaramuzza, disponível em <http://migre.me/1ttqF>; *Mudanças no Código Florestal: 'Isto é suicídio ecológico'*. Entrevista especial com Rubens Nodari, disponível em <http://migre.me/1ttt6>. (Nota da IHU On-Line).

“O Brasil ainda não resolveu o problema do desmatamento da Amazônia, que é o principal vetor de emissões de gases estufa”

Rebelo⁴; o Brasil precisa ter um planejamento melhor delineado da sua matriz energética, percebendo qual seria a melhor escolha para que não falte energia, sem deixar de considerar o enorme potencial de fontes limpas e renováveis, incrementando pesquisa, principalmente nas áreas solar, eólica e biomassa; precisamos prestar atenção na evolução da política nacional de resíduos sólidos, que já foi aprovada e sancionada, mas falta ser regulamentada. Isso é muito importante, porque o passivo ambiental do lixo é enorme no Brasil. E necessitamos também de uma política para cumprir o que está na Constituição, que é o zoneamento econômico e ecológico da Amazônia. A Amazônia pode ter pecuária, mineração, extração de madeira. Não tem problema nenhum. O problema é onde se vai fazer isso e de que jeito. E essa equação não foi resolvida. Precisamos que na explanada dos ministérios o meio ambiente não seja assunto de um ministro só. O Ministério do Meio Ambiente não pode ser uma ONG ambientalista na explanada. Deve ser assunto de todo o governo. Não tem produção, riqueza, exportação, turismo, comércio e desenvolvimento sem um meio ambiente sadio. O ministro da agricultura tem que ser o primeiro a falar de

⁴ Aldo Rebelo (1956): político brasileiro, deputado federal pelo PCdoB-SP, e relator do Novo Código Florestal. Sobre o tema, confira as seguintes entrevistas publicadas nas Notícias do Dia: *Um Código sem fundamentação científica*. Entrevista especial Ricardo Ribeiro Rodrigues, de 03-08-2010, disponível em <http://migre.me/153BN>; *Código Florestal: 'Não dá mais para tratar a natureza como um modelo de negócio'*. Entrevista especial com Carlos Alberto Scaramuzza, de 08-06-2010, disponível em <http://migre.me/153CT>. (Nota da IHU On-Line)

sustentabilidade.

IHU On-Line - Em outubro deste ano, organizações ambientais internacionais estão organizando a campanha 10:10:10, o dia da maior mobilização local contra as mudanças climáticas em todo o mundo. Qual a importância de iniciativas mundiais, porém locais, como essa?

André Trigueiro - Toda a campanha, toda a mobilização, como foi o Dia Mundial Sem Carro, que houve pouca adesão, mas muito debate e reflexão, são processos. As campanhas se prestam a alertar, advertir, chamar a atenção, ajudam no processo de consciência. E espera-se que, em algum momento, essa consciência se traduza em novas atitudes. Em última instância, o resultado que interessa é a nova atitude. Mas a humanidade não dá saltos. Então as campanhas adubam a mente, fertilizam as ideias à espera da colheita, que é o que interessa: novos hábitos, novos comportamentos, novos padrões de consumo, novas atitudes. Então elas são muito bem-vindas. Não podemos pensar no planeta descuidando da casa da gente, das compras que fazemos no supermercado, do lixo que descartamos, da forma como nos inserimos na cidade em que vivemos, da forma como tentamos transformar a cidade em que vivemos num lugar melhor, a forma como votamos, como nos comportamos no condomínio, no ambiente de trabalho. O mundo começa a partir da casa da gente e se desdobra nos demais cenários.

IHU On-Line - Em seu sítio (www.mundosustentavel.com.br), você percebe a existência de uma “teologia ambiental”, pois as tradições religiosas sempre se preocuparam em ratificar a presença do sagrado nas mais diversas manifestações de vida. Em um nível inter-religioso, quais seriam os pontos fundamentais e comuns dessa teologia, em sua opinião?

André Trigueiro - Toda a religião, por premissa, defende a vida, tenta explicar o sentido da vida e nos advertir sobre a importância de estarmos vivos e enaltecemos a condição de seres vivos. Portanto, por uma

questão de coerência, toda a religião, em tese, se defende esses princípios, deveria defender a sustentabilidade, esta entendida como sinônimo de harmonia, equilíbrio e de uso racional, prudente e inteligente dos recursos. Portanto, estou afirmando segundo aquilo que me foi possível acessar em termos de informação sobre diferentes tradições, que quem se diz religioso, por princípio, deveria ter apreço pela vida e, em decorrência disso, entendendo as leis que regem a vida e o universo, ter uma postura na direção da sustentabilidade. Praticar a sua religião significa se aproximar dos preceitos defendidos por ambientalistas ou ecologistas. Quem defende a vida não pode destruí-la.

A teologia ambiental propriamente dita é a capacidade que alguns teólogos têm de buscar nas suas respectivas escrituras ou textos sagrados, na base de suas respectivas doutrinas elementos de convicção para sustentar no dia de hoje a tese de que a sustentabilidade vai ao encontro da fé. A prática da espiritualidade ou a prática dos preceitos religiosos que alguém adotou devem convergir no mesmo caminho apontado por ecologistas e ambientalistas. Não há diferença, é coerente. A espiritualidade contém todas as religiões. A pessoa pode ser espiritualizada e não ter nenhuma religião. Mas a religião, seja ela qual for, não contém toda a espiritualidade. A teologia caminha na direção de tentar entender os desígnios de Deus. E se Deus criou a vida, a natureza e nos criou, certamente não foi para que nós dilapidássemos isso com a capacidade que estamos tendo.

LEIA MAIS...

>> André Trigueiro já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

* *O mundo não depende de um acordo da ONU para mudar, porque a mudança está em curso.* Entrevista publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 03-01-2010, disponível em <http://bit.ly/9wgBdr>;

* *Fontes sujas compõem a matriz energética brasileira.* Entrevista publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 05-12-2007, disponível em <http://bit.ly/av1wMr>.

A Criação em um “momento fantástico de transição civilizatória”

Para o doutor em ecologia, Genebaldo Freire Dias, vivemos em um mundo pós-ambiental com uma nova insensibilidade. Esse é o desafio, o fascínio e o privilégio de viver em um “mundo pós-ambiental”

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Diferentemente de uma “crise” climática, vivemos um período de “reajustamentos ecossistêmicos”, que tentam retomar a neutralidade após perturbações impostas pelo próprio ser humano ao seu ambiente. Mas isso não significa minimizar um problema que, a cada dia, revela-se com mais força diante dos nossos olhos, principalmente com sua faceta mais conhecida: o sofrimento, que também é uma “opção evolutiva”.

Essa é a análise do cientista biológico Genebaldo Freire Dias, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Ele, porém, reconhece que é possível reencontrar a estabilidade da Criação superando algumas defasagens e resolvendo algumas equações que não fecham.

A primeira delas é em nível político, entre aquilo que é preciso fazer e as decisões tomadas pelos governantes nas políticas públicas. A segunda, em nível social, encontra-se no interior de um “conjunto cruel de insustentabilidades”, marcado por população e consumo crescentes, imediatismo, materialismo, ganância, desperdício, exclusão, corrupção. Uma terceira - e talvez mais grave - é a urgência dos problemas e a realidade de que não temos mais tempo. “Perdemos o momento da virada. Agora temos que arcar com as consequências”, afirma. Uma quarta defasagem é em termos de escala. O país rico precisa abrir mão de emitir CO₂; o país pobre, de queimar e desmatar; e cada um de nós precisa mudar hábitos alimentares.

Para Dias, é preciso abrir mão de algumas coisas. “É fácil economizar água, energia elétrica, colocar a latinha para reciclar, essas coisas. Isso não mexe com o seu conforto, com as suas vontades. Mas uma decisão mais profunda mexe”, defende. Como, por exemplo, deixar de comer carne. Esse é, afirma, um primeiro passo para reconhecer “o desafio, o fascínio e o privilégio de estar presente em um momento fantástico de transição civilizatória”.

Genebaldo Freire Dias é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília - UnB, onde também obteve o mestrado e doutorado em Ecologia. Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Católica de Brasília, onde é diretor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Ambiental (Mestrado e Doutorado). Atua na área de Educação Ambiental e de Gestão Ambiental. Tem vários livros publicados sobre a temática socioambiental, dentre os quais destacamos: *Educação e Gestão Ambiental* (Gaia, 2010), *Dinâmica e Instrumentação para Educação Ambiental* (Gaia, 2010), *Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana* (Gaia, 2008) e *Ecopercepção: Um Resumo Didático dos Desafios Socioambientais* (Gaia, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Vivemos realmente uma crise ambiental em nível mundial?

Genebaldo Freire Dias - A palavra “crise” não se aplica aí. O que temos são reajustamentos ecossistêmicos. Reações esperadas para a neutralização de perturbações. Muitas destas, impostas por nós. Os sinais estão na mídia todos os dias. Ninguém precisa ser PhDeus para perceber.

IHU On-Line - Qual a situação do Brasil com relação às mudanças climáticas? Os órgãos públicos nacionais estão fazendo o que lhes cabe para evitar que elas se aprofundem?

Genebaldo Freire Dias - O Brasil está muito bem representado pela Comissão Interministerial. Temos cientistas renomados ali, e as iniciativas brasileiras são inovadoras. Mas ocorre uma defasagem entre o que é necessário fazer e a percepção dos tomadores de decisão nas políticas públicas. Ainda reina uma grande ignorância sobre o assunto. Os temas de segurança climática, segurança alimentar e vulnerabilidade social, por exemplo, todos ligados às mudanças climáticas globais, são ainda desconhecidos pela classe política. Dessa forma, a América do Sul é apresentada como uma das mais vulneráveis! A partir daí, todos os ecossistemas estão sob pressão.

IHU On-Line - Em suas obras, o senhor defende o papel da educação ambiental. Como é possível fomentar uma educação que leve em conta a sensibilização e a promoção de uma cultura socioambiental?

Genebaldo Freire Dias - Não vai ser por meio da coleta seletiva, da economia de água e da energia elétrica que sensibilizaremos as pessoas. Vivemos em um mundo pós-ambiental. Há uma nova insensibilidade. Evoluiu-se o sonho romântico do retorno à natureza intocada. Agora, estamos em outra etapa. Se não demonstrarmos por meio de práticas as consequências das nossas ações, e se não incluirmos agendas positivas nisso, não vejo saída diferente do sofrimento (que é também uma opção evolucionária!).

IHU On-Line - Algumas leituras de mundo religiosas levaram a um certo antropomorfismo. O que é necessário para desconstruir essa ideia, em

“Vivemos em um mundo pós-ambiental. Há uma nova insensibilidade. Evoluiu-se o sonho romântico do retorno à natureza intocada”

termos ecológicos?

Genebaldo Freire Dias - Quando nos disseram que vivemos confinados na superfície de uma pequena esfera fluando no espaço escuro e gelado do universo? Os mistérios da vida, o fascínio de estar vivo, de partilhar precisam ser despertados. Uma educação que sensibilize, amplie a percepção para isso.

IHU On-Line - O senhor também fala de “socioambientalismo”. Como conciliar as urgências da natureza com as urgências das populações em risco?

Genebaldo Freire Dias - Nos padrões vigentes não há conciliação possível. A equação não fecha: população crescente, consumo crescente, imediatismo, materialismo, ganância, desperdício, exclusão social, corrupção e educação e informação alienadoras formam um conjunto cruel de insustentabilidades. O desafio é que não temos mais tempo. Perdemos o momento da virada. Agora temos que arcar com as consequências. Isso significa dizer mitigação e adaptação. Foi o que fizemos. O que existe de tentativas - como gestão ambiental e seus ramos - foram e são sistematicamente burlados. Há sempre um grupo de parlamentares financiados por corporações para aprovar leis ambientais mais brandas, por exemplo. O desafio, então, é emblematicamente evolucionário.

IHU On-Line - Em outubro deste ano, organizações ambientais internacionais estão organizando a campanha 10:10:10, considerado o dia da maior mobilização local contra as mudanças climáticas em todo o mundo. Em sua opinião, qual a importância de iniciativas como essa?

Genebaldo Freire Dias - É o que está fazendo a diferença. Afinal, as pessoas já perceberam que algo está muito errado e o que se está fazendo não é suficiente para evitar a continuação dos erros. Os Estados não detêm mais o poder, a eficácia e até a legitimidade para fazer isso.

IHU On-Line - Dentro da perspectiva do “Tempo para a Criação”, como podemos entender o valor da Criação a partir de uma perspectiva mais ampla, ou, como o senhor sugere, “ecoperceptiva”?

Genebaldo Freire Dias - As corporações reconhecem o valor da Criação com a mesma intensidade com que tratam Papai Noel. O novo criador é o dólar e o euro. A catedral, o consumo. A mídia e a educação completam a rede. Alimentam a neoinsensibilidade, o “dane-se” a tudo e a todos. A sensação de “independência”. Por essa razão, estimulamos em nossas práticas a percepção dessa situação. Até mesmo como tentativas. Não sabemos se vai dar certo.

IHU On-Line - Quais seriam as possíveis alternativas para um estilo de vida menos impactante e mais harmonioso com a natureza? Por onde começar?

Genebaldo Freire Dias - Não é fácil. Poucas pessoas podem ou querem abrir mão de alguma coisa. Você deixaria de comer carne (cadáver) pelo simples fato de contribuir para a redução do desmatamento, das queimadas, da perda de biodiversidade, da emissão de gases que aumentam o efeito estufa e mudam o clima? Deixaria de comer carne por questões éticas causadas pela crueldade no tratamento do gado? É fácil economizar água, energia elétrica, colocar a latinha para reciclar, essas coisas. Isso não mexe com o seu conforto, suas vontades. Mas uma decisão mais profunda mexe. Aí você não está mais disposto e rotula essa ação de ecoradicalismo, ecochaticice, coisa de bicho-grilo, natureba, biodesagradável e por aí segue. Ninguém abre mão. Nem o país rico, de emitir CO₂; nem o país pobre, de queimar e desmatar; e nem você, de mudar hábitos alimentares. É uma questão de escala apenas. Eis o desafio, o fascínio e o privilégio de estar presente em um momento fantástico de transição civilizatória. Ou não seria assim mesmo o caminho?

“Gaia sagrada”: as relações entre ecologia, feminismo e cristianismo

Os homens estão sujeitos a Deus; as mulheres, aos homens; os animais, a ambos. Os efeitos disso são as “mudanças climáticas”. “Eles também exigem uma mudança no clima religioso”, defende a teóloga inglesa Anne Primavesi

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

A hipótese Gaia, ou a Teoria de Gaia, propõe que a biosfera e as demais esferas físicas da Terra estão intimamente integradas de modo a formar um complexo sistema interagente estável. Na visão da teóloga inglesa Anne Primavesi, a partir de seus estudos conjuntos com o autor da Teoria de Gaia, James Lovelock, Gaia (ou Mãe Terra, Pachamama etc.) é sagrada, assim como suas inter-relações, que moldam aquilo que somos.

“Uma valorização gaiana da criação vê as coisas como elas realmente são, como todos os seres vivos dependem uns dos outros tanto no tocante à possibilidade da vida quanto à sua qualidade”, afirma Primavesi. Por isso, na teologia coevolutiva, cada organismo é valorizado pelo que é em si mesmo.

Porém, a partir de uma perspectiva ecofeminista, a teóloga reconhece que “as mulheres e a natureza têm sido tradicionalmente rebaixadas e ignoradas numa concepção hierárquica do mundo”. A partir dessa concepção, “todos os seres não humanos podem ser usados e abusados para esse fim”, afirma ela, em entrevista gentilmente concedida por e-mail à **IHU On-Line**, em um delicado período de recuperação pós-operatório.

“Nós agora temos de lidar com os efeitos do patriarcado e da desvalorização religiosa dos ‘corpos’ não só sobre as mulheres, crianças e povos indígenas, mas também sobre o corpo da Terra”. Isso exige uma “mudança no clima religioso”, defende. Nesse sentido, como resposta a uma das perguntas desta entrevista, Primavesi enviou à **IHU On-Line**, com exclusividade, seu “Manifesto pelo Ecofeminismo”, que aqui publicamos pela primeira vez em português.

Anne Primavesi é teóloga inglesa, doutora em teologia sistemática, especializada em questões ecológicas. Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Religião, do Birkbeck College, University of London, já lecionou na Bristol University. É autora de vários livros, incluindo *Sacred Gaia* (2000), *Gaia’s Gift: Earth, Ourselves and God after Copernicus* (2003) e *Gaia and Climate Change: a Theology of Gift Events* (2009). Em português, publicou *Do Apocalipse ao Gênesis: Ecologia, Feminismo e Cristianismo* (Paulinas, 1996). Após conhecer o cientista James Lovelock, criador da Teoria de Gaia, Primavesi colaborou com ele no primeiro curso do Schumacher College sobre a Teoria de Gaia, em 1991. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em seu livro *Sacred Gaia* (sem tradução para o português), a senhora discute a teologia a partir de uma perspectiva coevolutiva. A que se refere?

Anne Primavesi - A teologia tradicional classifica tudo numa hierarquia de importância, sendo que a parte superior dela está mais próxima de Deus, e a inferior, mais distante. Uma perspectiva coevolutiva surge de uma compreensão mais profunda e de uma

valorização da forma como todos os seres vivos vêm a existir e mantêm sua existência através de uma interligação e interdependência ineludível.

Na teologia coevolutiva:

- cada organismo é valorizado pelo que é em si mesmo;
- o valor de cada organismo “importa” em relação ao todo;
- cada entidade é um ser singular e, por conseguinte, essencialmente inclassificável em graus;

- o valor intrínseco de cada uma se baseia na gratuidade do amor de Deus por ela;

- cada uma está presente e vívida na memória de Deus;

- o valor das criaturas não humanas não reside na forma como contribuem para a qualidade da vida humana; cada uma tem direito à sua própria qualidade de vida;

Como diz o poema, “eu pedi que a árvore me falasse sobre Deus, e ela

floresceu”.

IHU On-Line - Ao analisar a relação entre as mulheres e a ecologia, a senhora apresenta as ideias de uma ordem hierárquica e de uma ordem “Gaiana”. Qual é a contribuição do feminino para o cuidado da Criação?

Anne Primavesi - Ao longo das últimas décadas, as ecofeministas expressaram claramente como as mulheres e a natureza têm sido tradicionalmente associadas ao serem rebaixadas e ignoradas numa concepção hierárquica do mundo.

Nessa concepção, os homens estão sujeitos a Deus, as mulheres sujeitas aos homens, os animais sujeitos a ambos, e a própria terra é, simplesmente, o lugar onde nós, seres humanos, realizamos nossa salvação e esperamos o céu. Numa concepção hierárquica, todos os seres não humanos podem ser usados e abusados para esse fim. Esse ordenamento hierárquico válida, conscientemente ou não, relações violentas.

Uma valorização gaiana da criação vê as coisas como elas realmente são, como todos os seres vivos dependem uns dos outros tanto no tocante à possibilidade da vida quanto à sua qualidade. Rotineiramente, talvez não estejamos conscientes do presentear essencial por parte dos muitos seres que possibilitam que nós tenhamos vida. Mas uma consciência mais profunda desse presentear nos refreará para não cometermos excessos de egoísmo e violência que prejudicam a terra, que é o lar de todos os seres vivos.

IHU On-Line - Qual é o impacto das mudanças climáticas sobre a fé e a prática das nossas igrejas hoje? Qual é o papel dos cristãos nesse contexto específico?

Anne Primavesi - A ciência que forma nossa compreensão da mudança climática mostra quão profundamente a humanidade afetou o equilíbrio da vida na terra. Além da perda da biodiversidade, ela adverte que a sobrevivência da própria humanidade corre risco. Isso desafia o pensamento e a prática das igrejas.

Em termos de pensamento, temos de aprender a:

- nos ver e expressar como parte de

“As mulheres e a natureza têm sido tradicionalmente associadas ao serem rebaixadas e ignoradas numa concepção hierárquica do mundo”

toda a comunidade da vida na terra;

- ver e tratar a terra como um lar;
- aprender e demonstrar compaixão e respeito por todas as criaturas;
- em encontros litúrgicos, responder com um agradecimento formal, gratidão e respeito pelas dádivas que nos são dadas por todos os seres vivos e tornam possível nossa vida.

Em termos de prática, temos de aprender a:

- descobrir e responder ao valor intrínseco de toda a Criação;
- resistir ao imperialismo, consumismo, colonialismo e violência em nosso pensamento;
- aprender a humildade ecológica, um reconhecimento de nossa dependência do trabalho das muitas criaturas não humanas que mantêm limpo o ar, potável a água e nos fornecem os alimentos que comemos.

IHU On-Line - Em sua opinião, por trás da crise climática, há também uma crise ética e espiritual? Perdemos a nossa capacidade de conviver com os demais seres vivos da Criação?

Anne Primavesi - Não podemos separar o espiritual do ético, ou o social do ecológico. Só podemos fazer essas separações na linguagem, não na realidade. Como pessoa, eu ajo a partir da totalidade de meu ser. As tarefas são as seguintes:

- falar sobre nós mesmas de maneiras que não pressuponham que essa espécie de separação linguística descreva as coisas assim como elas são;
- mediar entre as ideias e a ação, o abstrato e o real.

Por exemplo, quando comemos,

não deveríamos simplesmente abençoar a comida. Deveríamos reconhecer que a comida abençoa a nós e responder dando graças por isso. Antes de agradecer a Deus pela comida, deveríamos identificar e estar conscientes daqueles e daquelas cujo trabalho e cuja vida tornam possível que comamos agora e agradecer a eles e elas. E isso não apenas em palavras, mas na forma como vivemos, esperando que eles e elas tenham espaço para vicejar e não os/as considerando simplesmente meios para nossos próprios fins humanos.

IHU On-Line - O “Tempo para a Criação” de 2010 está relacionado com a campanha 10:10:10, que será o dia com o maior número de ações positivas contra as ações climáticas. A partir de que motivações teológicas ou bíblicas essa relação entre fé e ecologia pode crescer ainda mais?

Anne Primavesi - Essas coisas devem ser descobertas e expressas por cada pessoa e cada comunidade. Espero ter notícias das formas de fazer isso que vocês venham a criar durante esse período! O que vocês nos disserem sobre o que encontraram será o presente que darão a todas e todos nós.

Penso que o Manifesto pelo Ecofeminismo¹ poderá ajudar nesse sentido.

Ecofeminismo

Definição

O termo “ecofeminismo” foi cunhado pela autora francesa Françoise d’Eaubonne e apresentado em seu livro *Le féminisme ou la mort*, publicado em 1974. Ela o usou para designar um tipo específico de movimento ecológico em que a consciência da opressão das mulheres é a principal força motriz.

Características

- a) O discurso ecofeminista reúne visões feministas e política ecológica,

¹ O texto, de autoria de Anne Primavesi, foi apresentado na [conferência anual da European Network Church on the Move](#), em Londres, 2009. O manifesto é inédito no Brasil e foi enviado com exclusividade pela autora à redação da IHU On-Line (Nota da IHU On-Line).

com base na percepção de que há ligações entre a dominação de pessoas e a dominação da natureza não humana. Ele toma a crítica feminista das relações humanas e a coloca lado a lado com uma análise das relações entre seres humanos e não humanos.

b) As ecofeministas usam uma perspectiva ecológica para apontar em direção à ausência de hierarquia na Natureza e contrapor isto à presunção cultural, comumente aceita, de que uma espécie, a humana, tem o direito de dominar todas as outras.

c) O fato é que nós, seres humanos, não temos condições de viver à parte do resto da Natureza. Cada um de nós está internamente relacionado com todos os aspectos de nosso meio ambiente, e essa relação faz parte do que somos. Inspirando o ar, nós recebemos. Expirando-o, devolvemos. As ciências naturais nos deram informações sobre o meio ambiente global mais amplo: sobre a camada de ozônio, a chuva ácida, o desmatamento e a desertificação e as emissões de dióxido de carbono na atmosfera. Essas informações mostram não só que a Natureza poderia viver inteiramente feliz sem nós, e de fato seria muito mais feliz sem nossa interferência nela. Ao mesmo tempo, estamos ficando cada vez mais conscientes de que o inverso não é verdade: nós não podemos viver fora dos sistemas naturais que sustentam a vida.

d) As descrições culturais masculinas de nós mesmos como seres que estão “fora de” ou “no controle”, não só do meio ambiente, mas também de outros seres vivos nele, foram, entretanto, contestadas, porém não eliminadas. Ao longo de toda a histórica humana ocidental, as mulheres foram rotineiramente classificadas como escravas e tratadas como tais. Isto veio à tona com o movimento público pela emancipação das mulheres. Ele começou nos Estados Unidos com o movimento pela emancipação dos escravos, com a luta por seus direitos a seu próprio corpo, a seus filhos e à propriedade que viessem a adquirir. Então as mulheres se deram conta de que elas também não tinham esses direitos. Esta lição foi compreendida claramente em 1840, na Convenção

“Não podemos separar o espiritual do ético, ou o social do ecológico.

Só podemos fazer essas separações na linguagem, não na realidade”

Mundial contra a Escravidão realizada em Londres. Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott, junto com outras delegadas americanas, foram relegadas às galerias na condição de “observadoras”. Indignadas, elas realizaram uma conferência em 1848, em Seneca Falls, para tratar “da condição e dos direitos sociais, civis e religiosos das mulheres”. Os povos indígenas também não têm tido esses direitos. Até 1967, os aborígenes australianos eram juridicamente classificados como “flora e fauna”, isto é, como incapazes de passar da natureza para a cultura.

e) Essa desvalorização das mulheres e dos povos indígenas aconteceu numa cultura secular dominada por uma imagem dos seres humanos (ou, mais precisamente, dos homens) como “mentes”, e numa cultura religiosa dominada por homens que entendiam que seu “espírito” e sua mente controlavam não só seus próprios corpos, mas também, por extensão, os corpos das mulheres, das crianças, dos povos indígenas e, naturalmente, de toda a Natureza material. Isto remonta ao mito da criação de Platão, o Timeu. Sua desvalorização da corporalidade se arraigou no ensino cristão e atingiu seu ápice no conceito do pecado supostamente corporificado em Eva. A mentalidade platônica e a cristã se juntam numa passagem do Apocalipse (lida na festa do dia de Todos os Santos) a respeito dos 144 mil que serão salvos (Apocalipse 7, 1ss.; 14, 1-5). A passagem de Apocalipse 14, 4 sintetiza o ideal a que todos e todas nós deveríamos supostamente aspirar! Entretanto, sabemos que o espiritual só está vivo em nós onde o espírito e a matéria, a mente e o corpo fazem todos parte do mesmo organismo vivo.

Nenhum aspecto tem precedência sobre outro, pois eles só podem funcionar juntos como um todo vivo.

f) Há um outro fator nessa história, “a regra dos fisicamente mais fortes”, que liga a sujeição das mulheres com a sujeição da Terra até o presente. Eu o chamo de “militarismo econômico”. Bismarck² estava descrevendo o militarismo quando disse que a única realidade política prática é o poder e a única fonte do poder é a força física, ou seja, a capacidade de matar e ferir. Essa “capacidade” era e é um importante e ainda crescente produto de exportação dos países do Norte econômico para os do Sul econômico, a maioria dos quais são ex-colônias. Pois ela era a força física que estava por trás da colonização europeia de outros continentes e sua concomitante cristianização. Atualmente assume a forma de um complexo militar-industrial que continua a crescer, a consumir recursos em todos os sentidos e a deixar a destruição ambiental em sua esteira. Mais uma vez, as mulheres, as crianças, os povos indígenas, os pobres e suas terras são as principais vítimas. O Conselho Mundial de Igrejas, em sua preparação para a Cúpula das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, estabeleceu ligações explícitas entre essas questões em seu programa *Justiça, Paz e Integridade da Criação*. As ligações delas com a Terra foram ignoradas no programa católico romano *Justiça e Paz*.

g) Em termos religiosos, o modelo do domínio dos mais fortes é apoiado pelo conceito de hierarquia ou “domínio sagrado”, que é endêmico no cristianismo e nas instituições culturais do Ocidente. De forma literal ou figurada, ele assume a forma de uma pirâmide ou da “Grande Cadeia do Ser”. Em ambas, o Espírito, Deus ou Inteligência não material (mas mas-
² Otto Leopold Eduard von Bismarck-Schönhausen (1815-1898): quando primeiro-ministro do reino da Prússia (1862-1890), unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras, tornando-se o primeiro chanceler (1871-1890) do Império Alemão. Tornou-se conhecido como o “Chanceler de Ferro”. A política de Bismarck pautou-se pelo nacionalismo e pelo militarismo. As guerras com a Dinamarca e depois com a França asseguraram a unificação da Alemanha em torno de um regime militarista. (Nota da IHU On-Line)

culino!) constitui o pináculo e a fonte do poder. O poder flui dele para os homens, e deles para as mulheres, as crianças e os povos indígenas. “Debaixo” de todos esses seres e sujeita a todos os “de cima” está a Terra.

h) As sociedades e instituições hierárquicas valorizam os seres de acordo com a posição que ocupam na pirâmide ou cadeia: Deus/Espírito/Inteligência no topo, e as mulheres, as crianças e a Terra na parte de baixo. Elas estão sujeitas, em termos religiosos e institucionais, ao poder vindo “de cima”, exercido em nome de um Deus todo-poderoso.

Implicações

Todas as características descritas acima ainda podem ser discernidas em nossa atual cultura secular e religiosa. Elas causam impacto sobre nossa autocompreensão e sobre o que é tido como opiniões e comportamentos aceitáveis. Uma conhecida afirmação de Dom Helder Câmara³ serve como for-

ma de ilustrar esse efeito. Disse ele: “Se dou comida aos pobres, chamam-me de santo. Se pergunto *por que* os pobres não têm comida, chamam-me de comunista/marxista”.

Isso pode servir de base metodológica para as críticas ecofeministas:

- se trabalho pelos direitos das mulheres, sou uma militante em defesa dos direitos humanos. Se pergunto *por que* as mulheres, as crianças e os escravos não têm esses direitos, sou uma filósofa feminista;
- se crio refúgios para mulheres vítimas de maus-tratos ou para vítimas da guerra, sou uma assistente social. Se pergunto *por que* os abrigos são necessários,

o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastoraes, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Helder Câmara, publicando o artigo *Helder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Helder Câmara - o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://migre.me/Ktlb>. O sítio do IHU também publicou uma entrevista sobre Dom Helder com o historiador da igreja José Oscar Beozzo, intitulada *Dom Helder, pastor da libertação em terras de muita pobreza*, disponível em <http://migre.me/1ttT6>. (Nota da IHU On-Line)

- sou uma filósofa ética feminista;
- se estudo a posição das mulheres ao longo da história do cristianismo, sou uma historiadora da Igreja. Se pergunto *por que* elas foram mantidas nessa posição, sou uma teóloga feminista;
- se estudo as inter-relações entre mulheres, povos indígenas e movimentos ecológicos, sou uma cientista social. Se pergunto *por que* essa inter-relação se baseou na desvalorização e na violência para com os corpos das mulheres e dos povos indígenas e contra o corpo da Terra, sou uma filósofa ecofeminista;
- se faço todas essas perguntas e pergunto que papel o cristianismo desempenhou nisso, sou uma teóloga ecofeminista.

O patriarcado, o domínio dos Pais [Padres], não foi acrescentado à formulação da doutrina cristã. Ele foi introduzido na formulação das próprias doutrinas.

Nós agora temos de lidar com os efeitos do patriarcado e da desvalorização religiosa dos “corpos”, não só sobre as mulheres, crianças e povos indígenas, mas também sobre o corpo da Terra. Esses efeitos são o que passamos a conhecer como “mudança climática”. Eles também exigem uma mudança no clima religioso.

³ Dom Helder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco,

OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE EM WWW.IHU.UNISINOS.BR



“Opção ecológica”: reconhecer o grito de toda a Criação junto ao grito dos pobres

A Criação, defende o diretor do programa de Mudanças Climáticas do Conselho Mundial de Igrejas, Guillermo Kerber, não é algo que só aconteceu no princípio (*creatio prima*), mas também algo que está ocorrendo agora (*creatio continua*). Por isso, ser cristão hoje implica em reconhecer a injustiça ecológica como parte da injustiça estrutural

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Se Deus é “transparente”, como afirmava Pierre Teilhard de Chardin, e permeia toda a Criação - o que alguns definem como panenteísmo, Deus em todas as coisas - a criação é algo contínuo. De uma visão de algo que aconteceu no princípio (*creatio prima*), como relatam os textos do Gênesis, a criação é algo que está ocorrendo agora (*creatio continua*).

Nesse sentido, Guillermo Kerber, diretor dos programas de Mudanças Climáticas e de Assuntos Internacionais, Paz e Segurança Humana do Conselho Mundial das Igrejas, comunidade mundial ecumênica de 349 Igrejas, a “opção ecológica” implica em reconhecer, junto ao grito dos pobres, o grito de toda a Criação. “Uma criação que geme até o dia de hoje”, afirma, parafraseando a Carta aos Romanos.

“Ser cristão hoje na América Latina implica em reconhecer a injustiça ecológica como parte da injustiça estrutural em que a maioria dos nossos povos vive imerso. Por sua vez, uma clara ação pela justiça ecológica em níveis individual, comunitário e social se converte em um imperativo espiritual, ético e político”, defende Kerber. E as mudanças climáticas, explica, são um exemplo dessa injustiça, “porque os que sofrem e sofrerão mais seus efeitos negativos são os mais pobres e vulneráveis”.

Assim, campanhas como o “Tempo para a Criação” e a 10:10:10 são oportunidades para que cada pessoa assuma um compromisso pessoal e faça essa “opção ecológica”. “A ‘mudança dos hábitos cotidianos’ - afirma Kerber - pode ser expressão de uma mais profunda ‘conversão’”, que pode trazer consigo até a morte, como em Francisco de Assis, Chico Mendes ou a irmã Dorothy Stang.

Filósofo e teólogo uruguaio, Guillermo Kerber é também doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp. Atualmente, reside com sua família em Genebra, onde trabalha como diretor dos programas de Mudanças Climáticas e de Assuntos Internacionais, Paz e Segurança Humana do Conselho Mundial das Igrejas. No Uruguai, Kerber foi professor de Ética na Universidade da República e na Universidade Católica, além de ter trabalhado em ONGs vinculadas ao desenvolvimento, à ecologia, ao ecumenismo e aos direitos humanos. É autor de *O Ecológico e a Teologia Latino-Americana* (Ed. Sulina, 2006) e coeditou a edição da revista do Conselho Mundial de Igrejas, *The Ecumenical Review*, de julho de 2010, sobre mudanças climáticas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - De 1º de setembro a 10 de outubro, estamos celebrando o chamado “Tempo para a Criação”, proposto pelo Conselho Mundial de Igrejas como um período de oração e celebração do meio ambiente. Em termos teológicos, qual é o significado do conceito “criação”?

Guillermo Kerber - A Criação é a convivência de fé de que tudo o que existe

foi feito por Deus, que Ele é o Criador, mas, ao mesmo tempo, a partir de uma perspectiva cristã trinitária, junto ao Pai que cria, ao Filho que redime a criação e ao Espírito Santo que a sustenta e vivifica. A Criação, portanto, não é só algo que aconteceu no princípio (*creatio prima*), como relatam os textos do Gênesis, mas também algo que está ocorrendo agora (*creatio*

continua). É caminho para entrar no mistério da Trindade. E é, por sua vez, o fim da história, a escatologia quando Deus será tudo em todas as coisas (1Cor 15, 28).

IHU On-Line - O tema proposto para este ano é “Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado”. Como podemos compreender

esses dois aspectos - celebração e cuidado da Criação - a partir da tradição cristã?

Guillermo Kerber - Neste ano, comemora-se o Ano Internacional da Biodiversidade¹. A riqueza da criação se expressa nas milhares de espécies que povoam o nosso planeta azul. É importante, em chave cristã, reconhecer e celebrar isso, dando graças a Deus por toda a Criação. Os Salmos da Criação são expressão dessa gratidão e louvor (por exemplo, Salmos 8, 19, 139).

Mas, ao mesmo tempo, a criação que floresce se vê ameaçada constantemente pelo desaparecimento de espécies. Essa perda da biodiversidade é, em grande medida, provocada pela ação dos seres humanos. Daí a necessidade de cuidar da Criação. Nós, seres humanos, somos parte dela e, como tais, temos uma responsabilidade para com ela.

IHU On-Line - Como as igrejas em geral, em diálogo ecumênico, podem se inserir nesse debate, especialmente na América Latina? Que perspectivas teológicas podem fundamentar essa “opção ecológica”?

Guillermo Kerber - Uma renovada teologia da criação reconhece, por um lado, um “Deus na Criação” (Jürgen Moltmann²), um Deus que não só está

1 O Ano Internacional da Biodiversidade 2010 é uma campanha global para estimular o mundo a agir pela proteção da biodiversidade. A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2010 como o Ano Internacional da Biodiversidade para conscientizar sobre a importância da biodiversidade para o planeta. A IHU On-Line dedicou sua edição 324 ao tema *Biodiversidade. Abundância e riqueza a serem descobertas*, disponível em <http://migre.me/1ttYQ>. (Nota da IHU On-Line)

2 Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1971 e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação*. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na IHU On-Line n.º 94, de 29-03-2004, disponível em <http://migre.me/1tu6B>. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã*. São Leopoldo, 2003. O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento Abrindo o Livro do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na IHU On-Line número 72, de 25-08-

“A criação não é só algo que aconteceu no princípio, mas também algo que está ocorrendo agora”

além de tudo o que podemos imaginar (transcendência) e é mais profundo do que o mais íntimo do nosso ser (imanência), o que Santo Agostinho³ expressou *poeticamente ao dizer “Deus superior summo meo, intimior intimo meo”*. Deus também é “transparente”, como expressava Pierre Teilhard de Chardin⁴: “O grande mistério do Cristianismo não é exatamente a Aparição, mas sim a Transparência de Deus no Universo”. Os teólogos processuais e as teólogas ecofeministas

2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin, disponível em <http://migre.me/1tu5L>. A edição 23 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, disponível em <http://migre.me/1tu4k>. Nota da IHU On-Line)

3 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line).

4 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do site do IHU, de 16-06-2006, Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, disponível em <http://migre.me/1tuaB>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://migre.me/11DRM>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRu>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

chamam essa presença de “panenteísmo” (Deus-em-tudo, que não deve ser confundido com o panteísmo: tudo é Deus), conceito que é recolhido na América Latina por Leonardo Boff⁵ e Ivone Gebara⁶, por exemplo. E Sallie McFague⁷ vai falar do mundo como o

5 Leonardo Boff (1938-): teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquirição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://migre.me/1tuky>, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://migre.me/1tul2>. Outra contribuição à nossa revista aconteceu na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, com a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://migre.me/1tulH>. (Nota da IHU On-Line)

6 Ivone Gebara (1944): teóloga, doutora em Filosofia com tese sobre Paul Ricouer. Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora em 1967. Em 1973 se transfere para Recife. Durante 17 anos foi professora de Teologia e filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. Assessora de grupos populares, especialmente de mulheres. Professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Escritora de livros e artigos de filosofia e teologia na perspectiva feminista da libertação, dentro os quais destacamos: *Teologia Ecofeminista* (São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1988) e *Longing for Running Waters* (Minneapolis: Fortress Press, 1999). Gebara já concedeu uma entrevista à IHU On-Line, intitulada “A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade” e disponível em <http://migre.me/1tups>. Ao site do IHU, a teóloga concedeu a entrevista “A atitude de condenação do aborto não é da Igreja, Povo de Deus, mas da hierarquia da Igreja”, disponível em <http://migre.me/1tupT>. (Nota da IHU On-Line).

7 Sallie McFague (1933): teóloga feminista norte-americana, mestra pela Yale University e doutora pelo Smith College. É autora, dentre outros, de *Models of God: Theology for an Ecological, Nuclear Age* (1987), *The Body of God: An Ecological Theology* (1993) e *A New Climate for Theology: God, the World and Global*

corpo de Deus.

Por outro lado, nas igrejas latino-americanas, a preocupação pelos pobres, a “opção pelos pobres” e a busca da justiça foram elementos centrais na teologia e na ação pastoral. A “opção ecológica” implica em reconhecer, junto ao grito dos pobres, o grito de toda a Criação (Leonardo Boff). Uma criação que geme (Romanos 8, 22) até o dia de hoje. Pobreza e destruição ecológica vão de mãos dadas. O relatório do Grupo Internacional de Especialistas em Mudanças Climáticas destaca que as comunidades vulneráveis (os pobres, os índios, os habitantes de zonas costeiras, as mulheres etc.) são as que sofrem e sofrerão mais as consequências decorridas das mudanças climáticas.

Ser cristão hoje na América Latina implica em reconhecer a injustiça ecológica como parte da injustiça estrutural em que a maioria dos nossos povos vive imerso. Por sua vez, uma clara ação pela justiça ecológica em níveis individual, comunitário e social se converte em um imperativo espiritual, ético e político.

IHU On-Line - É possível equilibrar o cuidado pela criação e o compromisso pela justiça, pelos mais pobres? Que exemplos de figuras históricas viveram esse equilíbrio?

Guillermo Kerber - Não só é possível: é necessário. O cuidado da criação e o trabalho pela justiça não podem se separar. Os conceitos de justiça ecológica, justiça climática, apontam para a união dessa preocupação e dessa luta. As mudanças climáticas são um exemplo da injustiça, porque, como disse antes, os que sofrem e sofrerão mais seus efeitos negativos são os mais pobres e vulneráveis.

São Francisco de Assis⁸ é uma re-

Warming (2008). (Nota da IHU On-Line).

⁸ São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da *IHU On-Line*, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível em <http://migre.me/1tuch>. O sítio do IHU já publicou diversos artigos sobre Francisco, como *Francisco de Assis*, disponível em <http://migre.me/1tue5>; *São Francisco*

ferência inevitável quanto ao seu testemunho de harmonia com a criação, com o irmão Sol, a irmã Lua, a irmã Água e seu radical seguimento de Jesus no serviço aos mais pobres, como reflete o seu encontro com o leproso. No Brasil, acho que Chico Mendes⁹ ou a irmã Dorothy Stang¹⁰ são exemplos de que o compromisso pela Criação e pelos pobres não é banal e pode trazer consigo a morte. Em muitos países latino-americanos, as comunidades indígenas já não são figuras históricas individuais, mas sim sujeitos comunitários desse compromisso. Na Índia, Vandana Shiva¹¹ mostrou como a preocupação pelo ambiente e pelas mulheres vai de mãos dadas.

Esses são só alguns casos. Em todos os lugares, encontramos exemplos de pessoas e de comunidades, talvez não tão conhecidas, que em sua vida são testemunhas desse amor e desse compromisso com a terra e com os pobres.

de Assis, o ‘poverello’ ainda nos fala, disponível em <http://migre.me/1tuf1>; *Francisco e a opção de servir os últimos. Artigo de Luigi Padovese, bispo capuchinho assassinado*, disponível em <http://migre.me/1tufw>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Chico Mendes (1944-1988)**: seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Lutou contra a extração madeireira e a expansão dos pastos na Amazônia. Acabou assassinado por isso. (Nota da IHU On-Line).

¹⁰ **Dorothy Mae Stang (1931-2005)**: freira norte-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966 iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Sucupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde a sua fundação. Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12-02-2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. O sítio do IHU já publicou diversas entrevistas sobre a Ir. Dorothy, incluindo um extenso depoimento de seu irmão, David Stang, intitulado *Irmã Dorothy: mártir, profeta, mística e santa proclamada pelo povo*, disponível em <http://migre.me/1tuEm>. (Nota da IHU On-Line).

¹¹ **Vandana Shiva (1952)**: física, ecofeminista e ativista ambiental da Índia. Uma das líderes do International Forum on Globalization, Shiva ganhou o Right Livelihood Award em 1993, considerado uma versão alternativa do Prêmio Nobel da Paz. É diretora da Research Foundation for Science, Technology, and Ecology, em Nova Déli. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O “Tempo para a Criação” deste ano se somou à campanha 10:10:10, que busca transformar o dia 10 de outubro de 2010 na data com o maior número de ações positivas de pessoas e organizações contra as mudanças climáticas da história. Que motivação teológica cada pessoa pode ter para mudar seus hábitos cotidianos pela proteção do meio ambiente?

Guillermo Kerber - A pergunta é particularmente pertinente, porque a “mudança dos hábitos cotidianos” pode ser expressão de uma mais profunda “conversão”. A crise ecológica, em seu componente das mudanças climáticas humanamente induzidas, requer uma profunda conversão em vários níveis.

Por um lado, é necessário mudar o paradigma dominante de desenvolvimento que implica em crescimento ilimitado, consumismo e irresponsável geração de resíduos. Esse paradigma, vivido pelas sociedades ricas e as elites dos países pobres é o modelo para os bilhões de pobres em todo o mundo, o que é duplamente perverso, já que destrói a natureza e coloca como objeto de desejo (na maioria dos casos, inalcançável) das massas populares um fim que, por si só, é iníquo.

Por outro lado, é necessária uma “conversão” individual, a *metanoia* dos Evangelhos, uma mudança de mentalidade, uma mudança de valores, uma mudança de atitudes, uma mudança de vida. Gestos simples, de acordo com os contextos, podem veicular essa mudança. Por exemplo, mudar as lâmpadas elétricas de filamento pelas lâmpadas de baixo consumo, privilegiar a mobilidade ecológica (transporte público, bicicletas etc.) em vez do automóvel, reduzir as viagens de avião, cuidar do consumo de água potável etc. Reciclagem do lixo se tornou fundamental em todas as grandes cidades. Em alguns casos, foi geradora de emprego para os *hurgadores*¹² [catadores].

Os países, nos níveis estadual e nacional, devem, por sua vez, promover políticas que fomentem as energias

¹² Esse é um “uruguaiismo” que se refere às pessoas que percorrem os lugares onde é depositado o lixo para selecionar aqueles que podem ser recuperados. (Nota do autor)

renováveis (eólica, solar, geotérmica etc.), o transporte público, o consumo de produtos alimentícios locais etc. A maioria dessas políticas requer fortes investimentos econômicos que os países ou estados pobres não dispõem. A discussão em nível internacional do Fundo de Adaptação das Nações Unidas envolve a garantia de que a transferência de tecnologia seja acessível aos países pobres.

O 10:10:10, o dia 10 de outubro de 2010, é um movimento mundial que busca, com esse número, unir várias manifestações de conscientização e de ação contra as mudanças climáticas. No ano passado, igrejas de todo o mundo tocaram os sinos 350 vezes no dia 13 de dezembro, quando se realizava a Conferência sobre as Mudanças Climáticas em Copenhague. Trezentos e cinquenta se refere ao número máximo de partes por milhão de CO₂ na atmosfera para evitar seu aquecimento. Neste ano, o Conselho Mundial de Igrejas convida igrejas e comunidades a se unirem criativamente ao 10:10:10.

IHU On-Line - À luz teológica e bíblica, como podemos compreender conceitos como “justiça climática” ou “ecojustiça”?

Guillermo Kerber - É importante reconhecer, como expressei antes, que a justiça climática é um aspecto da justiça ecológica e da ecojustiça. Dieter Hessel¹³, por exemplo, afirma que a justiça ecológica envolve a solidariedade com outras pessoas e criaturas na comunidade da Terra, refletindo um profundo respeito pela diversidade da Criação; a sustentabilidade ecológica, isto é, de modos de vida e de trabalho ambientalmente adequados que possibilitem que a vida floresça e que utilizem tecnologias apropriadas

¹³ Dieter Hessel é membro do Center of Theological Inquiry (Princeton, New Jersey), diretor do Ecumenical Program on Ecology, Justice, and Faith e codiretor do Theological Education to Meet the Environmental Challenge (TEMEC) e atua como coordenador de Educação Social e diretor de Política Social da Igreja Presbiteriana dos EUA. É doutor em Ética Social. Dentre outros, é autor de *Theology for Earth Community: A Field Guide* (Orbis, 1996); *After Nature's Revolt: Eco-Justice and Theology* (Fortress, 1992); e, com Rosemary Radford Ruether, *Christianity and Ecology: Seeking the Well-Being of Earth and Humans* (Center for the Study of World Religions, 2000). (Nota da IHU On-Line).

“Deus também é ‘transparente’, como expressava Chardin: ‘O grande mistério do Cristianismo não é exatamente a Aparição, mas sim a Transparência de Deus no Universo’”

social e ambientalmente; a suficiência como um padrão com níveis mínimos e máximos para um consumo equitativo; e a participação social justa nas decisões políticas.

Mas, além disso, enquanto justiça, na justiça ecológica e climática é importante aplicar os critérios da justiça distributiva, da justiça restauradora e da justiça das vítimas.

A justiça distributiva envolve a garantia da equidade na distribuição dos recursos atmosféricos. Nessa dimensão da justiça, a consideração da dívida climática, recentemente desenvolvida conceitualmente, oferece critérios relevantes. A dívida climática afirma que, por um lado, os países industrializados mantêm uma dívida de emissões e de adaptação com os países pobres por causa de suas excessivas emissões (no passado e na atualidade) e por causa de sua contribuição desproporcional aos efeitos das mudanças climáticas. Por outro lado, a dívida climática é também uma dívida com respeito à Terra, que foi destruída irreparavelmente.

A justiça restauradora foi desenvolvida, sobretudo, em relação à justiça familiar e juvenil e tem como chaves o protagonismo da vítima no processo, a relação vítima/vitimário, o envolvimento da comunidade na transformação do conflito. Ela foi utilizada como fundamento teórico de diversas Comissões de Verdade e Reconciliação. No âmbito da justiça climática, essa dimensão da justiça sublinha particularmente os direitos das vítimas das mudanças climáticas.

A justiça das vítimas parte do princípio de que, como diz o filósofo espanhol Reyes Mate¹⁴, sempre houve vítimas, mas até agora elas eram invisíveis, porque eram consideradas como o preço obrigatório da marcha da história. Agora, se tornaram visíveis, e isso significa que entendem sua situação não como algo natural ou inevitável, mas sim como uma injustiça que espera respostas. As vítimas das mudanças climáticas também começam a ser visíveis e a exigir seus direitos. Se, em relação aos direitos civis e políticos, os princípios dos direitos das vítimas incluem o direito ao conhecimento, o direito à justiça, o direito à reparação, o que envolveria os direitos para as vítimas das mudanças climáticas? Em nível teológico, o teólogo alemão Jürgen Moltmann, quando fala da justiça das vítimas, apela à justiça criadora de Deus, que, para além de uma justiça retributiva, reconhece o direito das vítimas.

Em suma, a ecojustiça ou a justiça climática são aspectos particulares da justiça que não podem ser consideradas isoladamente, mas sim em relação estreita com a justiça social, em especial pelo efeito que as mudanças climáticas terão nos grupos vulneráveis e com a justiça econômica, pela vinculação que existe entre mudanças climáticas, sistemas econômicos e modelos de desenvolvimento.

IHU On-Line - Em artigo recente, intitulado “Ecologia e nova cosmologia: implicações teológicas” (disponível em <http://migre.me/1qs11>), o senhor afirma que “um cristianismo ecológico enfatiza que o próximo inclui também seres humanos e não humanos”. Como fundamentar e viver hoje esse modelo de cristianismo?

Guillermo Kerber - O exemplo de São

¹⁴ Manuel-Reyes Mate Rupérez (1942): filósofo espanhol, dedicado à pesquisa da dimensão política da razão, da história e da religião, concretamente da memória, dos vencidos e do papel da filosofia depois do Holocausto e de Auschwitz. Em 2009, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura da Espanha. É autor, dentre outros, de *Memoria de Occidente* (1997); *Auschwitz. Actualidad moral y política* (2003) e *La herencia del olvido* (2008). O sítio do IHU já publicou alguns de seus artigos, como *A autoridade da memória*, disponível em <http://migre.me/1tuWW>, e *A violência que nos amarra*, disponível em <http://migre.me/1tuXL>. (Nota da IHU On-Line)

Francisco, mencionado mais acima, nos abre a essa perspectiva. Dentro da tradição cristã, há uma vertente mística e profética que supera o dualismo grego, que tanto influenciou nossa civilização dominante atual e que contribuiu para a destruição da criação.

Não é crível, por um lado, um cristianismo que proclama que o mandamento novo é o “amor ao próximo” e, ao mesmo tempo, “odeia” na prática o resto da Criação, submetendo-a, explorando-a, destruindo a riqueza da biodiversidade.

Não é crível, por outro lado, um cristianismo “místico” ou, melhor dito, pseudomístico, que insiste em experiências espirituais (?) extraordinárias e relega o pobre que sofre ao nosso lado. Lamentavelmente, na história da Igreja, temos exemplos de ambos.

A mística profética holística, para chamá-la de alguma forma, teve expressões várias. Na América Latina, no meu modo de ver, refletiu-se, por exemplo, nos *Salmos, Vida en el Amor* e outros escritos de Ernesto Cardenal¹⁵, que também podem ser catalogados como mística política.

Mas, no mundo atual, não podemos ficar somente em nossa tradição cristã. Outras religiões nos ensinam também outro modo de relacionamento com a natureza, sublinhando que nós, seres humanos, somos parte dela. Esse ensinamento sobreviveu, apesar da brutal perseguição, nos povos indígenas¹⁶ da

nossa Abya-Yala¹⁷, no reconhecimento e veneração à Mãe Terra, a Pachama-ma das religiões andinas.

E além da nossa América, outras religiões - religiões africanas, o budismo, o hinduísmo - oferecem pistas para reinterpretar o nosso relacionamento com toda a criação.

IHU On-Line - No mesmo texto, você diz que “toda a criação deve ser liberta, começando pelas comunidades mais vulneráveis, os pobres, os índios, levando em conta também as culturas e as espécies que estão desaparecendo”. E sugere que isso seja feito por meio de “um diálogo com a nova cosmologia e a ecologia”. Em que sentido?

Guillermo Kerber - A criação que geme (Romanos 8, 22), da qual falava mais acima, anseia pela libertação. Uma libertação escatológica, que não deve ser localizada no além da história, mas que é, senão, o “já, porém ainda não” em plenitude, como um dos mistérios com os quais a teologia lida.

O desenvolvimento da ciência atual reconhece, há mais de um século (lembramos o Princípio de indeterminação¹⁸ de Heisenberg¹⁹, no auge do século XX, ou a Teoria da Relatividade

Geral²⁰ de Einstein²¹ em 1915), que a ciência não pode ter pretensões absolutas de veracidade. O ensaio e o erro, as teorias da verificação são as formas como a ciência avançou, como mostraram os filósofos da ciência. Mas houve também na história verdadeiras revoluções científicas que implicaram em uma mudança de paradigmas (Kuhn).

Hoje, estaríamos assistindo a uma dessas mudanças, afirmam os que proclamam o advento de uma nova cosmologia, como nova forma de entender o mundo, o universo e o ser humano como parte dele. Byrro Ribeiro²² e Passos Videira²³, por exemplo, afirmam

20 Em física, a relatividade geral é a generalização da Teoria da gravitação de Newton, publicada em 1915 por Albert Einstein e cuja base matemática foi desenvolvida pelo cientista francês Henri Poincaré. A teoria leva em consideração as ideias descobertas na Relatividade restrita sobre o espaço e o tempo e propõe a generalização do princípio da relatividade do movimento de referenciais em movimento uniforme para a relatividade do movimento mesmo entre referenciais em movimento acelerado. (Nota da IHU On-Line).

21 Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Prêmio com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do *Simpósio Terra Habitável*, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da IHU On-Line, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis. João Paulo II. Balanço e perspectivas*, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da IHU On-Line).

22 Marcelo Byrro Ribeiro: professor Associado do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Físico, tem mestrado em Astronomia pelo Observatório Nacional - MCT (1987) doutorado em Física pelo Queen Mary & Westfield College, Universidade de Londres (1992) e pós-doutorado em Cosmologia pelo Observatório do Vaticano, Universidade do Arizona (2001-2002). (Nota da IHU On-Line).

23 Antonio Augusto Passos Videira: filósofo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1986) e doutor em Filosofia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1992). Realizou estudos doutorais na Universidade de Heidelberg (1988-1989) e na Universidade de Paris VII (1989-1992). Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, além de professor colaborador no Pro-

15 Ernesto Cardenal: monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a FSLN. Citamos, entre as publicações de Cardenal, *Evangelio de Solentiname*. Salamanca: Sígueme, 1975; *La Revolución Perdida*, Madrid (Espanha): Editorial Trotta, 2003; *Im Herzen der Revolution*, Wuppertal (Alemanha): Peter Hammer Verlag, 2004; *Antologia poética*, Rosario (Argentina): HomoSapiens Ediciones, 2004; *Catulo y Marcial*. Santiago de Chile: Ediciones Táticas Ltda, 2004. Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133ª de IHU On-Line, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/1tv05>. O sítio do IHU já publicou diversas entrevistas e artigos de Cardenal, como a entrevista “Os cristãos têm que ser críticos com a Igreja”, disponível em <http://migre.me/1tv22>. (Nota do IHU On-Line).

16 Sobre o tema, a IHU On-Line publicou sua edição 331 intitulada *Os Guarani. Palavra e Caminho*, disponível em <http://migre.me/1tv4f>. (Nota do IHU On-Line).

17 Sobre o tema, a IHU On-Line publicou sua edição 340 intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver*, disponível em <http://migre.me/1tv59>. (Nota do IHU On-Line).

18 O princípio da indeterminação ou da incerteza de Heisenberg consiste num enunciado da mecânica quântica, formulado inicialmente em 1927 por Werner Heisenberg, impondo restrições à precisão com que se podem efetuar medidas simultâneas de uma classe de pares de observáveis. De acordo com este princípio, para prever a posição e velocidade futuras de uma partícula é necessário poder medir a posição e velocidade atuais. Para se observar a partícula é necessário fazer incidir sobre ela um raio de luz, por exemplo. (Nota do IHU On-Line).

19 Werner Heisenberg: Físico alemão encarregado do programa nuclear de Hitler. Durante o *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio da humanidade*, realizado na Unisinos em maio de 2006, foi apresentada a peça teatral *Copenhagen*, que teve como temas centrais a questão nuclear, a ética e a responsabilidade dos cientistas, remetendo-se a um misterioso encontro, em 1941, entre os pais da física quântica, Niels Bohr e Werner Heisenberg. (Nota da IHU On-Line)

que noções filosóficas e teológicas são incorporadas na discussão da nova cosmologia construída sobre achados científicos fundamentalmente da matemática, da física e da astronomia. E o historiador Thomas Berry²⁴ vincula a ecologia e a nova cosmologia com um novo relato, uma nova narração que correspondam ao novo momento histórico que a humanidade vive. Para Berry, estamos entrando agora em um novo período histórico, período que poderíamos designar como a era ecológica.

Gregory Bateson²⁵, um dos meus autores favoritos nesse campo, a partir da epistemologia e da cibernética, apela a uma mudança na forma pela qual compreendemos a realidade, a abrir-nos a uma ecologia da mente. Esta complementa a ecologia biológica e a ecologia social e profunda. A primeira, como ciência, já tem quase 200 anos no estudo do organismo vivo e seu entorno. A segunda, para além das controvérsias entre partidários da ecologia social e partidários da ecologia profunda (por exemplo, Bookchin²⁶ versus Naess²⁷), incorpora o ser humano na equação ecológica. A ecologia da mente, por sua parte, propõe uma mudança no paradigma epistemológico-

grama de Pós-Graduação em epistemologia e História das Ciências e das Técnicas da UFRJ e pesquisador visitante no CBPF. Foi pesquisador do Observatório Nacional durante cinco anos e meio (1994-1999). (Nota da IHU On-Line).

24 Thomas Berry, C.P. (1914-2009): um sacerdote católico da Ordem Passionista, historiador da cultura e ecoteólogo, além de cosmólogo e geólogo. (Nota da IHU On-Line).

25 Gregory Bateson (1904-1980): britânico, dedicou-se a vários campos do conhecimento - biologia, antropologia, epistemologia, linguística, psicoterapia. Em todas as áreas deixou sua marca. Desenvolveu estudos antropológicos pioneiros na Nova Guiné e Bali; participou das reuniões da Macy Foundation que deram origem a ciência da cibernética: estudou os golfinhos, foi o Membro do Conselho Universitário da Universidade da Califórnia e Membro Associado da Lindisfarne Association. Dentre seus livros podemos citar Nauren, Steps to an Ecology of Mind e Mind and Nature. Sobre Bateson, a IHU On-Line publicou o artigo Gregory Bateson, pensamento que vive, na edição n.º 108, de 05-07-2004, por ocasião do centenário de seu nascimento, disponível em <http://mi-gre.me/1tvqu>. (Nota do IHU On-Line).

26 Murray Bookchin (1921-2006): escritor anarquista norte-americano, fundador da escola da Ecologia Social. (Nota do IHU On-Line).

27 Arne Dekke Eide Naess (1912-2009): filósofo e ecologista norueguês, inventor da teoria da ecologia profunda. (Nota do IHU On-Line).

“A ‘mudança dos hábitos cotidianos’ pode ser expressão de uma mais profunda ‘conversão’”

co dominante.

Para o teólogo uruguaio Juan Luis Segundo²⁸, que utilizava muito Bateson em seus círculos de estudo, este ajuda a compreender a dinâmica do conhecimento científico, a relação entre teologia e ciência e contribui com a “libertação da teologia”, o título de uma das obras de Segundo.

À medida que aprofundamos as implicações da ecologia e da nova cosmologia, percebemos que é imprescindível uma aproximação holística que inclua a Criação no processo de libertação. Leonardo Boff, acertadamente, como disse antes, coloca o grito da terra junto com o grito dos pobres. Escutar os dois gritos, ou talvez, melhor, um grito que é o eco do outro, é o ponto de partida para uma experiência espiritual que, por suas implicações éticas, traduz-se em uma ação cidadã, social e política.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a crise climática? Há responsáveis? Perdemos nossa capacidade de “conviver”?

Guillermo Kerber - É verdade que a crise climática tem várias dimensões: ambiental, econômica, política, social, cultural. É verdade também que a crise climática, como parte da crise ecológica, está intimamente vinculada a outras crises: a crise da água, a crise alimentar, a crise econômico-financeira dos últimos anos. Essas crises estão inter-relacionadas. Por isso, é ingênuo, senão perverso, tentar resolver uma só sem atacar as outras.

28 Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (*Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa idéia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa*). (Nota da IHU On-Line).

Lamentavelmente, esse foi o caso da crise econômico-financeira. Em 2008-2009, tivemos a ocasião de responder de outra forma, alentando, por exemplo, as energias renováveis, buscando soluções sustentáveis etc. Mas a resposta foi a que conhecíamos há décadas: um impulso à produção, ao consumo, em síntese, à destruição da terra e ao aumento da brecha entre pobres e ricos.

Por isso, a partir de uma perspectiva ética e teológica, embora a crise climática seja global, no sentido de que afetará a todos, nem todos vão ser afetados da mesma maneira, nem todos contribuirão da mesma forma, como já disse. Por isso, a Convenção das Mudanças Climáticas fala de “responsabilidades comuns mas diferenciadas”.

Há uma responsabilidade histórica dos países industrializados por suas emissões. As sociedades desses países e as elites dos países pobres têm uma responsabilidade diante de um estilo de vida que esgota os recursos e vai além da sustentabilidade da Terra. Além disso, no mesmo artigo 3 da Convenção, sob o título de Princípios, apresentam-se outros elementos que devem ser levados em conta: o benefício das gerações presentes e futuras, sobre a base da equidade; as necessidades dos países em desenvolvimento particularmente vulneráveis às mudanças climáticas; o direito a um desenvolvimento sustentável.

Portanto, há responsáveis, há medidas claras a serem tomadas, falta vontade política por parte dos Estados e tomada de consciência e ação concomitante por parte das pessoas e comunidades. Mas, como cristãos, temos esperança. Em milhares de lugares, comunidades se esforçam para viver de forma mais justa, mais fraterna/sororal, mais sustentável para as futuras gerações. Nossos filhos e filhas esperam de nós. Suas vidas e as das gerações futuras estão em nossas mãos. Talvez, isso nos ajude a mudar, a abandonar nosso individualismo, conforto e segurança e apostar efetivamente em um mundo melhor em que caibam todos.

A terra, os pobres, os animais: uma visão ecológica da vida

A Criação é o espaço de vida para todos os elementos do universo. Por isso, afirma o teólogo luterano Haroldo Reimer, há a necessidade de tempos de pausa, de descanso, de ócio. Como diria um famoso pensador judeu, o “sábado da criação abre o mundo para a eternidade”

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Para compreender a natureza como Criação, é necessário partir, justamente, da Bíblia, onde o cosmos é narrado a partir de um ato criador de Deus, conforme o livro do Gênesis. Para o teólogo luterano Haroldo Reimer, pesquisador do Antigo Testamento e defensor de uma “hermenêutica ecológica” dos relatos bíblicos, “a Criação é o espaço cultural engendrado por Deus em meio ao caos”.

Por isso, momentos como o “Tempo para a Criação” ou a Campanha 10:10:10 são espaços de celebração em que “as pessoas e as comunidades de fé podem contribuir com elementos próprios de sua tradição, lida e interpretada à luz das demandas ambientais atuais, para a criação de uma consciência ecológica e a formatação de uma ética ambiental de cuidado”, afirma, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Porém, diante das mudanças climáticas, é preciso buscar um novo ethos ecológico, que ultrapasse o mandato de “crescer e se multiplicar” da Bíblia - que “hoje precisa ser revisto”, segundo Reimer - e que revalorize o outro binômio no conjunto dos textos bíblicos, que ressalta a dimensão do “cultivar e guardar”. Por isso, os pobres, os animais e a terra “devem ser pensados como elementos integrantes de uma mesma grande casa”, defende o teólogo.

Nesse sentido, Reimer propõe uma releitura instigante do relato de Deuteronômio 23, 12-15, em que esgoto e santidade estão intimamente relacionados. Por meio de um gesto muito humano e ao mesmo tempo repugnante, o texto bíblico convida a reconhecer concretamente os resultados da ação humana no ambiente.

Haroldo Reimer é teólogo luterano, doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, da Alemanha, e pós-doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É também professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-Goiás e da Universidade Estadual de Goiás - UEG. Também é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-Goiás. É autor, dentre outros, de *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia* (Oikos Editora, 2006) e *Gênesis - Casa Comum: Espaço da Vida, Cuidado e Felicidade* (Cebi, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em termos bíblicos, qual a importância e o significado do conceito “Criação”?

Haroldo Reimer - O termo “Criação” está profundamente assentado no imaginário religioso ocidental. Trata-se, pois, de um conceito importante. Ele tem a sua base no chamado relato da Criação nos capítulos iniciais do livro bíblico de Gênesis. Trata-se de um texto fundamental para assentar a ideia de que o mundo ou o cosmo, tal como nós o conhecemos, é resultado da ação criadora de um Deus transcendente. Este, num conjunto de ações

criadoras, distribuídas nos seis dias da criação, teria disposto os elementos constitutivos do mundo natural, atribuindo ordem e sentido ao mundo criado. Esses conteúdos marcaram e continuam a marcar o jeito de pensar de milhões de pessoas, que deduzem desse relato um sentido para a sua própria existência e sua relação com o entorno ambiental. Desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, a ideia deste Deus criador foi amalgamada com ideias provenientes do mundo filosófico grego, como, por exemplo, a ideia do motor não movido de Aristóte-

les, o qual é entendido filosoficamente como a causa não gerada de todos os elementos do mundo natural.

Hoje, a partir do estado de questão da pesquisa, se reconhece o relato da Criação no livro de Gênesis como uma narrativa mítica, por meio da qual a comunidade dos antigos hebreus, por meio de seus mentores intelectuais, projeta a origem última de seu mundo, bem como a ordem e o sentido dos elementos existentes neste universo criado pela ação ou palavra criadora de Deus. O mito é entendido aqui em sentido positivo como uma forma de

linguagem da qual se utilizam as religiões e/ou as comunidades para expressar reconhecimentos profundos de sua estrutura cultural. Mitos transcendem culturas determinadas, revelando diálogo com outros grupos. Há sempre elementos justificadores de estruturas presentes nos relatos míticos, reveladores também da estrutura e das relações de poder no tempo da formatação dos relatos.

No relato bíblico, criação é o espaço cultural engendrado por Deus em meio ao caos. Essa dimensão é importante: criação é intervenção no ambiente no sentido de um ordenamento. Há passagens em que o verbo hebraico “criar” designa, por exemplo, abertura de clareiras em meio à mata para a instalação de estruturas que permitem a vida comunitária. Também a ação de instalação de aldeias ou cidades pode ser designado como um ato criador, tendo, neste caso, a ação humana como elemento constitutivo. Em alguns relatos do entorno cultural do antigo Israel, isto é, do mundo do antigo Oriente próximo, a ação de reis metamorfoseada de ação divina resulta na criação de cidades.

No caso das páginas iniciais do livro de Gênesis, o mundo criado, isto é, ordenado pela palavra da divindade, resulta no espaço vital para os humanos em compartilhamento com os demais elementos da Criação, isto é, do mundo natural entendido como criado. Os humanos fazem parte de uma “comunidade da Criação”. Dentro dela, os humanos ocupam posição de destaque, tal como a noção de “imagem e semelhança”. Também ocupam funções de governança. Essa atividade de governança é expressa por modos distintos. Em geral prevalece no imaginário a noção de subjugação e domínio, registrada em Gênesis 1, 26-18. Mas, ao lado dessa atuação autoritária e violenta, outra passagem insiste em dizer que a tarefa dos humanos consiste em “cultivar e guardar”. Este binômio deve ser recepcionado mais fortemente hoje em dia face aos desafios ambientais.

Importante também é reconhecer, que no relato da criação, os elementos da natureza não humana têm seu valor próprio, intrínseco, desvincu-

“No relato bíblico, Criação é o espaço cultural engendrado por Deus em meio ao caos, é intervenção no ambiente no sentido de um ordenamento”

lado de sua funcionalidade em favor dos humanos. O próprio relato, estruturado numa dinâmica de sete dias, é revelador de uma estrutura de tempo. O tempo de trabalho e intervenção no ambiente está restrito a seis dias, devendo prevalecer no sétimo dia um tempo de graça e descanso. Solenemente se afirma no relato que, neste dia, o próprio Deus descansou (hebraico: *shabat*) de seus afazeres, abençoando esse tempo de descanso e ócio ou também de oração e reflexão. Na mentalidade hebraica, com extensa recepção no mundo cristão, o dia de descanso se revela importante como um tempo para a própria criação, isto é, os humanos e o próprio ambiente natural, possam recompor as suas energias. O dia de descanso não está destinado somente para os humanos, mas também os animais e a própria terra devem poder descansar neste tempo especial (cf. Êxodo 20,8-11; Êxodo 23,10-12). Especial destaque sempre é dado também aos pobres. Aqui se revela a noção de que a criação é o espaço de vida para todos os elementos do universo e que, além da necessidade de intervenção constante no ambiente, há a necessidade de tempos de pausa, de descanso, de ócio. Um famoso pensador judeu se expressou dizendo que o “sábado da criação abre o mundo para a eternidade”.

Esses são elementos que podem e devem ser trazidos à memória das pessoas e das comunidades que celebram, refletem e oram pela integridade da criação.

IHU On-Line - O tema proposto para

este ano é *Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado*. Como esses dois aspectos - celebração e cuidado da Criação - podem ser compreendidos bíblica e teologicamente?

Haroldo Reimer - A dimensão celebrativa brota da fé, do reconhecimento profundo de que o mundo existente é fruto da ação criadora, mantenedora e recriadora de Deus. Deriva também da consciência das pessoas e das comunidades que creem em Deus de que elas têm tarefas proféticas e constantemente trazem à memória elementos fundantes da relação dos humanos com o ambiente como expressão de seu próprio modo de crer.

Uma comunidade que celebra pode advertir profeticamente as pessoas e o mundo acerca de sua forma de vida muitas vezes devastadora do ambiente. Por meio da celebração, as pessoas podem lograr obter subsídios para reordenar a sua relação com o ambiente. Nesse sentido, o papel das igrejas e das comunidades de fé é esboçar e projetar possibilidades de vivência e de relações que impliquem em relações de cuidado. O termo “cuidado”, aqui, é entendido como indicador para um paradigma ecológico, resultado de uma “mutação” no jeito de pensar. Indica uma ética de responsabilidade para com as gerações presentes e futuras, como foi bem expresso pelo filósofo judeu-alemão Hans Jonas. Esse é um ideário recepcionado em muitas normas e textos legislativos em países democráticos. Pela celebração, as pessoas e as comunidades de fé podem contribuir com elementos próprios de sua tradição, lida e interpretada à luz das demandas ambientais atuais, para a criação de uma consciência ecológica e a formação de uma ética ambiental de cuidado. Relembrar, por exemplo, que o descanso ou o ócio faz parte da existência humana e que esta não se resume e se plenifica no trabalho incessante, na ininterrupta intervenção no ambiente ou no consumo excessivo, é um serviço importante da celebração. Assim, as duas coisas podem e devem andar juntas: em fé, celebrar pela Criação entendida como dádiva divina e, em ações (respostas), ajudar a propor caminhos de existên-

cia sustentável.

IHU On-Line - O senhor fala de uma “hermenêutica ecológica”. De que forma os relatos bíblicos podem nos inspirar a assumir uma nova postura com relação à Criação? Que relatos “ecológicos” estão presentes na Bíblia e que podem nos servir de inspiração?

Haroldo Reimer - Hermenêutica é um termo muito em uso na atualidade. Alguns autores até dizem que vivemos um tempo hermenêutico. Eu utilizo o termo no sentido clássico de “arte e ciências dos processos interpretativos”. É uma arte, que se pode ter por dom ou que se aprimora pelo cultivo. É algo que lembra a dimensão artística ou o virtuosismo. Nos processos interpretativos, podem ser potencializados elementos ou perspectivas distintas que revelam existencialidades e dimensões históricas do sujeito interpretante.

Falar de uma “hermenêutica ecológica” significa estabelecer um diálogo frutífero entre os desafios ou as demandas das crises ambientais e as projeções utópicas ou heterotópicas de futuro. O elemento fundante é a ideia de que o mundo em que vivemos é o espaço de vida que temos e que precisamos preservar. Essas são noções que derivam de reconhecimentos das últimas três ou quatro décadas, basicamente a partir do momento em que o “mundo moderno” começou a se dar conta da finitude dos recursos naturais. A partir daí se abriu a possibilidade de analisar criticamente a própria ação coletiva dos humanos na “aldeia global”.

Uma hermenêutica ecológica aplicada aos textos bíblicos implica em buscar ler textos bíblicos em perspectiva ecológica, isto é, em sintonia com demandas e crises ambientais e com projeções de vida integral para as gerações presentes e futuras. Aí é o sujeito interpretante que interroga os textos bíblicos acerca de seu potencial ecológico, isto é, se faz a pergunta a respeito de se e como os textos bíblicos revelam reconhecimentos dos antigos acerca de sua relação com o ambiente. Temos que nos dar conta de que se trata de textos pré-modernos,

“Pessoas, animais e terra devem ser pensados como elementos integrantes de uma mesma grande casa”

que podem, contudo, contribuir para a formação de uma consciência ecológica ou de uma ética ambiental.

Há uma série de textos bíblicos que podem ser “garimpados” numa leitura em perspectiva ecológica. Um deles, claro, é o relato da criação em Gênesis. Entender que o mundo criado resulta de atividade de intervenção, mas que essa intervenção deve ser limitada ou balanceada por momentos ou tempos de descanso ou de “graça”, para todos os elementos da Criação. Os tempos de pausa se destinam aos humanos, aos animais e à própria terra (Êxodo 23, 10-12). Deve haver tempos especiais de reestruturação de relações econômicas geradoras de relações de dependência, com remissão ou perdão de dívidas impagáveis e possibilidade de reinício de vida em liberdade (Êxodo 21, 2-11; Deuteronômio 15, 12-18). Aí transparece a importante noção de “gratuidade”, como se evidencia nas palavras (românticas) de Jesus quando sugere olhar os “lírios dos campos”.

Eu tenho insistido em trazer à memória um texto do livro de Deuteronômio (23, 12-15), no qual se estabelece a relação entre esgoto e santidade. Trata-se aí de um tema prosaico relativo às necessidades fisiológicas de toda pessoa. Recomenda-se que, em havendo a vida comunitária, as pessoas busquem lugares fora do acampamento para fazer suas necessidades, cavando buracos para tal. O detalhe interessante no texto, muitas vezes omitido nas traduções, é a recomendação de que, após “fazer o seu serviço”, a pessoa deve ser voltar e ver o resultado. Para mim, este termo “virar-se” ou “voltar-se” é significativo. Trata-se de reconhecer concretamente os resultados de sua ação no ambiente. Aí já se an-

tecipa a noção de “conscientização”, que implica em dar-se conta dos resultados das ações ou das intervenções humanas no ambiente. O termo hebraico derivado do verbo *shub* remete em outros contextos para um processo de mudança de orientação, de conversão, de algo que, depois, em grego, é expresso pelo importante conceito de “metanoia”. O ser humano deve se dar conta dos resultados tantas vezes nefastos de sua intervenção no ambiente. Isso pode abrir a possibilidade de reorientação mais sábia e menos danosa de sua vida individual e coletiva, objetivando, assim, diminuir o peso da “pegada humana” sobre a Terra. Um acampamento higiênico é relacionado com a presença do Sagrado, de Deus. É um texto que liga, pois, santidade com esgoto, podendo ser potencializado para ações individuais e especialmente para ações de políticas públicas preventivas e possibilitadoras de qualidade de vida.

IHU On-Line - Que contribuição as religiões ou a espiritualidade em geral podem trazer para o debate e para novas práticas em torno do cuidado com a Criação?

Haroldo Reimer - A religião é parte integrante da vida cultural. Na chamada modernidade, a religião tende a ocupar um espaço periférico. Entre nós, vivemos antes um renascimento da religião e da religiosidade. Isso não necessariamente é positivo. Contudo, é fato que lideranças de várias expressões religiosas têm envidado esforços no sentido de fomentar a reflexão sobre a dimensão do cuidado com a Criação. Isso envolve o cuidado com o ambiente, mas também o cuidado com as pessoas. Pessoas, animais e terra devem ser pensados como elementos integrantes de uma mesma grande casa. Ecologia comporta dimensões que se estendem do micro ao macro. Com repercussão internacional, devem ser lembrados os esforços por meio de ações do Conselho Mundial de Igrejas. Mas existem muitas iniciativas locais, nas quais se estabelece ligação entre elementos da fé e da espiritualidade e o cuidado com o ambiente. De uma forma geral, nas religiões tem-se redescoberto a dimensão da corporeidade,

superando dualismos seculares e evitando a projeção da noção de salvação para algum momento exclusivamente no futuro vindouro. Com isso, o olhar se volta para as realidades concretas da vida das pessoas e do ambiente.

Há também uma série de iniciativas por parte de ONGs no sentido de fazer experiências, por exemplo, do tipo de economia solidária. Aí, a dimensão da espiritualidade se reflete no meio econômico, que serve como um denominador comum na vida moderna. Em países da Europa, a busca por investimentos sustentáveis muitas vezes vem em decorrência de iniciativas ligadas ao ideário da fé.

IHU On-Line - Diversos analistas afirmam que a crise climática é, no fundo, uma crise ética, com graves implicações sociais. Como o senhor analisa as mudanças climáticas? Perdemos a nossa capacidade de “conviver”?

Haroldo Reimer - No chamado paradigma moderno, a natureza é fundamentalmente um reservatório infinito de recursos para a satisfação das necessidades e dos desejos dos homens, os quais se entendem numa caminhada incessante rumo ao futuro. Isso é revelador também de um paradigma ético, na medida em que indica o modo dominante da relação das pessoas com o ambiente. A percepção das crises ambientais e a conscientização acerca da finitude dos recursos conduzem gradativamente a um novo jeito de pensar, o qual também se concretiza em ações. Com isso, o modo de relacionamento, o ethos, passa por transformações. A necessidade de adaptação e um patamar mais elevado da relação com o ambiente vão formatando uma nova ética.

É difícil ter uma opinião unilateral sobre o tema das mudanças climáticas. Sem dúvida, predomina nos discursos a afirmação das causas antrópicas das mudanças climáticas. E essa tese, em grande medida, é acertada. A partir da Revolução Industrial, houve interferências dos humanos no ambiente em proporções nunca antes havidas, exatamente pela ausência das estruturas tecnológicas de intervenção. Exemplo disso é a curva estatística do número de espécies extintas na mesma pro-

“A necessidade de adaptação às novas condições climáticas pode ser um excelente treino, embora doloroso, para reaprender a dimensão do conviver”

porção do crescimento da comunidade humana sobre o planeta. As emissões de materiais poluentes no ambiente se deram em proporções, em geral, acima das capacidades de absorção natural. O efeito estufa, a chuva ácida etc. são exemplos de resultados desse tipo de intervenção. O desmatamento maciço em certas regiões também provoca ou acelera mudanças no clima.

Contudo, nem todos os fenômenos climáticos podem ser atribuídos diretamente à ação humana sobre o ambiente. Há pesquisadores sérios que vêm mostrando que certas catástrofes naturais evidenciam uma dimensão cíclica. Exemplo disso são terremotos. Nesse sentido, a história humana precisa ser pensada dentro dos parâmetros da história natural. E aí, apesar da intervenção massiva nos últimos 200 anos, o ser humano é um fenômeno relativamente recente, cuja permanência pode também cessar em algum momento futuro.

As mudanças climáticas, com seus efeitos nefastos, geram muito sofrimento em muitos lugares do planeta. Há um forte impacto das mudanças climáticas sobre o meio ambiente, a saúde, a biodiversidade, ameaçando a segurança dos seres humanos. Apesar disso, creio que essas mudanças acabarão por aumentar a sensibilidade das pessoas para com as crises e as “dores” do planeta. Estas demandarão maior capacidade de adaptação, e a condição para isso é a sensibilidade para o ciclo maior da natureza. As dimensões das crises climáticas acabarão também por mostrar novamente a pequenez dos inventos humanos em face das potencialidades do mundo

natural, retirando, talvez, em parte a arrogância humana por conta da confiança na tecnologia.

A necessidade de adaptação às novas condições climáticas pode ser um excelente treino, embora doloroso, para reaprender a dimensão do conviver.

IHU On-Line - Como podemos repensar uma nova relação economia/ecologia a partir de perspectivas bíblico-teológicas? É possível para o ser humano “crescer e se multiplicar” sem “dominar e sujeitar” a Criação?

Haroldo Reimer - A dominação e a exploração desenfreadas do ambiente não são só uma questão do aumento populacional. Têm muito a ver com o modo de organização da vida em coletividade e, claro, com o volume do consumo. Nesse sentido, a relação entre o consumo per capita nos Estados Unidos e na Índia tem diferença de algumas centenas de vezes. Isso é um elemento indicativo. O aumento populacional, contudo, não pode ser negligenciado nessa conta, pois, por meio da ação propagandística da grande mídia, acontece uma espécie de “democratização” ou internacionalização do modo de vida americano. E isso acaba por gerar demandas de produção e consumo que intervêm diretamente no ritmo de exploração do ambiente.

O mandato de “crescer e se multiplicar” da Bíblia é enunciado para dentro de um mundo no qual o ambiente constituía um desafio e uma ameaça. Hoje, ele precisa ser revisto, pois a relação se inverteu. O ser humano se tornou uma ameaça efetiva ao ambiente. Por isso, também no campo religioso é necessário conversar aberta e criticamente sobre reprodução humana. Essa é uma questão que não pode ser relegada simplesmente a ações voluntárias ou a políticas públicas sem a participação dos segmentos religiosos. O crescimento populacional aliado com a elevação dos padrões de consumo implica necessariamente em “dominar e sujeitar”. Aliás, este é o binômio bíblico mais apreciado pelo paradigma da modernidade técnico-científica. Omite-se quase por completo a existência de outro binômio no conjunto dos textos bíblicos que ressalta a dimensão do “cultivar e guardar”. “Cultivar” implica em interferir no ambiente natu-

ral; é sinônimo de trabalho. Biblicamente até expressa o trabalho duro, similar ao trabalho de um servo. A raiz verbal dos termos é igual. O termo “guardar” expressa plenamente a dimensão do que hoje chamaríamos de uma ética da responsabilidade na linha proposta por Hans Jonas. Implica em ações que buscam resguardar o ambiente e o ciclo da vida em suas dimensões ecossistêmicas, incluindo as gerações presentes e futuras. Esse é binômio que deve ser ressaltado em qualquer ética ambiental de matriz ou influência judaico-cristã.

Defender a vida é defender a vida também em sua dimensão ecossistêmica e não somente na dimensão individual. A crítica ao paradigma do crescimento ilimitado e desenfreado deve também ser realizada no âmbito do crescimento populacional.

IHU On-Line - Em seu livro *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia*, o senhor aborda uma “espiritualidade ecológica” a partir dos Salmos. O que seria essa espiritualidade? Como vivê-la hoje?

Haroldo Reimer - O livro *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia* é uma coletânea de artigos que fui escrevendo para diferentes periódicos nos últimos anos. Trata-se de uma espécie de “garimpagem” de textos bíblicos, inquirindo-os quanto à sua potencialidade para ajudar na promoção e na emergência de um paradigma ecológico. Por trás disso, está o reconhecimento de que a fé judaico-cristã, além de haver contribuído com vários elementos para a estruturação do paradigma moderno de caráter predatório, também contém elementos que ajudam a pensar a relação do ser humano com o ambiente no sentido ecológico, dentro de uma ética do cuidado e da responsabilidade.

Dentro do paradigma da modernidade, que ainda marca nosso modo de ser dominante, pode-se basicamente afirmar o seguinte enunciado como representativo das opiniões compartilhadas na modernidade: a terra é uma grandeza a ser dominada e explorada em favor dos seres humanos. Esse enunciado necessita de uma completa *re-visão* e deveria ser expresso nos seguintes termos: a terra é a casa comum de todos os seres vivos e do

“A terra é a casa comum de todos os seres vivos e do próprio Deus, e cada qual tem responsabilidades de cuidado”

próprio Deus, e cada qual tem responsabilidades de cuidado. Repensar e (re) viver esses conceitos é um grande desafio que deve ser realizado no conjunto de ações educativas de ordem inter ou transdisciplinar. As religiões, a fé, a espiritualidade podem e devem dar a sua contribuição, e pode-se dizer que têm (ainda) muito a dar. No meu entender, uma das principais contribuições reside na redescoberta de *elementos de sabedoria e espiritualidade* no sentido da percepção das multiformes *ligações e necessidades de religião* do ser humano com a Criação e com o próprio Criador. O novo que ainda está em processo de construção inclui e pressupõe um novo paradigma para vivermos como criação de Deus, cuidando-nos mutuamente. Aí se trata de uma espiritualidade.

Os Salmos bíblicos evidenciam grande diversidade de temas para a oração e a contemplação. Por exemplo, o Salmo 104 pode ser considerado, sob o prisma de seu valor poético, como um dos mais belos do Saltério. Ele constitui um hino à natureza, reprisando elementos que se encontram nos relatos de criação no livro de Gênesis. A linguagem está vazada em linhas estritamente precisas e traçadas com sobriedade. Em termos de conteúdo, é de fato o Salmo que melhor expressa a dimensão de Yahveh como o Deus criador de toda a Criação. De uma maneira bela e extremamente poética, evidencia-se a concepção de uma inter-relação entre Deus e toda a criação. Aqui se manifesta a consciência dos antigos israelitas acerca da profunda relação vital de dependência da humanidade e de toda a Criação em relação a um poder originário, identificado e celebrado como o próprio Deus de Israel. A

“teologia da criação”, descrita neste Salmo, possivelmente apresenta traços ecumênicos, na medida em que o Salmo toma de empréstimo elementos do hino ao sol do rei egípcio Akhenaton, do século XIV a.C., devidamente retrabalhados a partir de uma perspectiva da fé hebraica em Yahveh, como sendo o único Deus poderoso.

Viver tal espiritualidade de ligação é uma demanda no tempo atual. Há muitas formas de experimentar isso. Um passo necessário é o exercício de sensibilidade, que depende do nível de consciência de cada pessoa. Trata-se também de perceber em que medida eu, como indivíduo integrante de um todo maior, contribuo para aumentar ou diminuir crises ambientais; claro, aquelas de reconhecidas causas antrópicas. Aí a constatação do apóstolo Paulo em sua Carta aos Romanos pode servir de alerta: “Toda a Criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Romanos 8, 23).

Na espiritualidade, trata-se também de se perceber a si mesmo como integrante de uma rede maior de relações de produção e consumo. A própria necessidade de sobrevivência impõe ininterrupta intervenção sobre o ambiente. Os humanos são seres de combustão. Alimentam-se de outras formas de vida para sua própria manutenção. As intervenções, contudo, podem ser diferentemente moduladas. A “pegada humana” sobre o ambiente pode ser mais pesada ou mais leve. O nível do impacto depende do modo como se pisa! Depende do modo como a pessoa concebe a sua relação com o seu entorno ambiental. Há formas mais predatórias de organizar a vida em sociedade e há formas menos predatórias. No fundo, depende do exercício de sabedoria e de espiritualidade. Há sempre um componente de espiritualidade no prato de comida que eu como, na escolha dos ingredientes. As pessoas vegetarianas, ou as expressões religiosas que abdicam do consumo de alimentos que implicam em tirar a vida de outros seres, costumam ter uma reflexão espiritual mais apurada com relação à sua forma de consumo dos bens naturais. Aí há o que aprender.

IHU On-Line - A campanha 10:10:10, unida à proposta do “Tempo para a Criação” busca transformar o dia 10 de outubro de 2010 na data com o maior número de ações positivas contra as mudanças climáticas da história. Que figuras históricas - bíblicas ou não - podem nos servir de exemplo como pessoas que colocaram em prática “formas de vida sustentáveis” em seu cotidiano e em sua vida de fé?

Haroldo Reimer - Toda campanha que contemple iniciativas teóricas ou práticas em favor de um ambiente saudável são bem-vindas. Essa proposta de visibilizar ações no dia 10 de outubro de 2010 pode ser uma excelente forma de exercício de espiritualidade ecológica. Como exercício, será algo efêmero; durará o tempo do dia, se no dia seguinte não começar a se converter em hábito.

É difícil encontrar figuras bíblicas que colocaram em prática “formas de vida sustentáveis”. Noé é uma figura ambígua (Gênesis, 6 a 9). Recolhe os animais na arca, preservando espécies, mas silencia o todo tempo sobre a crise vindoura. Sempre achei legal o entendimento entre Abraão e Ló quando perceberam que o espaço natural é pequeno demais para ambos viverem; por isso decidiram dividir-se, encontrando cada qual seu novo espaço. A prevenção da concentração é uma forma de pensar ecologicamente.

Há um texto que sempre me ocorre como exemplo de pensamento ecológico e de sustentabilidade. Em Êxodo 23, 10-11, é proposto que ao homem é legitimamente concedido cultivar a terra e recolher os seus frutos. Aí se trata da atividade da produção. Mas o ritmo produtivo e explorador deve ser temporalmente limitado a seis anos, devendo o sétimo ano ser um tempo de “descanso sabático”, isto é, de interrupção deliberada do ritmo produtivo. O texto indica três finalidades: a) primeiro, é dito que a própria terra deve poder descansar. Isso é estranho ao nosso modo de pensar, pois estamos acostumados com a ideia de que a terra deve somente servir para a satisfação de nossas necessidades (e desejos); b) em segundo lugar, os pobres devem poder colher o que nascer por conta própria no sétimo ano, tendo uma provisão extra além de sua limitada alimentação

usual; c) em terceiro, indica-se que os animais do campo devem poder comer do que sobrar. Explicitamente se inclui aí os animais do campo dentro de um ciclo ecológico. Três seres ameaçados em sua existência devem ser contemplados no modo de se organizar a vida em sociedade: a terra, os pobres e os animais. Isso é o que se pode chamar de uma “visão ecológica” da vida. Os interesses são limitados pela integridade da vida e da Criação.

Há certamente figuras históricas que são ícones de vida sustentável. Francisco de Assis¹ é uma delas. Mahatma Gandhi² é outra. Mas não só essas figuras-ícones devem ser tomadas como exemplos. Há muitas pessoas anônimas que dão cotidianamente sinais e exemplos de formas de vida e de produção sustentável. Cresce, por exemplo, a rede de produtores agroecológicos. Na medida em que as redes de comunicação colocarem em evidência esses sinais e essas figuras, o paradigma ecológico pode experimentar um efeito quântico. Na quase absoluta fragmentação das relações na modernidade, a ação do indivíduo pode ser de importância fundamental. Há que ousar viver melhor, e o melhor nem sempre é o maior.

¹ São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível em <http://migre.me/1tuch>. O sítio do IHU já publicou diversos artigos sobre Francisco, como *Francisco de Assis*, disponível em <http://migre.me/1tue5>; *São Francisco de Assis, o ‘poverello’ ainda nos fala*, disponível em <http://migre.me/1tuf1>; *Francisco e a opção de servir os últimos. Artigo de Luigi Padovese, bispo capuchinho assassinado*, disponível em <http://migre.me/1tufw>. (Nota da IHU On-Line)

² Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, freqüentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não-violência (*ahimsa*). (Nota da IHU On-Line)



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

“É preciso parar os relógios e anunciar um ‘tempo para a criação’”

“O Tempo para a Criação é a expressão da espiritualidade e da vontade coletiva de desfazer o nó do capitalismo e sua roda dentada”, defende a teóloga Nancy Cardoso Pereira. É preciso dar um “tempo para a Criação” e ser capaz de deixar o planeta viver sem a pressão do “tempo para o lucro”

POR MOISÉS SBARDELOTTO

P arar os relógios e deixar o planeta viver sem a pressão do “tempo para o lucro”. Para a teóloga Nancy Cardoso Pereira, o Tempo para a Criação é justamente “a expressão da espiritualidade e da vontade coletiva de desfazer o nó do capitalismo e sua roda dentada”. Por isso, é um tempo para superar “um modelo econômico que calcula tempo e dinheiro na redução da natureza como matéria prima e na redução do trabalho em extração de mais-valia”, afirma, na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Isso encontra ressonância ainda nos primórdios da civilização, explica Pereira, conforme relatado pelo livro bíblico do Gênesis, que “aponta para a dinâmica do ‘descanso’ como parte integral do processo da criação-em-criação”. Esse processo, segundo ela, recupera tradições e modos de vida que podem animar este “outro tempo possível”. “Esse ‘tempo para criação’ é também tempo de festa, de celebração como período de ‘bem-viver’ (sumak kawsay) para todos, todas e tudo”, diz. Esse desejo de conviver não é, portanto, um chamado ao passado ou um romantismo utópico, mas é “fruto de lutas e consensos que vão sendo construídos a partir de outros modos de vida e relação”.

Nancy também critica a “falsa conexão entre mulher e natureza nas teologias patriarcais”, pois elas explicitam o “projeto comum de dominação sobre a natureza e sobre as mulheres que se perpetua, ainda hoje, de forma mais ou menos sofisticada nos monólogos teológicos dos senhores teólogos”. É preciso, portanto, superar o elogio da natureza feminina ou a celebração de uma suposta proximidade da mulher com/na natureza.

Por outro lado, projetos como a campanha 10:10:10, que fomentam os pequenos passos, “são vitais, mas precisam se relacionar com práticas comunitárias e escolhas estruturais da vida em sociedade”. Por isso, “fechar a torneira enquanto se escova os dentes, enfrentar a Syngenta e a Aracruz e denunciar a bancada do agronegócio em sua fúria devoradora de florestas são ações positivas que exigem mudança de hábitos cotidianos”, explica.

Teóloga e filósofa, Nancy Cardoso Pereira é mestre e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, e pós-doutora em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente, é professora e coordenadora no Curso de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Severino Sombra, do Rio de Janeiro. Membro do conselho editorial da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, é também agente da Comissão Pastoral da Terra - CPT. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância de celebrarmos um “Tempo para a Criação”, conforme proposto pelo Conselho Mundial de Igrejas?

Nancy Cardoso Pereira - O tempo de criação não se refere a um tempo primeiro de origem-originária. O tema da

campanha é “Time for Creation”, isto é “Tempo para Criação”, afirmando o caráter processual da vida em todas as suas dinâmicas e, de modo vital, as relações de relações - antigas e novas - de interação e de renovação entre seres vivos e ambiente. Essas relações

têm sido pressionadas historicamente por um modelo econômico que calcula tempo e dinheiro na redução da natureza como matéria prima e na redução do trabalho em extração de mais-valia. O “Tempo para Criação” é, para mim, a expressão da espiritualidade e

da vontade coletiva de desfazer o nó do capitalismo e sua roda dentada. Dar um “tempo para criação”, criar mecanismos de defesa e ser capaz de deixar viver o planeta sem a pressão do “tempo para o lucro”.

Hoje não se sustenta mais a ideia de que o crescimento da produção e a ampliação do consumo - equacionados na base do tempo-dinheiro - sejam sinônimos de bem-estar e de que todos os habitantes do planeta poderiam se beneficiar. A terra não respira e os trabalhadores e as trabalhadoras também são imersos na lógica do curto prazo. Por isso, hoje é preciso interromper os relógios e anunciar o “Tempo para Criação”.

IHU On-Line - O tema proposto para este ano é “Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado”. Como podemos compreender esses dois aspectos - celebração e cuidado da Criação - a partir da tradição cristã?

Nancy Cardoso Pereira - No livro de Ivoni e Haroldo Reimer, *Tempos de Graça* (São Leopoldo: CEBI/ Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999), somos apresentados ao projeto do Ano Jubileu como tempo de descanso e recriação das relações: o descanso do sábado para o ser humano e os animais, a cada sete dias; o descanso da terra a cada sete anos; a libertação de escravos e escravas no sétimo ano; o perdão de dívidas, a cada sete anos; o jubileu propriamente dito a cada 50 anos chegando até o jubileu proclamado por Jesus.

Acho esta uma intuição muito importante que aponta para a dinâmica do “descanso” como parte integral do processo da criação em criação como no poema do Gênesis 2, 2: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito”. Também entre os Bororo¹ cada família possui um pedaço de terra e é responsável por ela enquanto a usa. Ao final de quatro ou cinco anos, eles se mudam, para que a terra entre num processo de descanso... Assim, esse

¹ Bororo: tribo indígena brasileira do estado do Mato Grosso e também nome da língua falada por essa tribo. Seu tronco linguístico é o Macro-Jê, autodenominada Boe. Os Bororo também são conhecidos pelos nomes de “Coroados” ou “Parrudos”. (Nota da IHU On-Line)

“O Tempo para a Criação é a expressão da espiritualidade e da vontade coletiva de desfazer o nó do capitalismo e sua roda dentada”

processo recupera tradições e modos de vida que podem animar este “outro tempo possível”. Esse “Tempo para Criação” é também tempo de festa, de celebração como período de “bem-viver” (*sumak kawsay*)² para todos, todas e tudo.

IHU On-Line - Em um artigo recente (*My People Shall Be as Trees: Commitment and Biblical Interpretations from Brazil*)³, disponível em <http://migre.me/1qto6>, a senhora afirma que a fome da maioria e a destruição do planeta Terra são “necessidades de todos”, ou seja, grandes problemas de todos ainda a serem resolvidos. Como essas “necessidades” estão relacionadas? Quais as contribuições da teologia para abordá-las?

Nancy Cardoso Pereira - Nunca o mundo teve tanta capacidade de produção de alimentos! Mas a fome continua rondando 1 bilhão de pessoas no mundo. As grandes indústrias de alimentos continuam devorando terras, sementes e águas, fazendo fortuna para minorias do planeta. Os processos produtivos do agronegócio são extremamente destrutivos e não respondem às necessidades de todos e todas. Comemos mal e somos inundados pela lógica do “tempo para o lucro” do fast-food. O Tempo para a Criação é hoje um desafio para repensar os processos de alimentação e de retroalimentação

² Sobre o tema leia a revista IHU On-Line número 340, de 23-08-2010, intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver* e disponível em <http://bit.ly/cZxLYo> (Nota da IHU On-Line)

³ Em tradução livre “Meu povo será como as árvores: Compromisso e interpretações bíblicas do Brasil”. (Nota da IHU On-Line)

dos seres e da humanidade.

Nem as respostas fáceis do controle populacional, nem as respostas mentirosas das saídas científicas controladas pelo mercado podem sustentar um compromisso corajoso com as fomes (da humanidade e do planeta). As estratégias capitalistas para mudança sob controle do mercado querem fazer passar o camelo pelo buraco da agulha..., aumentando o buraco da agulha. Mas, no espírito da Campanha da Fraternidade de 2010⁴, já sabemos que não dá pra servir a dois senhores: a integridade da terra e a rentabilidade do capitalismo.

Nas pesquisas que desenvolvo no Programa de História Social da Universidade Severino Sombra - USS, do Rio de Janeiro, trabalho com os jornais operários do início do século XX, no que se chama processo de formação do capitalismo industrial no Brasil e da classe operária. Minha pergunta tem sido sobre a questão agrária e agrícola. Nesse período, a renda da terra representa um resíduo da mais-valia sobre o lucro médio capitalista obtido na exploração agrícola. Os setores da oligarquia agrária e industrial se estranharam nas disputas políticas, mas prevalecendo os interesses de classe - mesmo quando não coincidentes -, sem desestruturar os poderes na terra e da terra por parte dessas elites. O que chama a atenção é que também na formação da classe operária, nos seus discursos e manifestos e nas suas práticas políticas, a questão da terra não aparece como prioridade. A questão agrário-camponesa, mantida como secundária pelos movimentos urbanos de operários, ainda hoje tem reflexos negativos que se expressam na política minimalista do governo Lula, tanto na questão da reforma agrária como nas políticas ambientais. Assim temos impasses históricos importantes na história do Brasil que inviabilizam, ainda

⁴ A Campanha da Fraternidade de 2010, realizada em conjunto com outras denominações cristãs, de forma ecumênica, tem como tema Economia e Vida, com o lema “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”. A Campanha da Fraternidade é promovida anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No ano de 2010 esta campanha está sendo realizada em conjunto com o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, uma organização ecumênica que congrega diversas igrejas cristãs. (Nota da IHU On-Line)

hoje, consensos decisivos no meio das lutas populares.

Precisamos de um outro modelo de civilização. Uma outra estrutura agrária e agrícola é possível, que garanta soberania alimentar sem comprometimento dos ecossistemas. Na luta das mulheres camponesas da Via Campesina, encontramos essa formulação da utopia a partir de práticas e modos de vida. A Teologia precisa se acercar dessas práticas e modos de vida, encontrar seus materiais no canteiro e no prato da vida do povo e também do diálogo com a História, a Antropologia e outros saberes.

IHU On-Line - A senhora também explica como o capital, o mercado e o patriarcado moldaram grande parte da história religiosa, especialmente cristã, também com relação ao meio ambiente. Que perspectivas teológicas nos auxiliam a superar essa tríade?

Nancy Cardoso Pereira - A falsa conexão entre mulher e natureza nas teologias patriarcais deixam ver o projeto comum de dominação sobre a natureza e sobre as mulheres que se perpetua, ainda hoje, de forma mais ou menos sofisticada nos monólogos teológicos dos senhores teólogos. A visão da natureza como recurso ilimitado que pode ser sempre tirado e tirado se articula com o trabalho da mulher/doméstica que é trabalho não-pago e movido a sacrifício. Estas são as duas formas básicas de extração de mais-valia, de acumulação básica. O cotidiano das maiorias, de modo especial, e das maiorias de mulheres, em particular, é de alienação e violência de seus corpos na relação com o corpo do mundo - também alienado e violentado.

A superação/enfrentamento desse sistema de controle-disciplina-exploração não se dá pelo elogio da natureza feminina, ou pela celebração de uma suposta proximidade da mulher com/na natureza. O desafio é de identificar ou criticar os modelos históricos e econômicos de subserviência e a prática política cotidiana (macro, micro). A superação possível está na busca conjunta (de classe e de gênero e de etnias...) por outras formas de bem-viver. A teoria, o método e as car-

“Leonardo Boff é profeta capaz de se reinventar na compreensão de que o paradigma opressão/libertação”

nes desta teologia estão no real vivido das maiorias.

Retomo a fala de Ivone Gebara: “A vida cotidiana é o real vivido e é a partir dele que temos que tentar buscar o bem comum”. A preguiça com que muitas teologias neopatriarcais entre nós descartam a Teologia da Libertação⁵ se dá exatamente pela segunda milha que o caminho com os empobrecidos e empobrecidas exige de nós: da recriação no cotidiano das relações de poder homem/mulher (na Igreja!, na teologia!, nos movimentos!, na vida!), do compromisso nos processos de luta de classes e suas novas formatações, na criação de estilos de vida que neguem e resistam ao capitalismo e sua febre de consumo.

Os teólogos não se arriscam com uma teologia que não garanta mais para eles mesmos - como classe e gênero - os mecanismos de controle e poder do antropocentrismo e do patriarcalismo. Preferem o caminho reformista da teologia que se acomoda na academia ou nas variações de uma teologia pública (sem luta de classes!).

Hoje, parte do cristianismo inserido no capitalismo de consumo desistiu de fazer as perguntas honestas e radicais que o evangelho de Jesus nos faz... As respostas às dramáticas necessidades das maiorias pobres do planeta se expressam em projetos assistencialistas e caritativos que preferem seguir garantindo as necessidades da

sobrevivência das institucionalidades, inclusive as igrejas.

Uma outra parte de cristãos não incluídos plenamente no capitalismo e mesmo as maiorias excluídas respondem com teologias da prosperidade, que é também uma teologia da propriedade que coloca as necessidades sociais na dimensão do individualismo das trocas com a divindade, o mercado. Não há uma resposta organizada às necessidades..., mas sim uma objetivação do sujeito, de modo a inseri-lo nos mecanismos de consumo.

Aqui, Leonardo Boff é profeta capaz de se reinventar na compreensão de que o paradigma opressão/libertação aplica-se tanto para as classes dominadas e exploradas como para a Terra e suas espécies vivas.

IHU On-Line - Uma das datas chaves do Tempo para a Criação é o dia 4 de outubro, dia de Francisco de Assis, na tradição católica. Como podemos compreender, teologicamente, a pobreza voluntária e a relação com a natureza vividas por Francisco?

Nancy Cardoso Pereira - “A irmã água, a qual é muito útil e humilde e preciosa e casta!”, cantada por Francisco de Assis, hoje está sequestrada pelas indústrias como Nestlé, Coca-cola e Suez. A irmã água, igualada na humildade e castidade de uma virgem, acaba sendo presa fácil dos projetos tempo-dinheiro. A dimensão de utilidade e preciosidade se expressa na forma da água-mercadoria e na privatização do que o capitalismo chama de “recursos hídricos” e que os movimentos populares e camponeses insistem em chamar de água: bem comum... sempre irmã!

Desafiam-nos a poesia/profecia de vida de Dom Cappio, na defesa do Rio São Francisco, e na luta das mulheres da Via Campesina, na defesa da biodiversidade e da água na Bolívia ou em Uganda. Também na cantoria do Gogó da Comissão Pastoral da Terra - CPT que nos convida a “colher a água” e lembrar dos passarinhos: “Você ainda vai lembrar dos passarinhos / E dos bichinhos que precisam de beber / São dons de Deus, nossos irmãos, nossos vizinhos / Fazendo isso honrará a São Francisco”.

⁵ **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Diversos analistas afirmam que a crise climática é, no fundo, uma crise espiritual e ética, com graves implicações sociais. Como a senhora, a partir da teologia, analisa as mudanças climáticas? Perdemos nossa capacidade de “conviver”?

Nancy Cardoso Pereira - A crise climática é, no fundo, uma crise climática mesmo, comprometendo as condições objetivas e subjetivas de reprodução de todas as formas de vida. Nesse sentido, não há uma crise e outra. O que estamos aprendendo é que nossas formas de espiritualidade têm uma profunda conexão com a saúde do todo, dos sistemas de vida.

Aprendi a orar assim com Ivone Gebara: “Graças a Deus, choveu no sertão. Graças a Deus, o milho brotou. Graças a Deus, o gado não morreu. Graças a Deus, estou curada. Deus, como chuva, milho, gado vivendo, cura... Deus, como esmola, ajuda, pão. Deus, como pedindo em mim, pedinte nos outros (as). Deus, como comida. Deus, como carência, sem onipotência nem ciência... Deus, como trabalho, casa, companheiro... quebra minha solidão, grita comigo, suspira comigo, busca comigo”.

Nossa convivência com a natureza se dá no supermercado, disciplinada pela ordem das prateleiras, promoções e produtos. Ou consumimos a natureza na forma do turismo, no consumo da paisagem *prêt-à-porter*. Já nem estranhemos nossa alienação em relação à terra e às águas, ao território, ao planeta. Nosso corpo pessoal, desconectado do corpo social e do corpo do mundo, espera ser redimido pelas promessas do consumo num complexo mecanismo de alienações erótica, ecológica e econômica. Sem terra somos todos, as majorias, e já nos acostumamos e aceitamos a racionalidade da propriedade privada como natural e essencial.

A crise espiritual e ética é também uma crise do modelo de apropriação do mundo pelas regras da propriedade privada que é antiética e idolátrica, porque coloca fora da história e da sociedade as legitimidades de posse do mundo. O desejo de conviver precisa se articular, então, com a ruptura da ordem da propriedade na afirmação dos direitos da

“O Tempo para a Criação é hoje um desafio para repensar os processos de alimentação e retroalimentação dos seres e da humanidade”

terra e o direito dos povos.

Esta outra convivência dos corpos sociais com o corpo do mundo está bem expressa no *sumak kawsay* e nos modos de vida - tradicionais e contemporâneos - dos povos indígenas. Esse desejo de conviver nesse sentido não é um chamado ao passado, um romantismo utópico, mas é fruto de lutas e consensos que vão sendo construídos a partir de outros modos de vida e relação.

IHU On-Line - O “Tempo para a Criação” deste ano também se soma ao Ano da Biodiversidade, proposto pela ONU para 2010. Em ecossistemas tão ricos e variados como os presentes no Brasil, qual seria, em sua opinião, a nossa responsabilidade ética e espiritual perante essa herança compartilhada?

Nancy Cardoso Pereira - O Ano da Biodiversidade da ONU é muito importante, mas as contradições dos espaços da política internacional nem sempre permitem que se possa discutir e intervir em processos de pirataria e exploração. Não há contradição entre a luta política contra o capitalismo e a busca da espiritualidade. Nas contradições e tradições das lutas latino-americanas por terra-pão-liberdade, vamos reformatando os nomes e as relações do projeto popular como exercício sempre necessário.

Repito com Mariátegui⁶: “A burgue-

⁶ José Carlos Mariátegui La Chira (1894-1930): jornalista peruano, filósofo político e ativista. Foi um escritor prolífico até a sua morte prematura, aos 35 anos de idade. É considerado um dos socialistas latino-americanos mais influentes do século XX. Algumas de suas obras foram traduzidas para a língua portuguesa: *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (São Paulo: Boitempo, 2005), *Por um socialismo indo-americano* (Rio de Janeiro: UFRJ, 2005); *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (29ª edição mundial). São Paulo: Editora

sia entretém-se numa crítica racionalista do método, da teoria, da técnica dos revolucionários. Que incompreensão! A força dos revolucionários não reside na sua ciência e sim na sua fé, na sua paixão, na sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do Mito. A emoção revolucionária, tal como escrevi num artigo sobre Gandhi, é uma emoção religiosa”.

As palavras novas e antigas não podem ser simplesmente justapostas, mas precisam dessa paixão capaz de soletrar ecofeminismo ou ecossocialismo. Essas lutas se expressam na prática da defesa das sementes crioulas. Assim a conversa concreta sobre biodiversidade precisa nomear e enfrentar as empresas gigantes do setor (Monsanto, Syngenta, Bayer, CropScience (ex-Aventis), DuPont e Dow AgroSciences).

O testemunho que vem dos camponeses do Haiti é importante: diante da notícia de que a Monsanto doará 60 mil sacos de sementes (475 toneladas) de sementes de milho híbrido e sementes de vegetais, alguns deles tratados com pesticidas altamente tóxicos, o Movimento Camponês de Papay comprometeu-se com a queima de sementes da Monsanto e apelou para uma marcha de protesto contra a presença da corporação no Haiti, o que aconteceu em 4 de junho de 2010, Dia Mundial do Ambiente. A entrada de sementes da Monsanto no Haiti é considerada pelos camponeses e camponesas um ataque muito forte na pequena agricultura, sobre os agricultores, sobre a biodiversidade e as sementes crioulas, e sobre o que resta do ambiente no Haiti.

IHU On-Line - Outro eixo de trabalho do “Tempo para a Criação” é a campanha 10:10:10. Que motivação teológica cada pessoa pode ter para mudar seus hábitos cotidianos em prol do meio ambiente?

Nancy Cardoso Pereira - Quando se chama para uma espiritualidade de redes e de totalidades com a natureza, não nos desfazemos do compromisso da luta política nem nos conforma-

Alfa-Omega, 1975 (esgotada). Tradução de Salvador Obiol Freitas; entre outras. (Nota da IHU On-Line)

“Parte do cristianismo inserido no capitalismo de consumo desistiu de fazer as perguntas honestas e radicais que o evangelho de Jesus nos faz”

mos com as chamadas comportamentais isoladas. Os pequenos passos são vitais, mas precisam se relacionar com práticas comunitárias e escolhas estruturais da vida em sociedade.

Assim, fechar a torneira enquanto se escova os dentes, enfrentar a Syn-genta e a Aracruz e denunciar a banca-da do agronegócio em sua fúria devoradora de florestas são ações positivas que exigem mudança de hábitos cotidianos.

Espero que o 10:10:10 expresse essas alternativas, em especial a partir da *Conferencia Mundial de los Pueblos sobre el Cambio Climático y los Derechos de la Madre Tierra*⁷ que aconteceu em abril de 2010 em Cochabamba. De modo sintético o debate em torno do II Manifesto Ecosocialista aponta para a ação intensiva em alguns sistemas:

- no sistema energético, substituindo os combustíveis fósseis que são responsáveis pelo efeito estufa (petróleo, carvão) por fontes limpas energéticas como a eólica e a solar;
- no sistema de transporte, reduzindo drasticamente o uso de caminhões e de carros particulares, substituindo-os com transporte público grátis e eficiente;
- nos padrões atuais de consumo, baseados no lixo, na obsolescência inata e na competição desbravada.

⁷ Sobre o tema leia a matéria *Conferência Mundial sobre Clima em Cochabamba debate Belo Monte*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 20-04-2010 e disponível em <http://bit.ly/c0twhG> (Nota da IHU On-Line)

A Criação como dom a ser reconhecido e agradecido

A compreensão do mundo como dom exige uma resposta a essa dádiva. Mas não há nada que o ser humano possa devolver a Deus. Entretanto, somos conclamados a reconhecê-lo e a agradecer por ele, afirma o reverendo anglicano Peter Pavlovic, secretário da European Christian Environmental Network

POR MOISÉS SBARDELLOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“O cuidado do meio ambiente, o cuidado da criação é parte integrante da fé cristã”, afirma Peter Pavlovic, secretário da European Christian Environmental Network e reverendo anglicano. E não só da fé cristã, mas também do próprio ser humano, já que sua identidade “não pode ser entendida sem se levar a sério nosso relacionamento com os demais seres humanos e o mundo que nos cerca e sem nosso relacionamento com Deus”, explica.

Nesse sentido, “a mais proeminente contribuição do ensino cristão sobre o mundo e a criação é a compreensão da Criação como dom”. Segundo Pavlovic, em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, estamos vivendo num mundo que não fizemos por merecer: “Ele nos é dado como um presente. Temos de valorizá-lo e responder ao Doador cuidando dele e tratando-o com carinho, não exaurindo seus recursos”, comenta.

Além disso, é um dom, uma dádiva, um presente que não está estático no tempo, como algo que aconteceu “nas origens”. “A atividade providencial de Deus continua e está conosco inclusive no presente. Deus cuida de sua Criação a cada dia”, reflete Pavlovic.

Por isso, “cuidar do meio ambiente, respeitar a Criação e protegê-la é nossa tarefa, mas não por causa do medo. Somos conclamados a proteger a Criação como presente que nos foi dado, a partir do respeito e da alegria”, diz.

O reverendo anglicano Dr. Peter Pavlovic, físico e teólogo, é secretário de estudos da Comissão sobre Igreja e Sociedade da Conference of European Churches - CEC [Conferência de Igrejas Europeias], com sede em Bruxelas, uma comunhão de 125 igrejas ortodoxas, protestantes, anglicanas e vetero-católicas de todos os países da Europa. Com escritórios em Genebra, Bruxelas e Estrasburgo, a Conferência trabalha na promoção do diálogo entre as igrejas e as instituições políticas europeias. Pavlovic também é secretário da European Christian Environmental Network - ECEN [Rede Cristã Europeia para o Meio Ambiente], uma plataforma para aprofundar o diálogo, a troca de experiências e o trabalho conjunto na proteção do meio ambiente entre as igrejas do Velho Continente. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância de uma rede de igrejas cristãs focada no meio ambiente? Quais são seus objetivos? Há experiências semelhantes em outras partes do mundo?

Peter Pavlovic - A Rede Cristã Europeia para o Meio Ambiente [European Christian Environmental Network - ECEN] é uma rede de cristãos da Europa que trabalha com questões ambientais e a proteção da Criação. A ECEN foi estabelecida em 1998 por recomendação da 2ª Assembleia Ecumênica Europeia que ocorreu em Graz (Áustria) em 1997. O testemunho das igrejas europeias em relação à Criação divina, nosso meio ambiente natural, foi um dos cinco temas principais dessa Assembleia. Em vista do fato de que muitos problemas ambientais atualmente cruzam as fronteiras nacionais, reconheceu-se que o testemunho das igrejas ganharia força se elas se pronunciassem coletivamente. Por isso, a Assembleia recomendou o estabelecimento de uma rede que canalizasse e fortalecesse o trabalho ambiental das igrejas europeias organizando projetos, conferências e assembleias, compartilhando conhecimento especializado.

A ECEN é uma rede horizontal quem tem tanto membros quanto amigos. A instância suprema de tomada de decisões da ECEN é sua Assembleia, realizada a cada dois anos. As atividades da ECEN se concentram em várias áreas temáticas, particularmente teologia, liturgia, mudança climática e gestão ecológica. Uma das atividades primordiais da ECEN é a promoção e celebração de um Dia da Criação e um Tempo da Criação nas igrejas europeias, de 1º de setembro até o segundo domingo de outubro. Para isso, se desenvolve material litúrgico a cada ano.

Em seu trabalho e em sua existência, a ECEN está estreitamente associada à Conferência das Igrejas Europeias. Dois de seus principais parceiros são o Conselho de Conferências Europeias dos Bispos - CCEE (www.ccee.ch) e o Conselho Mundial de Igrejas - CMI (www.oikoumene.org).

Embora a ECEN seja uma rede europeia, seus membros estão interessados na cooperação com colegas de

“O cuidado da Criação é parte integrante da fé cristã. Não é algo acrescentado artificialmente à fé ou não suficientemente relevante para nossa fé”

outros continentes. Estamos buscando uma possibilidade de estabelecer e fortalecer laços com igrejas e cristãos do mundo inteiro engajados em várias atividades que visem a cuidar da Criação divina.

IHU On-Line - Em sua opinião, por que as igrejas, hoje, também se voltam para as questões ambientais? Qual é a sua contribuição específica para o cuidado da Criação?

Peter Pavlovic - O cuidado do meio ambiente, o cuidado da Criação é parte integrante da fé cristã. Ele não é algo acrescentado artificialmente à fé ou não suficientemente relevante para nossa fé. Isso está claro da primeira até a última página da Bíblia: a Criação está estreitamente ligada ao destino humano, ao papel e à tarefa dos seres humanos neste mundo. A identidade do ser humano não pode ser entendida sem se levar a sério sua atitude tanto para com a dimensão horizontal quanto vertical, ou seja, sem nosso relacionamento com os demais seres humanos e o mundo que nos cerca e sem nosso relacionamento com Deus. Ambas as dimensões desempenham um papel substancial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo e estão inter-relacionadas. O relacionamento com Deus, com os demais seres humanos e com o mundo que nos cerca não podem ser separados um do outro.

Creio que a mais proeminente contribuição do ensino cristão sobre o mundo e a Criação é a compreensão da Criação como dom. Estamos vivendo num mundo que não fizemos por me-

recer; ele nos é dado como um presente. Temos de valorizá-lo e responder ao Doador cuidando dele e tratando-o com carinho, não exaurindo seus recursos. A compreensão do mundo como dádiva leva a consequências de longo alcance e muito diferentes de uma compreensão limitada do mundo como uma coleção de recursos naturais que precisam ser exauridos a fim de manter o nosso nível de consumo e a nossa felicidade superficial elevados.

IHU On-Line - Nesse sentido, qual a importância de celebrar um “Tempo para a Criação”?

Peter Pavlovic - A iniciativa do Tempo para a Criação tem sua origem na Igreja Ortodoxa. Em 1989, o patriarca ecumênico Dimitrios lançou uma conclamação para que uma parte especial do calendário litúrgico estivesse focada na proteção da Criação. Desde então, a iniciativa recebeu um apoio bastante forte em muitas igrejas do mundo todo.

Na Europa, a iniciativa para promover o Dia da Criação e Tempo para a Criação é uma das principais atividades da ECEN. A cada ano, a ECEN produz material litúrgico com orações, hinos e reflexões que podem oferecer às comunidades cristãs ajuda para encontrar uma forma adequada de celebrar Deus como Senhor da Criação. A liturgia e o louvor são um aspecto significativo da compreensão cristã da Criação e de nosso papel nela.

O Tempo para a Criação é, ao mesmo tempo, uma oportunidade maravilhosa para salientar a mensagem central da abordagem cristã de todos os problemas ambientais: sem levar a sério a dimensão ética de nossa vida e as perguntas que cada indivíduo deve se fazer todo dia - como, por exemplo, as seguintes: o que consumimos? O que fazemos com o lixo que produzimos? Como nos portamos para com a natureza que nos cerca? -, nenhum dos desafios ambientais cruciais sobre os quais ouvimos falar hoje em dia poderá ser realmente sanado.

IHU On-Line - Em termos bíblicos e teológicos, qual o significado e a importância do conceito de “Criação”?

Peter Pavlovic - Na abordagem mais

óbvia, o termo “criação” está associado ao relato bíblico do Gênesis. A Criação, entretanto, significa muito mais do que uma imagem simplificada de que Deus cria o mundo literalmente em sete dias de 24 horas de duração. O conceito de Criação enfatiza a dependência humana em relação à Criação divina. Ele também acentua a beleza da Criação, contrapondo-se a uma concepção simplificada de sua funcionalidade, tão disseminada atualmente.

Em sua ênfase no conceito da Criação, a Bíblia oferece uma bela concepção multifacetada da natureza e do mundo em que vivemos. Além do relato da criação no Gênesis, há Salmos que sublinham o senhorio de Deus sobre a Criação. Os profetas, particularmente Isaías, expõem outro aspecto - uma visão de Criação contínua. Isso quer dizer que a Criação não é apenas algo que aconteceu no início do mundo. A atividade providencial de Deus continua e está conosco inclusive no presente. Deus cuida de sua Criação a cada dia. Um observador cuidadoso pode testemunhar isso de muitas formas.

O conceito de criação também está presente no Novo Testamento. Uma das passagens interessantes das cartas do apóstolo Paulo enfatiza que Jesus Cristo é o mais importante sujeito da Criação. A Criação precisa ser entendida adequadamente como Criação “nEle, por Ele e para Ele” (Colossenses 1,16). Isso acentua a ligação significativa e substancial existente entre a Criação e a nossa redenção.

IHU On-Line - O tema deste ano é “Criação florescente: Um momento para a celebração e o cuidado”. Que ideia embasa esse tema? Qual a sua atualidade?

Peter Pavlovic - Celebrar e cuidar são dois aspectos da mesma coisa, dois lados da mesma moeda. Eles são consequências da compreensão cristã da natureza e do mundo todo como dom. Isso implica o reconhecimento do fato de que fazemos parte do plano de Deus. Essa é a confirmação do sentimento bom da Criação. Apesar de muitas limitações com que nos deparamos neste mundo, o mundo é bom, e nós

“A liturgia e o louvor são um aspecto significativo da compreensão cristã da Criação e de nosso papel nela”

temos o privilégio de assumir responsabilidade por ele e de desfrutá-lo. Além disso, este mundo é um lugar da atuação pessoal de Deus e de sua presença pessoal em nós e entre nós.

A compreensão do mundo como dom exige uma resposta a esse dom. Os maiores teólogos nos lembram que não há nada que o ser humano possa devolver a Deus. Entretanto, somos conclamados a reconhecer o dom e agradecer por ele. Esta é a ação de graças a Deus, onde a celebração e o cuidado da Criação florescente devem ser realizados. O grande teólogo europeu Pe. Dumitru Staniloe¹ chama essa ação de graças de “sacrifício” e “eucaristia” na mais ampla acepção do termo.

IHU On-Line - Como o impacto das mudanças climáticas desafiam as nossas igrejas hoje? Qual é o papel dos cristãos nesse contexto?

Peter Pavlovic - As mudanças climáticas nos lembram que podemos facilmente destruir o que nos é dado. Elas nos lembram a fragilidade da Criação. Lembram-nos também de que nem tudo no mundo está em nossas mãos. A despeito da tecnologia sofisticada e a despeito da ciência de alto nível de que a humanidade dispõe, não temos condições de parar os furacões, as enchentes e as catástrofes naturais associadas à mudança climática contínua.

A mensagem cristã pode desempenhar um papel muito significativo no enfrentamento do desafio da mudança

climática. Há alguns anos, a comunidade ecológica e os políticos do mundo foram lembrados por uma matéria da revista *Stern*, altamente conceituada, dos custos decorrentes da opção de não fazer esforços suficientes para prevenir a ameaça das mudanças climáticas. Essa matéria foi um alerta para muitos políticos que não colocam o meio ambiente e as mudanças climáticas em sua agenda cotidiana.

A mensagem central da matéria era muito clara e simples: é necessário trabalhar na prevenção e na mitigação das mudanças climáticas agora, pois, do contrário, será muito mais custoso fazer isso mais tarde. Os custos adicionais foram calculados na casa dos bilhões. Não há dúvida quanto ao papel positivo que essa matéria desempenhou para estimular esforços políticos no sentido de mitigar a mudança climática. A linguagem econômica que os políticos entendem e a urgência com que a mensagem foi formulada foram valores que contribuíram para que a matéria fosse altamente valorizada. Ainda assim, é importante ir além disso. Em outras palavras, a matéria da *Stern* é uma conclamação a reagir às mudanças climáticas com base no medo. Particularmente, trata-se do medo de que as mudanças climáticas vão causar desastres e catástrofes ambientais, trata-se do medo de que a proteção do meio ambiente vai custar quantias astronômicas no futuro, e que por isso precisamos agir.

A abordagem cristã tem de apresentar algo diferente. Cuidar do meio ambiente, respeitar a Criação e protegê-la é, antes de qualquer coisa, nossa tarefa, mas não por causa do medo. Somos conclamados a proteger a Criação como presente que nos foi dado, a partir do respeito e da alegria. O que é diferente nesse quesito é a motivação. Creio que essa motivação nos leva a um tipo diferente de ação do que a motivação baseada no medo.

IHU On-Line - Afirma-se que a crise climática é, no fundo, uma crise ética e até espiritual, com graves implicações sociais. Está de acordo? Há uma crise em nossa capacidade de conviver com os demais seres da

¹ Dumitru Stăniloie (1903-1993) foi um arcepreste da Igreja Ortodoxa Romena, teólogo e professor universitário. Foi um dos teólogos cristãos mais importantes da segunda metade do século XX, deixando uma herança teológica e linguística significativa. Fez uma tradução completa da *Philokalia*, coleção de escritos dos Padres da Igreja, para o idioma romeno. Sua obra-prima foi *A Teologia Dogmática Ortodoxa*, de 1978.

Criação?

Peter Pavlovic - A compreensão de que a crise climática tem uma dimensão ética está bem disseminada atualmente. A maioria das pessoas envolvidas nas discussões sobre as mudanças climáticas não a negam nem encontram nada de novo nela.

A questão verdadeira, entretanto, é a seguinte: de que ética estamos falando? Qual é a relação entre a espiritualidade e nossas ações diárias? Por exemplo: é ético o suficiente que uma empresa, que produz poluentes significativos, pague uma quantia, ainda que uma quantia elevada, como sua única reação séria à degradação ambiental e às mudanças climáticas subsequentes causadas por sua contribuição para a destruição da atmosfera, para que sejam plantadas algumas árvores em algum lugar distante do globo, sem fazer quaisquer esforços substanciais para reduzir a poluição que causa? Será que o dano ao meio ambiente pode ser compensado por essa espécie de “investimento”? Será que uma sensação boa pode ser comprada dessa forma? De que tipo de ética estamos falando? Na ótica da empresa, essa espécie de ação talvez seja vista como uma forma boa, transparente e até ética de lidar com as mudanças climáticas. Mas será que nós compartilhamos essa espécie de ética? Será que essa ética se baseia nos princípios com os quais concordamos?

Esse exemplo simples demonstra que as mudanças climáticas não são uma mera “questão ecológica”. A reação eficaz às mudanças climáticas tem de ir além dos círculos dos especialistas em meio ambiente. As mudanças climáticas são, em grande parte, uma questão de justiça, uma questão que diz respeito à relação entre países industrializados e países em desenvolvimento, assim como uma questão que diz respeito à relação entre as gerações. Será que temos um direito de explorar e destruir a Criação de tal maneira que ela não possa mais ser restaurada para as gerações que virão depois de nós?

As mudanças climáticas são o sinal de um consumo exagerado de uma parte da humanidade, são um

“A Criação não é apenas algo que aconteceu no início do mundo. A atividade providencial de Deus continua e está conosco inclusive no presente. Deus cuida de sua Criação a cada dia”

sinal da ausência de respeito pelos limites naturais, a prova do egoísmo e da busca de nosso próprio proveito. Elas são consequência do orgulho humano. Se esse tipo de análise está correto, então está claro que basear-se apenas na ciência e tecnologia moderna e cada vez melhor não será suficiente para buscar formas eficazes de responder às mudanças climáticas. Só a cooperação e a interação de várias espécies de abordagem, incluindo esforços das ciências sociais, da ética e da educação, podem ser bem-sucedidas nesse sentido. Não se deve negligenciar o papel da espiritualidade nesses esforços. As igrejas e religiões têm de desempenhar um papel substancial nesse processo.

IHU On-Line - Em 2010, o “Tempo para a Criação” se soma à campanha 10:10:10. Que motivação espiritual, bíblica ou teológica cada pessoa pode ter para mudar seus estilos de vida em prol do meio ambiente?

Peter Pavlovic - Enfatizar a variedade e a riqueza dos subsídios bíblicos é um recurso chave numa abordagem cristã do cuidado da Criação. A argumentação cristã tem de ir além da referência limitada ao livro do Gênesis. Alguns desses subsídios, como os Salmos e os profetas, já foram mencionados. Deve-se dar ao Novo Testamento um papel igualmente forte para o desenvolvimento de uma abordagem cristã da Criação.

Alguns conceitos bíblicos importan-

tes, como, por exemplo, o dom, a resposta ao dom e a justiça dão diretrizes para todos os cristãos. Uma compreensão adequada desses termos inclui não apenas falar sobre a Criação, mas, ao mesmo tempo, aceitar a Criação, honrá-la e valorizá-la, não como categoria abstrata, mas como algo que encontramos, usamos e necessitamos em nossa vida cotidiana. Para os cristãos, cuidar da Criação é uma questão muito pessoal.

IHU On-Line - Este ano também é o Ano da Biodiversidade, declarado pela ONU. Qual a nossa responsabilidade ética e espiritual, como cristãos, perante a Criação, especialmente em regiões tão biodiversas como o Brasil?

Peter Pavlovic - Criados juntamente com todas as criaturas, os seres humanos estão integrados na teia da vida na Terra. Somos dependentes das plantas e dos animais, nomeados pastores para cuidar da água doce e das florestas. E, assim, os seres humanos têm responsabilidade pelas demais criaturas, para que elas não sejam exterminadas, para que possam continuar vivendo em seu habitat, para que haja um equilíbrio justo entre os direitos das pessoas e os direitos dos animais. Estar cientes de que somos criados junto com outras criaturas nos permite viver numa atitude de admiração pelo que Deus criou e quer atingir. Se nos esquecermos disso, destruiremos a base de nossa própria vida.

Os cristãos no mundo todo podem fazer sua parte para sustentar a biodiversidade, oferecendo um lar para os animais e plantas em seus próprios prédios, campos, prados e florestas. Eles também podem apoiar o desenvolvimento de diretrizes e de leis que mantenham a variedade que temos. Antes de tudo, entretanto, eles podem ser um exemplo ao cuidar dos animais que vivem na natureza ao nosso redor e desfrutar a riqueza e a beleza da Criação que nos é dada. É isso que une os cristãos em sua abordagem da Criação no Brasil e na Europa, bem como no mundo inteiro.

Água, sagrada e saudável para toda a Criação

A crise da água é uma grande ameaça para a integridade da Criação divina, sendo a causa de inúmeros conflitos. Porém, a dimensão litúrgica celebra a santidade já inerente à água como dom de Deus, defendem o reverendo anglicano John Gibaut, e a coordenadora da Ecumenical Water Network, Maike Gorsboth

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO WALTER O. SCHLUPP

Muita ou pouca, extremamente muita ou extremamente pouca, a água faz parte das manifestações mais assustadoras das mudanças climáticas, seja em sua total falta, que leva a secas e incêndios arrasadores, seja em seu excesso insuportável, como nas grandes enchentes e desabamentos. Por outro lado, sem água, não há vida. Ela constituiu de 70% a 75% do nosso corpo, e não sobrevivemos a mais do que três dias sem ela.

Nesse sentido, “as numerosas referências bíblicas à água são símbolo e manifestação do poder de Deus. Na Bíblia, a água nos fala das bênçãos de Deus, físicas e espirituais”, afirmam o reverendo anglicano John Gibaut, diretor da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas - CMI, e Maike Gorsboth, coordenadora da Ecumenical Water Network [Rede Ecumênica da Água] do CMI, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Por isso, se falamos de um “Tempo para a Criação”, estamos falando também dos “numerosos significados da água nas narrativas bíblicas”, que nos levam a refletir sobre a “nossa relação com Deus, e sobre a relação de Deus conosco e com toda a Criação”.

Por isso, analisam a relevância da água nos cultos e celebrações das igrejas cristãs. Segundo Gibaut e Gorsboth, assim a “refeição” eucarística foi perdendo importância, até chegarmos ao pão minimizado a uma hóstia, a água também foi perdendo seu significado na liturgia. “A forma pela qual usamos a água na oração e no culto, assim como a forma pela qual refletimos sobre ela teologicamente, influencia efetivamente sobre a forma como percebemos - e usamos - a água de um modo geral”, afirmam. “Um uso empobrecido da água na vida litúrgica da Igreja gera uma compreensão frágil ou até instrumental da água”, criticam.

John Gibaut é diretor da Comissão de Fé e Ordem do CMI desde janeiro de 2008. Sacerdote da diocese de Ottawa da Igreja Anglicana do Canadá, foi professor da Faculdade de Teologia da Saint Paul University, Ottawa, durante 14 anos, onde lecionou, dentre outros, teologia litúrgica.

Maike Gorsboth é coordenadora da Ecumenical Water Network [Rede Ecumênica da Água] do Conselho Mundial de Igrejas - CMI desde janeiro de 2007. Antes disso, esteve envolvida em educação, defesa e campanhas em prol da água como direito humano junto a organizações como a FoodFirst Information and Action Network International - FIAN e Brot für die Welt [Pão para o Mundo] da Alemanha. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A água é um elemento central para a vida, além de ser uma constante nas narrativas bíblicas. Nessa perspectiva, qual a importância da água como símbolo, bíblica e teologicamente? Como podemos “encontrar Deus” por meio da água?
Maike Gorsboth - O uso literal e figurado da água na Bíblia reflete sua importância para toda a vida, seja como um elemento que dá vida, seja como uma força que pode ameaçar e des-

truí-la. Vemos isso quando o Espírito de Deus pairou sobre as águas bem no início da Criação, na história de Noé, no encontro de Jesus com a mulher samaritana e em muitas outras histórias, e finalmente no “rio de água viva” em Apocalipse 22, 1.

Entretanto as numerosas referências bíblicas à água também são símbolo e manifestação do poder de Deus. Na Bíblia, a água nos fala das bênçãos de Deus, físicas e espirituais: ao der-

ramar “água sobre a terra sedenta”, assim como ao derramar “o Espírito” sobre os descendentes de Jacó (Isaías 44, 3). Muitos Salmos exaltam as bênçãos concedidas a toda a Criação, não somente a nós humanos, por meio de fontes, rios e chuva, que alimentam e sustentam todos os seres vivos. Quando Jesus se volta para a mulher samaritana junto à fonte, a água mais uma vez é símbolo, instrumento e expressão da graça e do amor de Deus

por nós. Ela nos admoesta a compartilhar generosamente a água real e viva. As narrativas em torno do rio Jordão estão conectadas com a promessa de cura espiritual, renascimento e libertação.

E há muitas outras histórias nesse sentido na Bíblia. A água é um elemento recorrente, mas também multifacetado na Bíblia. Para mim, refletir sobre os numerosos significados da água nas narrativas bíblicas é uma forma de refletir sobre nossa relação com Deus, sobre a relação de Deus conosco e com toda a Criação.

John Gibaut - Não tenho certeza de que podemos “encontrar Deus na água”, mas penso que podemos encontrar Deus - como indica a pergunta - “por meio” da água. Em primeiro lugar, a água é um dom da Criação. Nós a recebemos e não a criamos. A água remete para nossas origens na água, seja literalmente no processo do nascimento e na narrativa bíblica, seja como aquilo que nos sustenta ao longo da vida. Como tal, a água nos remete para nossas origens em Deus e para toda a nossa dependência da presença mantenedora de Deus desde o nascimento até a morte.

Como Maïke mencionou, a água como símbolo é polivalente: além de dar a vida, ela também tem a ver com a morte, como se pode ver em tempestades no mar, em enchentes e na possibilidade de morrer afogado. Como símbolo daquilo que dá a vida e que tem a ver com a morte, a água aponta para o mistério pascal, que igualmente tem a ver com a morte e que dá a vida. É nessa direção que Paulo usa a água em Romanos 6, 4: no batismo fomos sepultados com Cristo e com ele fomos ressuscitados para uma vida nova.

Sem dúvida, essa interpretação para os cristãos modernos exige uma compreensão clara de *baptizmos* no sentido grego de “mergulhar” na água, no sentido do batismo por imersão. A infusão ou aspersão de água nos candidatos ao batismo hoje dificulta a compreensão do significado da água batismal para Paulo e, de fato, para o próprio cristianismo primitivo.

“As numerosas referências bíblicas à água são símbolo e manifestação do poder de Deus. Na Bíblia, a água nos fala das bênçãos de Deus, físicas e espirituais”

IHU On-Line - Podemos ver hoje os impactos do desperdício e da poluição da água, que ameaçam particularmente os mais vulneráveis. Como podemos entender nossa missão cristã nos desafios sociais em torno da água?

Maïke Gorsboth - Como igrejas e como cristãos, visualizamos um mundo onde a justiça, a paz e a integridade da Criação são garantidas. Somos chamados a participar da missão de Deus a dar lugar a uma nova criação, onde a vida em abundância seja garantida a todos. A crise climática e a crise da água da água que estamos enfrentando hoje são grandes ameaças não só para a integridade da Criação divina. Ela é a causa dos conflitos entre comunidades, povos e nações. É um reflexo e um resultado da injustiça social e econômica prevalente, ao mesmo tempo em que é uma de suas causas, reforçando a pobreza e a desigualdade.

A razão pela qual bilhões de pessoas hoje não têm acesso básico a água potável não é só a escassez física de água ou a falta de recursos financeiros. Em todo o mundo, vemos que a corrupção, a indiferença e a ganância privam as populações mais vulneráveis da água de que precisam para viver. Por exemplo, comunidades que são obrigadas a usar águas poluídas e perdem seu sustento por causa das operações de mineração; pessoas que são desalojadas por grandes projetos de infraestrutura destinados a prover água e eletricidade para o “desenvolvimento”; ou os milhões que vivem em assentamentos urbanos informais, que não são incluí-

dos nas estatísticas nacionais nem em quaisquer mapas oficiais, porque são considerados “ilegais”.

Tempos atrás, visito Kibera, uma enorme favela do Quênia, na África, que abriga cerca de um milhão de pessoas. Ali existem muitos lixões com “banheiros voadores” [flying toilets], pequenos sacos plásticos que as pessoas usam por falta de banheiros. Adultos e crianças carregavam pesadas latas d’água para suas casas. Chegamos a uma estrada de ferro elevada que, de um lado, dava vista para uma enorme área de casebres cobertos com telha de zinco, com riachos de água poluída entre eles. E exatamente do lado oposto dos trilhos, um lindo gramado atravessado por um pequeno arroio: era um campo de golfe, protegido por trás de um muro de concreto, coberto por cacos de vidro.

Esse campo de golfe de luxo, exatamente ao lado de famílias que vivem sem água limpa nem banheiros, é um símbolo contundente da injustiça que caracteriza a crise da água de hoje. Acredito que, como cristãos, precisamos defender um uso da água que seja mais respeitoso e sustentável. Ao mesmo tempo, precisamos prestar atenção ao fato de que, no âmago dessa crise, estão a injustiça e a desigualdade, vendo também a estreita inter-relação entre justiça, paz e integridade da Criação. Isso também é o que relaciona a “crise da água” a outros desafios globais, como a crise climática e a crise financeira global.

IHU On-Line - Em um artigo recente (*Water - Holy and Wholesome? [Água - santa e salutar?]*)¹, vocês discutem a santidade e a sanidade da água. Poderiam explicar melhor essas ideias?

John Gibaut - A expressão *holy* [santo] e *wholesome* [saúdavel, salutar] é um jogo de palavras em inglês. Junto com a palavra *health* [saúde], *holy* [santo] e *whole* [íntegro] derivam do termo anglo-saxônico *hal*, que está presente em todas as três palavras. Pode-se compará-lo ao termo latino *salus*, que igualmente significa saúde assim como salvação.

¹ O artigo, na íntegra, está disponível em <http://migre.me/1s5gk>, em inglês. (Nota da IHU On-Line).

Nossa intenção ao usar esses termos e fazer esse jogo de palavras era fazer uma conexão entre água tanto como *holy* [sagrada] quanto *wholesome* [saudável]. Essa conexão argumenta que, contra uma compreensão simplista, algumas águas (água benta, água batismal) são santas, ao passo que a água do lago, do mar ou mesmo da torneira não seriam. Ou, inversamente, que a água usada liturgicamente não é tão saudável e proporcionadora de vida como a água que bebemos e usamos para lavar e para fins sanitários. Considerar toda a água como santa e salutar tem implicações práticas para o modo como a água é usada na liturgia e para a forma como os cristãos se comportam em relação à água que usam no seu dia a dia.

Uma questão litúrgica em jogo aqui é a seguinte: a “água benta” é santa por ter recebido a bênção litúrgica? Ou será que a dimensão litúrgica identifica e celebra a santidade já inerente à água como dom de Deus? Em nosso artigo, Maïke e eu argumentamos em favor deste último entendimento.

Maïke Gorsboth - O que também nos inspirou foram as histórias que mostravam a desconexão entre a água “santa” ou “benta” (*holy*) que usamos na liturgia - que reflete como a água é central para a vida - e a água insalubre (*unwholesome*), que é a realidade diária para bilhões de pessoas. Exemplo disso foi uma matéria na imprensa sobre fiéis que, num culto na Rússia, adoeceram depois de tomar água do lago que consideravam ter sido abençoada. Uma jovem teóloga da África nos contou outra história de um batismo por imersão que ela presenciara no Quênia. A congregação teve que pagar a um fornecedor particular uma quantia considerável para comprar água para o batismo, e no final do culto houve um tumulto entre as pessoas que queriam usá-la com os seus animais. Achamos profundamente perturbador ver, a partir dessas histórias, como a realidade da água insalubre penetra na experiência de Deus das pessoas na oração e no culto por meio da água.

IHU On-Line - No mesmo texto, vocês afirmam que “existe uma inter-

“A água nos remete para nossas origens em Deus e para toda a nossa dependência da presença mantenedora de Deus desde o nascimento até a morte”

relação entre as crenças ligadas à água na principal tradição religiosa ocidental, o cristianismo, e as atitudes de abuso da água ao longo dos séculos”. Como vocês analisam essa inter-relação?

Maïke Gorsboth - Devo dizer que não fizemos uma análise sistemática dessa relação entre crenças cristãs e o uso e o abuso da água. Nesse sentido, nossa intenção foi, antes, fazer uma declaração que provoque a reflexão, sem a pretensão de que ela tenha fundamento científico. Entretanto, acreditamos, sim, que a forma pela qual usamos a água na oração e no culto, assim como a forma como refletimos sobre ela teologicamente, influencia efetivamente sobre a forma como percebemos - e usamos - a água de um modo geral.

John Gibaut - Depende de como se entende o termo “analisar”. Em se tratando de uma análise quantificável e mensurável, vamos ficar devendo. Mas uma percepção a partir da teologia litúrgica é que o modo como rezamos molda a forma como cremos, que molda a forma como agimos ou procedemos. Em outras palavras, a experiência dá forma aos horizontes de sentido, os quais, por sua vez, dão forma à práxis. A convicção em nosso artigo é de que um uso empobrecido da água na vida litúrgica da Igreja, particularmente no tocante ao batismo, gera uma compreensão frágil ou até instrumental da água, que resulta numa avaliação precária do lugar de toda a água, assim como, de modo correspondente, numa falta de compromisso com as questões ambientais e de justiça em torno da

água hoje.

Maïke Gorsboth - Em algumas tradições cristãs, o uso da água foi minimizada - a água faz parte das nossas práticas litúrgicas, mas se usa muito pouco dela. Ela fica muito reduzida a um “mero” símbolo que praticamente não percebemos mais como a força que dá vida e que tira vida, a qual, ao mesmo tempo, ela é e simboliza. Não se trata apenas da valorização e do uso consciente da água, mencionados por John, mas também, até certo ponto, de uma experiência sensorial reduzida da água no culto. Não vemos as correntes e as piscinas de água bíblicas, mas somente algumas gotas, não ouvimos o murmúrio da água viva, mas somente um gotejar, sentimos apenas um chuvisco que não nos molha.

Será que essa experiência ainda consegue comunicar o poderoso simbolismo da água como fonte de toda a vida? Ou, voltando à sua pergunta anterior, será que ela nos leva a “encontrar Deus”? Ao mesmo tempo, será que um uso mais consciente - e talvez mais abundante - da água pode não apenas enriquecer a nossa experiência litúrgica, mas também nos tornar mais conscientes sobre como usamos e abusamos desse precioso elemento em outras situações?

John Gibaut - Talvez um paralelo interessante: quando a Eucaristia era entendida como uma refeição, usando pão de verdade e generosas quantidades de vinho, era inegável a conexão entre o alimento eucarístico e o alimento para os famintos. A linguagem eucarística que envolve os milagres da alimentação em todos os quatro evangelhos aponta para a mesma direção. Por isso, Paulo se escandalizou na Primeira Carta aos Coríntios, onde os ricos eram servidos primeiro, e os pobres, de jeito nenhum.

Na medida em que a experiência da eucaristia como refeição diminuiu a partir do final do período patrístico até o cristianismo medieval, o pão da eucaristia se torna cada vez menor, até se tornar a “hóstia” que conhecemos hoje. A conexão consciente entre a alimentação eucarística e a alimentação dos famintos praticamente se

“A crise climática e da água que estamos enfrentando hoje é uma grande ameaça não só para a integridade da Criação divina. Ela é a causa dos conflitos entre comunidades, povos e nações”

perde. Com certeza, ainda havia um número significativo de cristãos, particularmente os das comunidades monásticas, que assumiam o cuidado dos enfermos, dos pobres e dos famintos, mas dificilmente se poderá dizer que essa era a visão robusta das primeiras comunidades cristãs.

Da mesma forma, a igreja primitiva praticava o batismo por imersão como norma. Porém, por várias razões históricas e culturais - como o movimento para países nórdicos, o aumento do batismo infantil como norma, uma prática clínica do batismo a ser celebrado poucos dias após o nascimento -, passou-se à prática de se derramar ou aspergir água no batismo. A quantidade de água era a mínima possível. Como tal, o rito de batismo não mais conseguia explicar-se a si mesmo e precisava

de uma explanação substancial. Essa justificação teológica apontava para um uso instrumental da água. A água deixava de ser sagrada em si mesma e era usada para outra finalidade. Em contraste, São Paulo havia entendido que a água era intrínseca à natureza do batismo. Além disso, as bênçãos da água se tornaram cada vez mais complexas e não apenas “eucaristizavam” a água mediante uma ação de graças, mas também a “exorcizavam”, a fim de purificá-la para a finalidade sagrada do batismo.

Nesse ponto, a água claramente havia deixado de ser entendida como sagrada por direito próprio, mas era considerada algo incapaz de portar graça sacramental por causa de sua própria natureza. Ocorre uma desconexão entre a “água benta” e a outra

água. Santo e saudável acabam sendo desconectados.

O uso desestimado da água na oração litúrgica suscita outro tipo de entendimento da água na teologia sacramental, que encara a água não como dom de Deus, mas como algo a ser usado para nosso benefício: no caso do batismo, o dom da salvação. A copiosa beleza da água abundante é conhecida pelo cristianismo primitivo e da era patrística, com os batistérios enormes e lindos, construídos visando o batismo por imersão, geraram uma certa apreciação da maravilha que é a água. O uso medieval da água, que continua caracterizando boa parte do cristianismo ocidental de hoje, sugere uma visão minimalista, senão, no fim, destrutiva da água. Embora eu possa muito bem tratar a água benta com grande respeito e reverência, minha experiência litúrgica dessa água não se traduz na minha experiência de outras águas, como a água do lago ou da torneira. Uma experiência litúrgica de toda a água como sagrada me levou ao menos a uma apreciação mais holística e salutar da santidade de toda a água.

SIGA O IHU NO TWITTER

http://twitter.com/_ihu



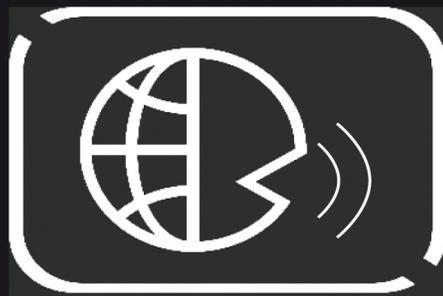
INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



A morte de Chabrol em jornais da França e do Brasil

POR AUGUSTO DE SÁ OLIVEIRA*

Houve um tempo em que o cinema brasileiro - o Cinema Novo - e o cinema francês - a *Nouvelle Vague* - dialogaram intensamente. Do lado americano do Atlântico, cineastas como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra, e do lado europeu do Atlântico, figuras como Jean-Luc Godard, François Truffaut, Erik Rhomer e Claude Chabrol, foram pródigos em criticar o cinema *mainstream*, em realizar filmes que rompiam com o *status quo* do cinema e da sociedade, em criar movimentos estéticos e políticos, em provocar polêmicas, em açular a burguesia.

No domingo, dia 12 de setembro deste ano, Chabrol morreu em Paris, sua cidade natal, aos 80 anos. A França iniciou a semana consternada e neste texto, revisito a cobertura do falecimento do cineasta. Chabrol morreu tranquilamente, ao final de uma longa vida produtiva, como uma unanimidade nacional, deixando a vida para entrar para história do cinema mundial, ao menos do cinema ocidental ou, no mínimo, do cinema francês, com amplo reconhecimento.

Este fato a que me reporto acima é comprovado pela ampla repercussão da morte de Chabrol nos jornais. Não é intenção deste artigo inventariar os

jornais franceses, mas apenas tomar alguns, como exemplo do que afirmo sobre a repercussão da morte de Chabrol, bem como cotejar com alguns jornais brasileiros, a fim de constatar como repercutiu no Brasil o mesmo fato.

O DNA (*Dernieres Nouvelles D'Alsace*), de Strasbourg, de onde escrevo, trouxe como principal matéria de capa uma foto atual de Chabrol, tranquilamente fumando seu charuto, e o título *Morte de Claude Chabrol: o cinema francês está de luto*. Abaixo da foto, Chabrol é tratado como um dos criadores da *Nouvelle Vague* (NV). A página 02 é totalmente dedicada a ele, chamado de crítico incansável da burguesia, palavra que na França continua existindo e fazendo sentido, ao contrário do Brasil, onde agora só se fala e escreve sobre "tanto negócio e tanto negociante". Atribui-se ao cineasta o primeiro filme da *Nouvelle Vague*, *Nas garras do vício* (*Le Beau Serge*), de 1958, antes, portanto, de *Acosado* (*A bout de souffle*/1959), de Godard. O veículo afirma ainda que os historiadores do cinema consideram que Chabrol é superior a Truffaut e a Godard.

O jornal *Libération* radicalizou. Chabrol foi a única matéria da capa,

* Professor do curso de Comunicação Social da Faculdade 2 de Julho - F2J, membro do Grupo de Pesquisa Cepos, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, desenvolvendo tese na área de Sociologia da Arte, mais especificamente em cinema. Atualmente, estuda na Universidade de Strasbourg, na França, com bolsa sanduíche da Capes e apoio da F2J. Email: asa-oliveira5@uol.com.br.

contendo uma foto sua, recente, fumando cachimbo, onde é tratado como pioneiro da *Nouvelle Vague* e *bon vivant*. Da página 2 à 7, o jornal é totalmente dedicado a Chabrol, inclusive o editorial (p. 02). O editorial parte da comparação feita pelo cineasta sobre o fato de a estupidez ser mais fascinante do que a inteligência (porque esta é limitada enquanto a primeira, não!) para comentar a posição de Chabrol no cenário do cinema francês como um dos raros diretores capazes de encher as salas com seu nome e continuar ao mesmo tempo assumindo uma insolência anárquica. Sob o título de *A França perde o seu espelho*, o jornalista Olivier Séguret afirma que, para o bem e para o mal, “Chabrol é a França”. E assim segue o jornal, qualificando-o de crítico insatisfeito, cinéfilo insaciável, lembrando o seu tempo de jovem crítico de cinema na revista *Cahiers de Cinéma* e admirador de Hitchcock, além da referência a Balzac, chamado de seu autor de cabeceira.

O jornal *A Tarde*, de Salvador, no seu Caderno 2 (Caderno de Cultura), dedicou a página 8 à morte de Chabrol. Uma frase, no mínimo curiosa, aparece nesta página e é atribuída ao diretor: “Não existe *Nouvelle Vague*. Só o mar”. Com o artigo *Morre Claude Chabrol, “pai” e ícone da Nouvelle Vague francesa*, o jornalista Vitor Pamplona descreve a trajetória do cineasta, a sua condição de “pai” da NV com *Nas garras do vício*, seus principais

“Parece faltar, sobretudo em um jornal de grande circulação como a *Folha de São Paulo*, uma crítica independente, uma perspectiva brasileira, um olhar nacional sobre um cineasta estrangeiro”

filmes e a sua admiração pela obra de Hitchcock e a influência deste sobre o primeiro. Nada que destoe dos jornais franceses aqui citados. O outro artigo é do professor e crítico de cinema André Setaro. Este lançou no primeiro semestre do ano, na Faculdade 2 de Julho, a sua coleção *Escritos sobre Cinema - Trilogia de um tempo crítico* que, como o título anuncia, são três volumes dedicados aos mais diferentes temas, indo do cinema internacional ao cinema baiano, passando por diretores e escolas. Em um pequeno artigo, Setaro chama a atenção para uma “trajetória irregular” do diretor, para uma fase onde cedeu ao esquema mais comercial. Mas destaca também o seu pertencimento ao triunvirato fundador da NV (com Truffaut e Godard) e a sua condição de mestre da *mise-en-*

scène com uma narrativa econômica e enxuta.

O jornal *Folha de São Paulo* tratou de forma modesta a morte de Chabrol. A matéria *Cineasta Claude Chabrol morre aos 80 anos* é atribuída às Agências Internacionais. Esta matéria é “chupada” principalmente do *Libération*, onde são divulgados depoimentos de personalidades francesas, tais como, o ator Gérard Depardieu, a atriz Isabelle Huppert e o presidente Nicolas Sarkozy. Há também um artigo do “crítico da *Folha*” André Barcinski intitulado *Diretor francês fazia análises demolidoras da burguesia*, no qual o articulista começa por se defender de que é difícil resumir em poucas linhas uma obra tão longa e tão variada. Ele nem mesmo tentou. Algumas informações já amplamente divulgadas e algumas ideias atribuídas a Chabrol. Além disto, apenas um pequeno comentário comparando a obra deste com a de Hitchcock.

Parece faltar, sobretudo em um jornal de grande circulação como a *Folha de São Paulo*, uma crítica independente, uma perspectiva brasileira, um olhar nacional sobre um cineasta estrangeiro. Tudo se resumiu à reprodução do que os franceses, através dos seus jornais, pensam do seu cineasta. E não se pode alegar, ao menos para quem escreve sobre cinema, que Claude Chabrol seja um diretor novato ou desconhecido.



Ouçá o programa!

Sexta 20h
Domingo 21h

PERISCÓPIO DA MÍDIA
Unisinos Fm 103.3

periscopiodamidia@gmail.com

A indústria da Comunicação
Social de cabeça para baixo

Fone: 3591.1122
Ramal:1356



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 28-09-2010 a 01-10-2010.

Bolsa Família: avanços e limites

Entrevista com Lena Lavinas, economista
Confira nas Notícias do Dia de 28-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/9rk4Ym>

“O Bolsa Família é uma política com impacto relativamente pequeno. A redução da pobreza nos últimos anos no Brasil não se deve a este programa, mas à retomada do crescimento e à criação de empregos”, constata a economista.

Os prejuízos dos lava-jatos para o meio ambiente

Entrevista com Roberto Naime, geólogo ambiental
Confira nas Notícias do Dia de 29-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/97Js3S>

“O uso do balde é melhor que o de mangueira, porque todos os resíduos e impurezas tendem a ser coletados na água do balde e não espalhados por jardins ou áreas

privadas ou pública”, constata o geólogo ambiental.

Belo Monte: a luta pela vida e pela cultura

Entrevista com Antonia Melo, militante do Movimento Xingu Vivo para Sempre

Confira nas Notícias do Dia de 30-09-2010

Disponível no link <http://bit.ly/d90C50>

“Não é que os movimentos sociais já se acostumaram com essa situação de violência. Ninguém se acostuma com isso. Mas nós nos fortalecemos a cada vez que as lutas têm um pouco de vitória”, diz a militante.

Transexualidade. “Nós fazemos gênero no dia a dia”

Entrevista com Berenice Bento, socióloga

Confira nas Notícias do Dia de 01-10-2010

Disponível no link <http://bit.ly/aJN64E>

Segundo a socióloga, quando a criança nasce, ela não é um corpo, uma natureza, um conjunto de células, mas sim um corpo genericado, cirurgiado no sentido de que já há uma cultura de expectativas por aquele corpo, ele não está livre dos imperativos.

**ACOMPANHE A COBERTURA DAS ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS 2010 NAS
NOTÍCIAS DO DIA E NA ENTREVISTA DO DIA
EM WWW.IHU.UNISINOS.BR**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 04-10-2010
<p>Evento: Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 (http://bit.ly/cJSR6a) O desenvolvimento econômico na visão de JOSEPH SCHUMPETER - Joseph A. Schumpeter, 1883-1950</p>
<p>Evento: EAD - Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos (http://bit.ly/cMtmJJ) QUARTA ETAPA - JESUS E A COMUNIDADE, OS RESPONSÁVEIS PELA VIDA (Mc 6,14 - 8,21)</p>
Dia 05-10-2010
<p>Evento: Ciclo de Palestras: Perspectivas socioambientais e econômicas do Brasil 2010 - 2015. Limites e Possibilidades Palestrante: Prof. Dr. Ladislau Dowbor - PUCSP Tema: As transformações do capitalismo brasileiro Local: Auditório Central Horário: 20h às 22h (http://bit.ly/dAOKJc)</p>
Dia 07-10-2010
<p>Evento: Ciclo de Palestra Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Pré - evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade (http://bit.ly/cGz5Lf) Palestrante: Egon Heck - Coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) do Mato Grosso do Sul - MS Tema: As lutas do povo Guarani, no Mato Grosso do Sul, hoje. Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h30min</p>
<p>Evento: IHU Ideias - Outubro de 2010 (http://bit.ly/ahnQ3t) Palestrante: Profa. Dra. Luciana Gomes - Unisinos, Profa. Dra. Marilene Maia - Unisinos e Prof. MS Gelson Luiz Fiorentin - Unisinos Tema: Campanha 10:10 Unisinos - 10% de melhoria ambiental Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min às 19h</p>

CICLO DE PALESTRA JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI. PRÉ - EVENTO DO XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

INFORMAÇÕES WWW.IHU.UNISINOS.BR

Eventos

“Distribuir renda é uma política inteligente”

Para Ladislau Dowbor, a “grande sacada” do capitalismo brasileiro foi descobrir o mercado interno e a importância de responder às necessidades internas do país

POR GRAZIELA WOLFART

Na visão do economista Ladislau Dowbor, constatou-se que “distribuir a renda, no caso de uma economia desigual como a brasileira, gera um mercado interno, que estimula o consumo popular, o que vai levar ao desenvolvimento de um conjunto de pequenas atividades comerciais pelo Brasil afora e, na realidade, não vai melhorar apenas a situação dos pobres, como a situação da economia em geral, porque alguém tem que abastecer e responder a esta demanda”. Esta lógica de distribuir a renda é inteligente, segundo Dowbor, no sentido de que “favorecer os pobres não é uma opção em detrimento do favorecimento dos ricos, e sim que essa imensa fronteira econômica de gente subabastecida que temos no país representa, na realidade, um eixo de expansão para todas as atividades econômicas internas. Essa é uma mudança profunda de enfoque e que está determinando, com formas e ritmos diferentes, toda a América Latina”, conclui. Na entrevista que concedeu por telefone à **IHU On-Line** na última semana, Dowbor defende que é preciso “generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável”.

No próximo dia 5 de outubro, Ladislau Dowbor estará na Unisinos falando sobre as transformações do capitalismo brasileiro, dentro da programação do Ciclo de Palestras Perspectivas socioambientais e econômicas do Brasil 2010-2015. Limites e Possibilidades, promovido pelo IHU. O evento acontece no Auditório Central da Unisinos, das 20h às 22h.

Ladislau Dowbor é graduado em Economia Política pela Université de Lausanne (Suíça), com especialização em Planificação Nacional pela Escola Superior de Estatística e Planejamento, onde fez o mestrado em Economia Social e doutorado em Ciências Econômicas. Atualmente, é professor na PUC-SP. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais as principais modificações que o capitalismo brasileiro vem sofrendo nos últimos dez anos?

Ladislau Dowbor - A dinâmica principal do Brasil e de toda a América Latina é a desigualdade. Esse é de longe o problema principal. Temos aqui no país uma população chegando aos 200 milhões de habitantes e temos, por baixo, 100 milhões de pessoas que não estão inseridas adequadamente na sociedade. Nessas, temos cerca de 60 milhões que constituem nosso “quarto mundo”: são pessoas sem carteira de identidade, sem carteira profissional,

sem CPF, sem conta bancária, sem endereço postal. Elas simplesmente não existem. Essa situação gerou, nos últimos dez anos, governos centrados na redução da desigualdade, como Chávez na Venezuela, Morales na Bolívia, os Kirchner na Argentina, a Bachelet no Chile e, evidentemente, Lula no Brasil. São governos com novas tendências centradas na inclusão social do que se chama a base da pirâmide, que são os pobres. Isso levou ao desenvolvimento de um conjunto de políticas, que é a ampliação da base escolar, um conjunto de processos distributivos de renda, como o Bolsa Família e um con-

junto de iniciativas ligadas ao apoio à agricultura familiar, através do Pronaf. Temos os programas como o Território da Cidadania, que atinge mais de dois mil municípios hoje, com infraestruturas ligadas diretamente à qualidade de vida da base da sociedade. Tivemos um aumento do salário mínimo, em seis anos, da ordem de 57%. Isso é imenso, porque, quando se tem muito pouco dinheiro, qualquer mudança leva a uma melhoria drástica da qualidade de vida das pessoas. Tivemos em poucos anos 13 milhões de novos empregos gerados. E isso está ligado ao próprio processo distributivo, porque

se constatou que distribuir a renda, no caso de uma economia desigual como a brasileira, gera um mercado interno, que estimula o consumo popular, o que vai levar ao desenvolvimento de um conjunto de pequenas atividades comerciais pelo Brasil afora e, na realidade, não vai melhorar apenas a situação dos pobres, como a situação da economia em geral, porque alguém tem que abastecer e responder a esta demanda. Esta lógica de distribuir a renda é inteligente, no sentido de que favorecer os pobres não é uma opção em detrimento do favorecimento dos ricos, e sim que essa imensa fronteira econômica de gente subabastecida que temos no país representa, na realidade, um eixo de expansão para todas as atividades econômicas internas. Essa é uma mudança profunda de enfoque e que está determinando, com formas e ritmos diferentes, toda a América Latina.

Independência dos EUA

No caso brasileiro, isso se apoiou numa segunda vertente que é a redução da dependência externa relativamente aos Estados Unidos. Isso envolveu um grande esforço de diversificação de mercados. No início, o governo Lula (que se chamava “aerolula”) permitiu reduzir a dependência relativamente aos Estados Unidos e abrir relações comerciais com o Oriente Médio, os países árabes, com a China, com a Índia, com a África do Sul e, em particular, com os vizinhos latino-americanos. Isso permitiu aumentar muito as exportações, o que, por sua vez, permitiu aumentar as reservas em divisas que o país tinha, que em 2002 eram de 30 bilhões de reais e hoje são de 260 bilhões de reais. Esse equilíbrio das contas externas reduziu a chamada vulnerabilidade aos movimentos especulativos internacionais. Quando surge a crise financeira mundial de 2008 o Brasil não só está mais protegido como, por exemplo, pôde ter linhas de crédito em dólares para exportadores brasileiros num momento em que nenhuma instituição financeira estava financiando crédito para exportações. Ao mesmo tempo, esses setores que exportavam e que viram

“Hoje, com certo recuo, olhamos as duas gestões do governo Lula e constatamos que realmente houve uma mudança extremamente profunda”

suas exportações prejudicadas com a crise mundial, frente à expansão do mercado interno, puderam se reverter para este mercado, o que fez com que o Brasil atravessasse a crise de maneira excepcionalmente competente. Foi o último país a entrar na crise e o primeiro a sair dela, porque tinha investido amplamente no mercado interno.

Resgate social da base da pirâmide

Temos um eixo político, que é o resgate da base social da pirâmide, que estava excluída da economia, o que abre uma nova fronteira econômica para todos os atores econômicos do Brasil. Ao mesmo tempo, tivemos uma diversificação das relações internacionais que reduziu a vulnerabilidade e criou uma respeitabilidade internacional para o Brasil absolutamente excepcional. O respeito mundial que o Brasil angariou nesses últimos anos está ligado não só ao fato de que temos um presidente simpático e carismático, mas ao fato de que foram aplicadas políticas de bom senso, que estão reduzindo as tensões internas, dando ao Brasil um papel de liderança mundial. Hoje, com certo recuo, olhamos as duas gestões do governo Lula e constatamos que, realmente, houve uma mudança extremamente profunda.

IHU On-Line - O que caracteriza o capitalismo brasileiro atual, que explica os rumos que ele vem tomando desde a crise financeira internacional em 2008?

Ladislau Dowbor - O capitalismo brasileiro descobriu o mercado interno e

a importância de responder às necessidades internas do país. O segundo eixo é que ele descobriu que nós não podemos explorar indefinidamente os recursos naturais sem prejudicar a sustentabilidade a médio e longo prazo. Isso implica na redução do desmatamento da Amazônia, que caiu de 28 mil quilômetros quadrados para sete mil quilômetros quadrados. Continua sendo um desastre, mas é um avanço extremamente importante. Essa redução da destruição da Amazônia foi obtida, em grande parte, em acordos negociados pelo governo com os grandes compradores, que são grandes grupos, como Wal-Mart, Carrefour e outros, que compram produtos de certas regiões, no sentido de gerar um comportamento ambientalmente sustentável por parte deles. Essa tomada de consciência na área do grande capital, de que há necessidades da população insatisfeitas - e isso pode ser um problema, mas pode ser uma oportunidade em termos de expansão de fronteiras -, e a tomada de consciência da problemática ambiental são os dois principais eixos de mudança. Isso entra com certa dificuldade na cabeça de um empresário, porque ele pensa que, se tiver um aumento de salário mínimo e de políticas sociais, isso tornará a mão-de-obra mais cara para ele, portanto poderá abrir menos empregos. É lógico do ponto de vista do capitalista individual. Ele raciocina assim. Só que, ao multiplicar em todas as empresas essa atitude, não temos desenvolvimento do mercado interno e todo mundo entra em crise. Foi assim nos anos 1980 e 1990, quando houve praticamente uma paralisia da produção. Quando se pensa fora de uma unidade empresarial, entendemos que esse aumento do salário mínimo e dos direitos sociais gera capacidade de compra por parte dos trabalhadores. E essa capacidade de compra dinamiza o mercado. Todo mundo vai poder produzir mais. É justamente esse o “casamento estranho” que as pessoas não imaginavam, de que ajudar a parte de baixo da sociedade também ajuda na parte da cima. Em 1964, quando se quis fazer um aumento do salário mínimo e uma pequena reforma agrária, foi o suficiente para se derrubar o go-

verno. Hoje os tempos mudaram. Entendemos que temos que generalizar o bem-estar para toda a sociedade e não só para alguns. E isso tem que ser feito de maneira sustentável.

IHU On-Line - O que deveria pautar a discussão sobre a política econômica do próximo governo federal se pensarmos na questão do crescimento econômico do país?

Ladislau Dowbor - Temos alguns eixos centrais. Por exemplo, as infraestruturas constituem um problema, porque nós geramos infraestrutura de transporte em função dos interesses das montadoras e das empreiteiras e não em função de uma matriz adequada de transporte. A matriz de transporte para um país como o Brasil, em que grande parte dos centros econômicos são portuários, ou quase, como São Paulo, é uma matriz que se apóia muito fortemente em transporte fluvial e marítimo, que usa a ferrovia para transporte interno de longas distâncias e que usa o caminhão apenas para carga tracionada em distâncias curtas. Como hoje usamos o caminhão, por exemplo, para levar móveis de Santa Catarina para São Luís do Maranhão, com dois mil quilômetros de viagem, gastando gasolina e o asfalto, os custos do Brasil se elevam. Então, a mudança do enfoque, que já está se dando, pois este governo está recuperando estaleiros navais, inaugurando e contratando trechos ferroviários, é um eixo muito importante para o futuro.

Educação para a gestão do conhecimento

Temos outro eixo extremamente importante, que é a mudança do conceito de educação para a gestão do conhecimento. Isso envolve o acesso de banda larga a todas as escolas, generalizando também o wi-fi [tecnologia de internet sem fio] urbano para todos os municípios do país. Hoje, na economia moderna, o que gera valor é muito menos a matéria-prima e o trabalho físico incorporados e sim o conhecimento que se incorpora no produto. Se comprarmos uma caneta a 10,00 reais, teremos ali, quando muito, 0,50 centavos de matéria-prima

“O sistema financeiro que se desloca para a especulação financeira está perdendo seu rumo e perdendo a função que está prevista na Constituição”

e trabalho físico. Quase todo o valor dessa caneta é em função do design, da pesquisa, de novos materiais, de tecnologias e tudo o que se chama de intangível no processo. Conforme a sociedade evolui para a sociedade do conhecimento, generalizar o acesso a esse conhecimento é vital. Isso implica escolas muito mais conectadas e sem pedágios, com acesso gratuito a banda larga e isso estendido ao conjunto das cidades, porque permite que o pequeno comerciante, em vez de vender com atravessador que aparece com caminhão, via internet encontre um preço melhor. Toda a sociedade começa a funcionar melhor.

Mecanismos de mercado nos bancos

Outro eixo central é a introdução de mecanismos de mercado no sistema dos bancos brasileiros. Hoje o HSBC cobra aqui no Brasil 67% numa linha de crédito e essa mesma linha de crédito em Londres, no mesmo HSBC, está a 6%. Isso é inviável e mostra um sistema financeiro que, em vez de fomentar atividades econômicas, capta recursos, joga na dívida pública para ganhar dinheiro com a taxa Selic, sem produzir de maneira adequada. A produção no setor bancário, em termos de ação financeira, é legítima quando financia, por exemplo, uma empresa e essa empresa dará lucros; com o lucro a empresa vai devolver o empréstimo ao banco, mas está fomentando a atividade, empregos, etc. O sistema financeiro que se desloca para a especulação financeira, está perdendo seu rumo e perdendo a função que está prevista na Constituição. O resgate

dos mecanismos de mercado é vital.

Transporte

Temos outras linhas. Eu mencionaria uma que me parece essencial: por que temos uma cidade como São Paulo, que tem hoje 6,8 milhões de carros andando a 14 quilômetros por hora, na média, portanto com velocidade de carroças, se transformando em uma cidade que se paralisa por excesso de meios de transporte? Simplesmente porque não foi feito investimento em transporte coletivo. Uma cidade grande se faz com metrô, corredores de ônibus. Por que essas decisões tão erradas foram tomadas? Porque o processo decisório obedecia aos interesses das montadoras e das empreiteiras que fazem os viadutos etc. Recuperar a capacidade política e um processo decisório democrático é vital. Enquanto houver financiamento corporativo de campanhas, como é o caso no Brasil, teremos deputados e senadores que pertencem a determinados grupos econômicos e que não representam o cidadão. Se olharmos nosso Congresso hoje, veremos a bancada ruralista, que hoje está caminhando para ter direito de desmatar à vontade; a bancada de empreiteira; a bancada da mídia; dos grandes bancos; só não tem bancada do cidadão. Resgatar a dimensão pública do estado é um eixo central. Isso não vai prejudicar ninguém, mas haverá um bom senso em termos de qualidade de vida das populações e não apenas dos negócios dos grupos econômicos, que compram os políticos e depois se lamentam que os mesmos sejam corruptos.

IHU On-Line - Em que medida a questão da sustentabilidade ambiental aparece na estrutura do capitalismo brasileiro atual, principalmente se pensarmos na questão da gestão das águas e da geração de energia?

Ladislau Dowbor - Temos alguns eixos aqui também. A proteção da Amazônia é fundamental para nós porque ela é um capital do Planeta. Temos ameaças particularmente graves na área do cerrado, que não foi protegida, não se gerou uma consciência nacional tão forte como se gerou para a Ama-

zônia. Boa parte da destruição que se dava na Amazônia se transferiu para o cerrado e ele é alvo de uma ofensiva de grandes grupos internacionais, que antes investiam em sistemas especulativos financeiros e que se deram conta que, com a fragilidade do sistema financeiro internacional, é mais sólido investir comprando terras no Brasil. Os recursos usados para isso são dos fundos de pensão que administram. Então, compram milhões de hectares para amanhã especular com essa terra. Esse é um segundo eixo preocupante. O eixo das hidrelétricas, da transposição do Rio São Francisco e da gestão da água é muito importante também. A água doce já é chamada de ouro azul no planeta e precisamos fazer a preservação como se pode. O eixo principal de atividade que nos desafia hoje, curiosamente, não está onde estão os grandes rios, e sim onde estão as metrópoles. São Paulo é uma cidade riquíssima, com uma renda per capita de 29 mil reais e vive cercada de esgotos a céu aberto, o que por sua vez gera imensos gastos com doenças. Esse tipo de resgate da qualidade da água urbana, tornar os rios mais limpos, onde se possa passear de barco, é algo que já está sendo feito em muitas cidades pelo mundo, porque as pessoas já entenderam que rio não é esgoto. Devolver água limpa para um riacho é gerar qualidade de vida, de lazer para população. O problema da transposição do São Francisco ou das hidrelétricas tem que ser visto de maneira menos ideológica e mais caso a caso. Por exemplo, não adianta eu ser contra a transposição do São Francisco¹ se eu não sei qual é a vazão da água, a jusante, se é sustentável ou não, se eu não sei a quem pertencem as terras para onde está se canalizando a água. Uma das primeiras medidas tomadas foi o congelamento de compra e ven-

¹ Sobre a transposição do Rio São Francisco, leia os Cadernos IHU em Formação número 28, intitulado *A transposição do Rio São Francisco em debate*, disponível para download em <http://bit.ly/cMuOnt> (Nota da IHU On-Line)

da de terras nas regiões que poderão ser abastecidas de água, porque esse governo já sabia o tipo de atividade especulativa de quem tem acesso às plantas, por onde vão passar os canais, que muitas vezes já saem comprando barato para depois revender mais caro. É gente que enche o bolso sem produzir nada. Então, é preciso ter o detalhe dessas atividades, porque em si, distribuir melhor a água do rio São Francisco, sobretudo para pequenos agricultores, é muito positivo. Ou pode ser algo feito de maneira exagerada, só para alimentar uma grande fazenda ligada à Bunge ou à Cargill às custas do rio São Francisco. Na parte de energia, investir no carvão, em termoelétricas, é problema. Mas investir na hidroeletricidade, em princípio, é muito positivo. É energia limpa, renovável, o “papai do céu” traz as nuvens e a chuva, então é coerente, mas sempre respeitando as limitações ambientais, que são diferentes em cada rio, em cada região. Mas tudo isso é hoje tecnicamente superável e avançar na matriz de energia limpa é positivo.

IHU On-Line - Quais as perspectivas socioambientais e econômicas que o senhor aponta para o Brasil no período de 2010 a 2015? Quais os principais limites e as possibilidades que identifica?

Ladislau Dowbor - O Brasil tem a maior reserva de terras agrícolas paradas do Planeta. Isso que o Planeta está precisando cada vez mais não só de alimentos, como de biocombustíveis, de fibras, de produção de ração animal. Então, a agricultura está voltando a ter uma importância central. O Brasil, com essa imensa reserva de solos agrícolas e com imensas reservas de água, está “segurando o picolé pelo palito”. Temos que restringir a compra predatória de solo e a destruição ambiental do cerrado. Tudo isso é o desafio dos próximos anos. No mais, teremos um deslocamento econômico que está se dando progressivamente da Bacia do

Atlântico, que é onde se dava a economia mundial, entre Europa e EUA, para a Bacia do Pacífico. Nossa conexão para o Pacífico é ainda, dando a volta no subcontinente, pelo sul. Os EUA já fizeram a ferrovia que conecta o Atlântico ao Pacífico em 1890. Nós mal temos uma conexão de estradas decente entre o Atlântico e o Pacífico. Se olharmos toda a América Latina, veremos que a quase totalidade da nossa economia, tanto no Atlântico como no Brasil, como no lado do Pacífico, os principais pontos econômicos da América Latina são todos marítimos, portuários. Quando pegamos o mapa da América Latina, veremos que temos as atividades econômicas na borda do subcontinente, e no meio temos florestas, cerrado, gado, explorações de recursos naturais, mas não povoamento, organizações econômicas e coisas do gênero. Há essa imensa oportunidade da integração latino-americana ocupando seu interior e utilizando de maneira economicamente inteligente e sustentável em termos ambientais.

LEIA MAIS...

>> Ladislau Dowbor já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

* *Um dia sem carro e seus impactos ambientais e socioeconômicos*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU de 22-09-2010 e disponível em <http://bit.ly/clEt0H>;

* *De um capitalismo selvagem para um capitalismo decente: a evolução brasileira*. Entrevista publicada na IHU On-Line número 322, de 22-03-2010 e disponível em <http://bit.ly/9Lkfo7>;

* *A construção do conhecimento é um processo colaborativo*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 27-11-2009 e disponível em <http://bit.ly/4X40cW>;

* *A crise financeira e o impacto ambiental*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 6-11-2008 e disponível em <http://bit.ly/96EREs>;

* *Catástrofe em câmara lenta. Voltar ao bom senso. Eis o desafio!* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 18-5-2008 e disponível em <http://bit.ly/bL19Cs>;

* *A inclusão produtiva como alternativa para o Brasil*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 8-7-2006 e disponível em <http://bit.ly/c03FNY>.

Os guarani e a luta pela terra

Política de “enrolação” não define o problema da distribuição desigual de terras no Brasil e só agrava a situação de miséria e exclusão dos índios, pontua Egon Heck. Estratégias fantasiosas foram desenvolvidas para colocar a população contra os povos indígenas

POR MÁRCIA JUNGES

A luta pela terra, contra a violência, a dependência, desnutrição e fome são constantes no cotidiano dos kaiowá guarani no Mato Grosso do Sul. Mas entre as diversas batalhas enfrentadas a que se destaca como a mais árdua e desafiadora é a luta por um pedaço de chão para viver com dignidade. Em uma estratégia para negar o direito dos índios à terra, foram desenvolvidas “teses fantasiosas e mentirosas, contrataram os melhores escritórios de advocacia, e não faltaram os antropólogos, arqueólogos e filósofos contratados para essa empreitada contra os direitos indígenas. Essa ampla mobilização foi desde os sindicatos Rurais, municípios, câmara dos vereadores, assembleia legislativa, órgãos de classe rurais e industriais, governador, deputados federais e senadores”. A denúncia é do coordenador do Conselho Indigenista Missionário - Cimi do Mato Grosso do Sul, Egon Heck, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

O alto índice de violência é agravado pela marginalização a que são expostos os índios, fadados a viver em beiras de estradas, periferias ou perambulando de cidade em cidade. “Nos últimos cinco anos os kaiowá guarani tiveram a metade, ou mais, de todos os assassinatos indígenas registrados no país, conforme o relatório de violência do Cimi”. Voz estridente contra o verdadeiro Holocausto em marcha contra as populações originárias, Heck explica que os índios continuam sendo uma pedra no sapato do “agronegócio porque não se resolve a questão das terras”. Pequenos avanços são percebidos no reconhecimento de algumas áreas, “cujos processos de regularização têm dado alguns passos com a publicação de portarias declaratórias, como os recentes casos das Terras Indígenas de Buriti (Terrena) e Sombreiro (kaiowá guarani)”.

Egon Heck estará na Unisinos na próxima quinta-feira, 07-10-2010, quando fará uma conferência sobre as lutas dos guarani sul mato-grossenses. A atividade é parte integrante do *Ciclo de Palestra Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani*. Pré-evento do **XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**. Para conferir a programação completa do evento, acesse <http://bit.ly/cGz5Lf>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais lutas do povo guarani hoje, no Mato Grosso do Sul?

Egon Heck - Eu destacaria várias lutas, fundamentalmente pela terra, violência, dependência, desnutrição e fome. Vejamos:

Terra

Dentre as diversas lutas enfrentadas pelos povos kaiowá guarani no Mato Grosso do Sul, a que se destaca como a mais árdua e desafiadora é a luta pela terra. É uma luta que vem

recrudescendo na medida em que o tempo passa e a agroindústria e o agronegócio se estabelecem e se firmam em cima das terras tradicionais desse povo. Esse processo é agravado pelo fato do poder econômico e político estarem articulados e irredutíveis diante do direito dos povos indígenas às suas terras. Desde que foi assinado o Termo de Ajustamento de Conduta - TAC, em 12 de novembro de 2007, se desencadeou uma verdadeira guerra contra o reconhecimento das terras kaiowá guarani. Essa campanha, de uma virulência sem precedentes, es-

teve totalmente baseada em mentiras e com o único objetivo de gerar ódio às populações indígenas, jogando a sociedade contra eles e desencadeando uma onda de violências sem precedentes na história recente desse povo. E as propostas foram as mais absurdas e racistas possíveis, dentre as quais: “não vamos ceder um palmo de terra produtiva para os índios”; “que os kaiowá guarani sejam levados para as terras do Reverendo Moon, para a terra dos kadiwéw, ou para a Amazônia, onde os índios têm bastante terra”; “vamos manter nossas carabinas en-

graxadas”; “os índios vão inviabilizar o estado do Mato Grosso do Sul”; e “os guarani querem 12 milhões de hectares, vão acabar com 26 municípios, vão tomar 26 cidades...”. Em sua estratégia de negar o direito dos índios à terra, desenvolveram teses fantasiosas e mentirosas, contrataram os melhores escritórios de advocacia, e não faltaram os antropólogos, arqueólogos e filósofos contratados para essa empreitada contra os direitos indígenas. Essa ampla mobilização foi desde os sindicatos rurais, municípios, câmara dos vereadores, assembleia legislativa, órgãos de classe rurais e industriais, governador, deputados federais e senadores. Além disso, tem o apoio mais amplo da CNA, bancada ruralista e representantes do agronegócio em alguns estados.

Violência

A segunda questão, intimamente ligada à primeira, é o altíssimo nível de violência. O índice de assassinatos é superior a regiões em guerra. Nos últimos cinco anos, os kaiowá guarani¹ tiveram a metade, ou mais, de todos os assassinatos indígenas registrados no país, conforme o relatório de violência do Conselho Indigenista Missionário - Cimi². Diante dessa altíssima e permanente violência, agravadas cruelmente pelo alcoolismo e drogas, e fragilização dos laços sociais e familiares, as autoridades indígenas perdem o controle do processo e não sabem mais como agir. Os índios se veem compelidos a pedir a intervenção policial, e exigir políticas de segurança nas aldeias. Como consequência, vemos cada vez mais índios enchendo as prisões ou migrando para outras regiões, beiras de estrada ou mesmo periferias da cidade.

1 Sobre os guarani, leia a revista IHU On-Line número 331, de 31-05-2010, intitulada *Os Guarani. Palavra e Caminho*, disponível em <http://bit.ly/dyL9RT> (Nota da IHU On-Line)

2 Conselho Indigenista Missionário - Cimi: órgão vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Foi criado pela CNBB no ano de 1972 com o objetivo de lutar pelo direito à diversidade cultural dos povos indígenas. Busca fortalecer a autonomia destes povos na construção de projetos alternativos, pluri-étnicos, populares e democráticos frente ao desrespeito a seus direitos e à tentativa de integração destes povos à sociedade majoritária. (Nota da IHU On-Line)

“Uma das lutas diárias da grande maioria das comunidades kaiowá guarani é pela sobrevivência, em especial pela alimentação”

de. A causa principal desse quadro é o confinamento e negação da terra. E na luta pela terra é que se revela o aspecto mais violento da ação contra as comunidades que retornam a suas terras sagradas e tradicionais, seus tekohá. Na maioria dos casos a ação é de pistoleiros fortemente armados e seguranças particulares (milícias privadas!) contratadas pelos fazendeiros. E a ação de expulsão violenta dos índios é normalmente imediata, pois conforme expressaram os ideólogos do agronegócio, a justiça é lenta e a presença nas áreas pode significar maior dificuldade para a retirada. Eles têm tanta certeza da expulsão dos índios que mantêm atualizado na internet um quadro onde explicitam o dia da “invasão”, e o dia da “retirada”.

Dependência, desnutrição e fome

Uma das lutas diárias da grande maioria das comunidades kaiowá guarani é pela sobrevivência, em especial pela alimentação. Mais de 90% das famílias depende direta e às vezes exclusivamente de cestas básicas e outros benefícios do governo. São 15 mil cestas básicas distribuídas pelo Estado e um grande número pelo governo federal. As consequências nefastas dessa situação acontecem em diversos níveis: físico, cultural, psicológico. Ter sua sobrevivência determinada de fora gera um permanente estado de sobressalto da fome (atrasos das cestas), acomodação, humilhação. “Nós guarani sempre vivemos bem de nosso trabalho na aldeia, e depois que nos roubaram a terra nos obrigam a essa cruel dependência da cesta básica.

Não queremos continuar vivendo de cesta básica, queremos nossas terras...”, declarou recentemente uma liderança desse povo. Isso também os poderia livrar do único espaço de trabalho, que é o trabalho semiescravo nas usinas. Já foram 15 mil indígenas trabalhando na cana. Com o rápido processo de mecanização esse número já diminuiu para aproximadamente 12 mil, estando previsto um processo de total mecanização do setor sucroalcooleiro para os próximos anos. Isso gerará outro impacto forte sobre muitas comunidades.

Uma das situações mais graves aconteceu recentemente na comunidade Ypo’y, município de Paranhos. Depois de terem dois de seus professores assassinados na primeira retomada, retornaram em 18 de agosto à mesma terra tradicional. Foram cercados imediatamente por jagunços, tendo sido fechadas as estradas, com eles buscando expulsar os índios pela fome. Após gritos e campanhas nacionais e internacionais, a situação ainda persiste de cerco e cerceamento de deslocamento de seus membros. Poderíamos ainda citar várias e importantes lutas na área de saúde, educação, onde conseguiram algumas conquistas e avanços, mas também existem ainda muitas deficiências e lacunas.

IHU On-Line - Recuperando aspectos discutidos em outra entrevista à IHU On-Line, os kaiowá guarani continuam sendo a “pedra no sapato” do agronegócio do MS? Por quê?

Egon Heck - Continuam sendo uma “pedra no sapato” do agronegócio porque não se resolve a questão das terras, fundamentalmente. Isso tem gerado uma certa intranquilidade nos investimentos novos e insegurança nos produtores cujas terras incidem sobre o território tradicional desses povos. Além disso, a mentalidade produtivista e desenvolvimentista, baseado no conceito da terra como simples mercadoria e objeto de produção, é questionada pelo modo de vida, relação com a terra e produção dos kaiowá guarani. Estes não querem suas terras de volta para produzir para o sistema, mas para nela reconstruírem seu modo de viver, seu “teko”. Isso é uma enorme

pedra no sapato do modo de produção capitalista vigente.

IHU On-Line - O que já avançou em relação à garantia dos direitos desse povo?

Egon Heck - É possível constatar pequenos avanços no processo de reconhecimento de algumas terras, cujos processos de regularização têm dado alguns passos com a publicação de portarias declaratórias, como os recentes casos das Terras Indígenas de Buriti (terena)³ e Sombreiro⁴ (kaiowá guarani). Além das contestações na justiça que sofrem essas ações do executivo, existe uma morosidade em concluir o processo de todas as identificações das terras indígenas, previstas no Termo de Ajustamento de Conduta - TAC e tidas como prioridade no cronograma da Funai. O Ministério Público tem entrado na justiça cobrando os prazos estabelecidos no TAC.

Os avanços mais significativos se verificam no processo de educação escolar, com um movimento de professores articulado e buscando cobrar, cada vez mais, escolas indígenas diferenciadas e de qualidade, conforme garante a Constituição. A crescente participação dos professores nos processos de luta pelos direitos das comunidades, especialmente da terra, é um desses avanços.

IHU On-Line - Como avalia a política indigenista do governo de esquerda brasileiro?

Egon Heck - A partir da realidade do Mato Grosso do Sul, pode-se dizer que foi uma política de enrolação, com muita conversa, prioridade, mas pouco avanço efetivo na garantia dos

3 Terra Indígena Buriti: área localizada entre Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia, em Mato Grosso do Sul, que foi delimitada em portaria publicada em setembro de 2010 como de posse permanente dos índios terena. A TI Buriti deverá abranger 17,2 mil hectares, contra os atuais dois mil hectares. Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), a TI Buriti engloba nove aldeias, com cerca de 4,5 mil índios. (Nota da IHU On-Line)

4 Terra Indígena Sombreiro: área localizada em Sete Quedas, fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, que terá 12.608 hectares e que o Ministério da Justiça acaba de declarar como de posse permanente do grupo indígena guarani-ñhandeva. Agora, ela deve ser demarcada fisicamente pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para posterior homologação pelo presidente da República. (Nota da IHU On-Line)

direitos, como à terra. Na acomodação dos interesses dominantes, os direitos indígenas foram para baixo do tapete. O Programa de Aceleração do Crescimento - PAC implicou na gradual remoção dos obstáculos, dentre os quais muitas populações indígenas. As grandes obras avançaram na esteira de um modelo de desenvolvimento que, na prática, nega a existência da pluralidade, com mais de 230 povos indígenas no país. O paradoxo maior talvez tenha sido fazer avançar uma política com discurso de esquerda abrindo o campo para ações de direita. A habilidade no diálogo não significou decisões políticas de avanço na construção de novas relações, de respeito e afirmações das autonomias indígenas em seus territórios. Na prática houve alguns tímidos avanços e vitórias do movimento indígena, como a homologação da Raposa Serra do Sol, a criação da Comissão Nacional de Política Indigenista (a expectativa era a criação do Conselho), a realização de Conferências, Seminários, Consultas, a reestruturação da Funai, em curso.

IHU On-Line - O que tende a mudar para os índios com o resultado das eleições presidenciais?

Egon Heck - Nas atuais tendências, seja quem for o vitorioso, o quadro para os povos indígenas não é nada animador. O crescimento a qualquer preço será o cenário mais provável. Neste jogo os índios, como moeda de troca, sofrerão graves impactos, especialmente no que se refere a seus territórios e recursos naturais. O tempo de acomodação dos interesses vitoriosos sempre tem significado um angustiante e violento tempo de espera (quarentena) para os povos indígenas. Provavelmente, não será diferente agora.

IHU On-Line - Como a luta dos mapuches, do Chile, se irmana às lutas dos guarani e de outros povos indígenas brasileiros?

Egon Heck - Existe uma crescente consciência de solidariedade entre os povos indígenas no continente bem como dos setores aliados a esta causa. A decisiva luta dos mapuches⁵ por seus

⁵ Sobre a luta dos mapuches leia no sítio do

direitos, especialmente a recuperação de seus territórios e contra as leis vergonhosas da opressão e criminalização, como a “lei antiterrorista”, traz muito presente a prática colonial de mais de 500 anos, no afã de submeter e erradicar a resistência e direitos indígenas na colônia e depois nos estados nacionais.

Nesse aspecto a luta do povo guarani, grande povo, presente em cinco países da América do Sul, também é um permanente questionamento às políticas de negação dos direitos aos povos nativos. É uma luta contra a criminalização, uma luta pelos direitos ao reconhecimento da pluralidade das nações, do reconhecimento das diferenças, de novas e necessárias organizações do poder, baseados nos compreensões de bem-viver dos povos indígenas. Esse processo de descolonização encontra resistência nas elites que sempre se locupletaram com os saques e privilégios. A luta dos mapuche, no Chile, é hoje uma das expressões fortes e duras da luta por direitos e mudanças estruturais profundas em Abya Yala, América, ameríndia.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Egon Heck à IHU On-Line:

* *Etnocídio no Mato Grosso do Sul*. Notícias do Dia 14-12-2009, disponível em <http://bit.ly/cElHfs>

* *A sobrevivência cultural do povo kaiowá-guarani está em jogo no MS*. Notícias do Dia 02-04-2009, disponível em <http://bit.ly/cBZnUt>;

* *Não conseguiram destruir nossa raiz*. Notícias do Dia 07-02-2008, disponível em <http://bit.ly/bjCz4v>;

* *O Holocausto Guarani. Está em curso um processo de genocídio desse povo*. Notícias do Dia 18-11-2007, disponível em <http://bit.ly/bbyeZT>.

>> Confira outras edições da IHU On-Line sobre os povos indígenas:

* *Os Guarani. Palavra e caminho*. Edição número 331, de 31-05-2010, disponível em <http://bit.ly/dmd5NR>;

* *Em busca da terra sem males: os territórios indígenas*. Edição número 257, de 05-05-2008, disponível em <http://bit.ly/cgthka>.

IHU: *Mapuches não aceitam proposta e continuam em greve de fome* (<http://bit.ly/an-LK7i>). Ao final desta nota há uma série de outras matérias sobre o tema. (Nota da IHU On-Line)

O ser humano como o limite das nanotecnologias

Cada país deve estabelecer seus marcos regulatórios para as pesquisas em nano escala, avalia Wilson Engelmann. A falta de tais leis não deve excluir o homem como medida mais elevada da aplicabilidade das descobertas dessa nova ciência

POR MÁRCIA JUNGES

Algo novo e revolucionário, os resultados da nanotecnologia não se encaixam nos conceitos de Direito até o momento, e não há marcos regulatórios definidos. Assim, essa é uma discussão aberta em escala mundial, com debates em cada um dos países. Por essa razão, é fundamental que cada uma das nações crie seus marcos regulatórios, “a fim de respeitar características e problemas próprios”. As conclusões são do advogado Wilson Engelmann, professor do curso de Direito da Unisinos, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. “Esse parece ser o maior desafio: as normas internas deverão conversar com os marcos regulatórios externos, pois as nanotecnologias estão espalhadas pelo globo e não respeitam as fronteiras territoriais dos Estados”, completa. A potencialização do surgimento de “novos direitos” é outro aspecto debatido na entrevista. Embasado no pensamento de John Finnis, Engelmann alerta que o fato de até o momento não haver marcos regulatórios para as pesquisas em nano escala, “não significa que vale tudo. O ser humano de carne e osso, como diz Finnis, é o limite. É nele que se deverá pensar como sendo o destinatário dos resultados positivos e negativos das nanotecnologias, quando se avalia a continuidade ou a interrupção das pesquisas”.

Engelmann, que é professor e pesquisador do PPG em Direito da Unisinos, está à frente da organização do seminário *Nanotecnologias: um desafio para o século XXI*, que acontece entre 18 e 21 de outubro, no Auditório Padre Bruno Hammes, na Unisinos, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Direito. O evento faz parte de uma atividade do Grupo de Pesquisa Jusnano, vinculado à Unisinos e à Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, do Rio de Janeiro, que busca lançar e aprofundar a discussão nos âmbitos acadêmico, empresarial, político e social, com o intuito de estabelecer aspectos que os auxiliem no estabelecimento de marcos regulatórios para o emprego dessa tecnologia.

Graduado, especialista, mestre e doutor em Direito pela Unisinos, Engelmann defendeu a tese *Os Princípios da Lei Natural e as exigências metodológicas da razoabilidade prática desenvolvidas por John Finnis: em busca de uma justificação ética para a hermenêutica de cunho filosófico*. É autor das obras *Direito natural, ética e hermenêutica* (Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2007), *Para entender o princípio da igualdade* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008) e *Crítica ao positivismo jurídico: princípios, regras e o conceito de Direito* (Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2001). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que é importante discutir e planejar marcos regulatórios sobre as nanotecnologias?

Wilson Engelmann - As nanotecnologias representam um tema fundamental no desenvolvimento científico e tecnológico, hoje, do país e do mundo. As nanotecnologias expressam um conjunto de diferentes tecnologias que trabalham com a escala que vai de 1 a 100 nanômetros. A possibilidade de trabalhar nesta escala é uma das descobertas mais geniais dos últimos tem-

pos, pois permite manipular a matéria no nível atômico, proporcionando a montagem de coisas que seriam impossíveis em outra escala. O contexto de novidade que as nanotecnologias possibilitam se espalha por diversas áreas como fármacos, cosméticos, artigos de vestuário, material esportivo, alimentos, em várias indústrias como a química, metalurgia, entre outras. Como se trata de algo realmente novo e revolucionário, pois não se pode enquadrar os resultados das nanotecnolo-

logias nos quadros e conceitos até o momento, não há marcos regulatórios. Assim, a discussão está aberta em escala mundial, mas cada país também faz a sua discussão interna. Nessa matéria, será muito importante cada país criar os seus próprios marcos regulatórios, a fim de respeitar características e problemas próprios. No entanto, e esse parece que é o maior desafio, as normas internas deverão conversar com os marcos regulatórios externos, pois as nanotecnologias estão espalha-

das pelo globo e não respeitam as fronteiras territoriais dos Estados. Além disso, é importante regulamentar a matéria, pois ela tem implicações em diversas áreas jurídicas, como: direito civil, responsabilidade civil, direito do consumidor, direito do trabalho, direito penal e direito ambiental.

IHU On-Line - Quais são as grandes questões pertinentes à área jurídica sobre as nanotecnologias?

Wilson Engelmann - Uma das grandes questões para a área jurídica é o desenvolvimento de marcos regulatórios que não limitem ou inviabilizem as pesquisas científicas. O Direito não deve ser visto como se estivesse ingressando no cenário das nanotecnologias para limitar a criatividade científica. Pelo contrário, e não é esse o papel do Direito. O seu ingresso no cenário das nanotecnologias é uma questão muito mais ampla e se vincula ao próprio ingresso das ciências humanas no roteiro do desenvolvimento científico desencadeado pelas nanotecnologias. Por enquanto, apenas as ciências “duras” estão trabalhando com as nanotecnologias. Já as ciências humanas, e dentre elas o Direito, estão começando a se dar conta da revolução científica e pedindo ingresso nesse cenário. Isso é muito importante, pois, do contrário, o mundo será construído (e essa é uma das promessas das nanotecnologias: a construção de um novo mundo) apenas pelo viés das ciências “duras”. Portanto, a primeira questão para o Direito é dar-se conta da necessidade de abrir-se para a existência das nanotecnologias e iniciar uma discussão séria sobre a melhor fórmula jurídica para desenvolver os marcos regulatórios. Uma coisa já se sabe: as nanotecnologias estão potencializando o surgimento de novos direitos, sem nenhum respaldo jurídico direto no sistema jurídico vigente. Essa é uma segunda preocupação: estabelecer marcos jurídicos que possam proteger os novos direitos.

IHU On-Line - Que impasses e soluções se delineiam sobre essas questões jurídicas?

Wilson Engelmann - Os desafios lançados à área jurídica pelas nanotecnologias provocam uma revisão da Teoria

“O Grupo de Pesquisa Jusnano já promove discussões entre pesquisadores e alunos de diversos cursos da Unisinos (Direito, Filosofia, Engenharia de Alimentos, Física, Biologia, Saúde Coletiva) sobre os impactos das nanotecnologias desde 2008”

das Fontes do Direito. Vale perguntar: será que a lei é a melhor alternativa para expressar os marcos regulatórios? No Direito ainda vigora o paradigma legalista. Muitos ainda vislumbram na lei uma resposta aos problemas que surgem na sociedade. Aí será necessária uma profunda revisão na estruturação do Direito, abrindo-se o espaço para que as fontes do Direito - além da lei, a jurisprudência, os princípios, costumes, doutrina, contratos, entre outras - possam ser valorizadas na construção de respostas jurídicas aos novos problemas que decorrerão dos novos direitos. A construção dessa nova estrutura do Direito deverá ser permeada pela transdisciplinaridade. Aliás, as nanotecnologias representam um campo de produção do conhecimento, pelo viés transdisciplinar, sem precedentes na história da produção do conhecimento em geral e do jurídico em particular. É preciso aproveitar esse momento e conferir ao Direito normas jurídicas que tenham a necessária abertura e flexibilidade - sendo as cláusulas gerais um exemplo privilegiado. Esse tema vem sendo estudado com profundidade pelo meu bolsista de iniciação científica PIBITI/CNPq André Stringhi Flores. Portanto, nesse momento da história do Direito, como em nenhum outro,

abre-se o espaço para a criação no/do Direito. Deve ser abandonada a mera reprodução do conhecimento. Esse é um desafio que deverá desacomodar todos aqueles que estão preocupados em construir um Direito em sintonia com as transformações projetadas na sociedade e pelos humanos.

IHU On-Line - Partindo do pensamento de Johnn Finnis, quais são os maiores desafios e impasses que se apresentam em termos éticos no campo das nanotecnologias?

Wilson Engelmann - John Finnis¹ é um jusnaturalista contemporâneo que desenhou uma (re) leitura do direito natural, atualizando a perspectiva clássica - especialmente Aristóteles² e São Tomás de Aquino³ -, dando-lhe contornos atuais mais concretos. Por meio da razão prática, que é aquela preocupada com o agir humano e com o desenho de normas para essa ação, Finnis se apresenta como uma proposta ética, que se aproxima dos direitos humanos, para a fundamentações filosófica dos marcos regulatórios para as nanotecnologias. Mas qual ética? A

1 John Mitchell Finnis: filósofo australiano, que desde 1967 é professor na Oxford University (Inglaterra) e, desde 1995, e na University of Notre Dame, Indiana (Estados Unidos). É um pensador reconhecido como marco para a teoria dos direitos naturais nos séculos XX e XXI. Confira a entrevista *As nanotecnologias. Uma reflexão ética a partir de John Finnis*, concedida por Wilson Engelmann às Notícias do Dia 12-01-2008, disponível em <http://bit.ly/9DZ2vR>. (Nota da IHU On-Line)

2 Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

3 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

partir de Finnis, não uma ética utópica ou teórica, mas uma ética prática, preocupada em estabelecer linhas-limite de atuação para o humano. Portanto, mesmo que não haja marcos normativos para os resultados das pesquisas em nano escala, isso não significa que vale tudo. O ser humano de carne e osso, como diz Finnis, é o limite. É nele que se deverá pensar, como sendo o destinatário dos resultados positivos e negativos das nanotecnologias, quando se avalia a continuidade ou a interrupção das pesquisas.

IHU On-Line - Como esse evento do Jusnano ajuda a lançar luzes sobre o tema das nanotecnologias? Nesse sentido, que temas são fundamentais nos debates que serão promovidos?

Wilson Engelmann - O Grupo de Pesquisa Jusnano já promove discussões entre pesquisadores e alunos de diversos cursos da Unisinos (Direito, Filosofia, Engenharia de Alimentos, Física, Biologia, Saúde Coletiva) sobre os impactos das nanotecnologias desde 2008. Neste ano decidiu-se promover o seminário *Nanotecnologias: um desafio para o Século XXI*, a fim de se aumentar o conjunto de pessoas que possam participar destas discussões. É um evento que tem o apoio financeiro da Capes, Fapergs além de outros parceiros que foram convidados. A partir da programação, se verifica que os temas são transdisciplinares, pois estão contempladas várias áreas que

trabalham com as nanotecnologias, incluindo o próprio Direito. Portanto, o foco não é apenas jurídico. Os temas fundamentais são as possibilidades e perspectivas das nanotecnologias no Brasil, notadamente em Pesquisa e Desenvolvimento e incentivos fiscais; suas projeções nas pesquisas acadêmicas, as interfaces com as indústrias, promovendo a concretização de “Hélice Tríplice” projetada por Henry Etzkowitz, riscos ambientais, nanotoxicologia, questões tributárias e contábeis pertinentes.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum outro aspecto não questionado?

Wilson Engelmann - Além da vinculação do seminário com o Grupo de Pesquisa Jusnano (credenciado junto ao CNPq), o tema do evento é objeto de dois projetos de pesquisa desenvolvidos pelo Prof. Dr. Wilson Engelmann (professor do Programa de Pós-Graduação em Direito-Mestrado e Doutorado da Unisinos), com a participação dos bolsistas de iniciação científica: a) PIBITI/CNPq: André Stringhi Flores; b) Fapergs: Bruna Ely e c) PIBIC/CNPq: Guilherme Cherutti. Com essa minha equipe de dedicados colaboradores e pesquisadores, ou seja, muito mais do que bolsistas, trabalhamos nos seguintes projetos: 1) Os direitos humanos e o “fascínio da criatividade”: em busca de justificativas éticas para a regulamentação das pesquisas e dos resul-

tados com o emprego das nanotecnologias (Unisinos); 2) Nanotecnologias aplicadas aos alimentos e aos biocombustíveis: reconhecendo os elementos essenciais para o desenvolvimento de indicadores de risco e de marcos regulatórios que resguardem a saúde e o ambiente (Rede Nanobiotec-Brasil/Capes). Este último projeto é desenvolvido junto com a Fundação Osvaldo Cruz (Rio de Janeiro) e mais 6 outras instituições de ensino superior.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Wilson Engelmann à IHU On-Line.

* *As nanotecnologias. Uma reflexão ética a partir de John Finnis.* Notícias do Dia 12-01-2008, disponível em <http://bit.ly/9DZ2vR>.

* *Wilson Engelmann.* IHU Repórter. Edição número 334, revista IHU On-Line, de 21-09-2010, disponível em <http://bit.ly/cMU7zy>

>> Confira outras entrevistas relacionadas ao tema da nanotecnologia concedidas à IHU On-Line.

* *O mundo desconhecido das nanotecnologias.* Edição número 120, revista IHU On-Line, de 25-10-2004, disponível em <http://bit.ly/cGQaYr>;

* *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos.* Edição número 259, revista IHU On-Line, de 26-05-2008, disponível em <http://bit.ly/cGQaYr>;

* *Somos ciborgues? Nanotecnologias e as consequências na sociedade.* Entrevista com Marko Monteiro, Notícias do Dia 19-02-2008, disponível em <http://bit.ly/bRIAii>;

* *Levante o dedo quem tem zero de ciborgue.* Entrevista com Ático Chassot, Notícias do Dia 26-08-2007, disponível em <http://bit.ly/cwpHnt>.

Participe dos
eventos do IHU
www.ihu.unisinos.br

Vera Portocarrero

POR PATRICIA FACHIN

Filha de mãe religiosa e pai ateu, Vera Portocarrero sempre foi incentivada a estudar. Herdou do pai o gosto pela leitura e, ainda criança, leu *A Odisseia*, de Homero e *A República*, de Platão. Nascia aí seu interesse pela Filosofia. Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, ela foi influenciada pela obra de Foucault e dedicou-se ao estudo da psiquiatria no Brasil. Depois de quase trinta anos de contato com instituições religiosas de ensino, Vera declara-se “completamente atea” e menciona: “Talvez por ter tido um pai ateu e uma mãe religiosa, esse foi um processo simples. Não tive conflito de consciência, como não tenho até hoje”. A professora esteve na Unisinos em ocasião do XI Simpósio IHU: **O (des)governo biopolítico da vida humana**, e contou um pouco de sua trajetória à IHU On-Line. Confira.

Origens - Sou carioca, nasci no Rio de Janeiro e tenho uma família grande; somos cinco irmãos. Meu pai é pernambucano e minha mãe é baiana. Tenho dois filhos e um neto de dois anos. Passei minha infância no Leblon, na praia, brincando e estudando muito. Sempre estudei em colégios de freiras porque minha mãe era religiosa e queria que os filhos tivessem essa formação. Por outro lado, meu pai era ateu e de esquerda. Aprendi com os dois lados da minha família.

A educação dos filhos foi interessante porque minha mãe era rigorosa com a disciplina, ensinava as atividades da casa, enquanto meu pai tinha uma posição marcante do ponto de vista intelectual. Ele comprava livros para nós e as duas primeiras obras que li foram *A Odisseia*, de Homero e *A República*, de Platão. Eram livros de bolso, da Ediouro e, nas capas, tinha uma figurinha, que na verdade era a mitologia grega. Li com a cabeça de criança.

Graduação - Estudei Filosofia na escola, além de grego e latim. Nesta época, tinha interesse em trabalhar com o ensino. Sempre fui professora. Cursei a graduação na PUC, em 1971, porque a Universidade Federal estava destrocada

em função da ditadura. O curso da PUC era bastante ligado à Teologia, mas direcionei meus estudos para a Filosofia da Ciência, sem estar submetida à religião. *Estudávamos escondido as teorias de Marx. Não existiam cursos sobre ele, então, fazíamos grupos de estudos com professores. Também estudávamos Nietzsche, Freud e Marx. Comecei a me interessar por Foucault justamente porque ele já vinha fazendo uma análise crítica desses pensamentos.*

Estudos sobre Foucault - Fiz um curso sobre Foucault com Roberto Machado¹, o maior conhecedor da obra

¹ Roberto Machado: filósofo brasileiro, autor de *Nietzsche e a verdade* (2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997), e um dos autores de *Danação da norma. Medicina Social e a constituição da psiquiatria no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1978). Em 01-04-2004, Machado abriu o evento Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com a palestra *Foucault, a filosofia e a literatura*. Na edição 203, de 06-11-2006, Michel Foucault, 80 anos, concedeu a entrevista *Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária*, disponível em <http://bit.ly/8Y3IOy>. Em 04-06-2010 esteve no IHU no Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: **O (des)governo biopolítico da vida humana**, falando sobre *A geografia deleuziana do pensamento*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista disponível em <http://bit.ly/8ZvBiq>. (Nota da IHU On-Line)

foucaultiana, e estudei *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987) - achava quase inacessível, mas interessante. Em 1975, Foucault foi à PUC ministrar cinco conferências. Fiquei impressionadíssima porque ele era carismático e culto. Foi convidado pelo departamento de Letras da universidade, que estava estudando o estruturalismo. Lembro que os estudantes estavam com expectativa de vê-lo falar sobre o tema. No entanto, a primeira frase que ele disse foi: “Eu não sou estruturalista, não vou falar sobre o estruturalismo”. E discursou sobre a invenção do sujeito, sobre Nietzsche.

Um colega muito rico, que morava na avenida Vieira Souto, convidou Foucault para jantar no apartamento dele. Foucault, num rasgo de socialização, disse que aceitava se o encontro fosse aberto para todos os estudantes. O apartamento lotou. Eu fui, mas ficava tímida perto do filósofo. Depois de sua morte, estive no apartamento dele, em Paris, porque fui estudar com o professor Roberto Machado. No mais, meu cruzamento com ele foi filosófico.

Fui estagiária de Roberto Machado,

quando ele pesquisava a história da psiquiatria no Brasil, na PUC. Ele me ensinou a trabalhar com pesquisa de arquivos na linha de Foucault. Encantei-me definitivamente, tanto que meu trabalho de mestrado foi sobre a psiquiatria no Brasil. Fui muito influenciada por Roberto Machado e Foucault.

No doutorado, trabalhei com a antipsiquiatria no Brasil. Essas pesquisas foram marcantes na minha vida porque depois eu fui trabalhar na Colônia Juliano Moreira. Apresentei uma conferência, eles pediram outra, mais um curso e fiquei lá por sete anos.

Mais tarde, recebi um convite para trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, com uma pesquisa sobre a história da medicina no Brasil justamente porque eu já tinha um estudo sobre a história da psiquiatria. Em função disso, comecei a estudar a microbiologia de Pasteur² e isso resultou no livro *As ciências da vida. De Canguilhem a Foucault* (Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009). Foi muito bom trabalhar na Fiocruz porque meus colegas eram das áreas de Sociologia e História; tive de aprender os temas que eles estudavam e, além do mais, continuar aprendendo o que eu tinha como propósito. Mantive sempre um referencial de influência foucaultiana.

Em certa ocasião, organizei um evento sobre Foucault na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UERJ e o reitor me passou uma caixa de fitas inéditas com as conferências que Foucault ministrou na universidade, há alguns anos. Tenho esse material guardado na minha casa. Preciso fazer um projeto para abrir essas fitas de rolo e averiguar se tem algum tema inédito.

² Louis Pasteur (1822-1895): cientista francês. Suas descobertas tiveram enorme importância na história da química e da medicina. (Nota da IHU On-Line)

Leitura - Gosto da literatura de Machado de Assis³ e Guimarães Rosa⁴. Inclusive, esses são meus autores de cabeceira.

Lazer - Meu lazer número um é a praia. Gosto de aproveitar o dia, adoro o mar, caminhar, passear de barco.

³ Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Maílde Trípoli, em 20-04-2007, no link <http://migre.me/qR3n>, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://migre.me/qR47>, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/qR4B>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. (Nota da IHU On-Line)

O Rio de Janeiro é um lugar excelente para quem gosta de ar livre. Gosto de cinema, mas não sou conhecedora. Também gosto de pintura e de brincar com meu neto. Um dos meus filhos está casado e o outro mora na minha casa. Ele fez um doutorado muito difícil sobre Geociências.

Religião - Depois de estudar 16 anos em colégios de freiras, dez numa universidade católica, tenho uma relação excelente com os religiosos, mas sou completamente atea. Fiz Primeira Comunhão e casei na Igreja, mas não batizei meus filhos. Acho que a religião, para quem é religioso, é um bom recurso de vida, uma boa forma de lidar com as dificuldades. Eu arranjei outros meios.

Quando ingressei na universidade já não acreditava em Deus. Talvez por ter tido um pai ateu e uma mãe religiosa, esse foi um processo simples. Não tive conflito de consciência, como não tenho até hoje.

Sonhos - Não sonho com longevidade. Meus sonhos são muito simples, ou extremamente complicados: viver feliz, ter uma vida tranquila, cercada de pessoas que estão bem, ou seja, a idade do ouro: onde não tem doença, morte, necessidade para o trabalho. A idade do ouro já passou, é antes da humanidade: é o Éden.

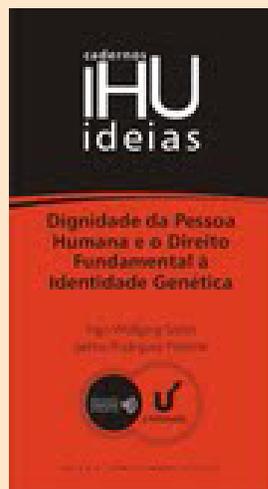
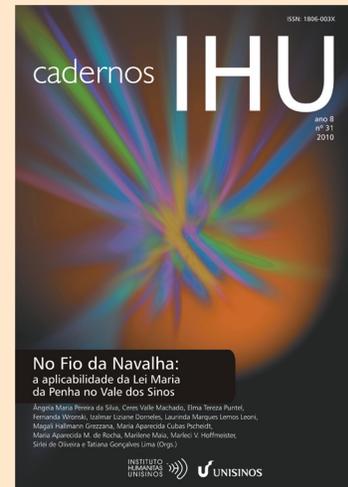
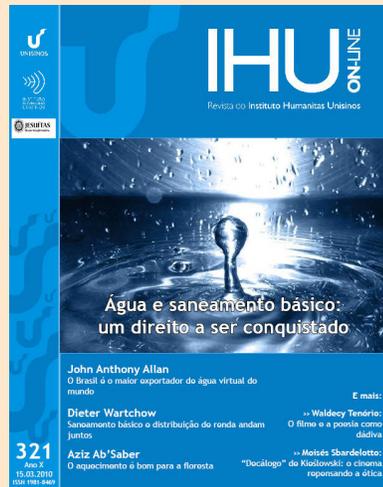
LEIA MAIS...

>> Vera Portocarrero concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

* *Ciências, um conhecimento sempre inacabado*, publicada na edição 345, de 21-09-2010, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*. Acesse no link <http://migre.me/1rZ6a>.

www.ihu.unisinos.br

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques

Campanha 10:10 no IHU e na Unisinos

A meta de 10% na redução do consumo de carbono em um ano a partir de 2010, proposta pela campanha 10:10 Global, também será buscada de forma conjunta entre o IHU e alguns setores da Unisinos, como o Sistema de Gestão Ambiental - SGA. Para falar sobre isso, as professoras Luciana Gomes, do SGA, Marilene Maia, do IHU, e o professor Gelson Luiz Fiorentin, da graduação em Biologia, estarão na Sala Ellacuría e Companheiros no próximo **IHU Ideias** do dia 07-10-2010, quinta-feira, das 17h30min às 19h. A proposta do encontro é sensibilizar a comunidade acadêmica para a campanha e dar visibilidade a iniciativas ambientais já existentes no campus, como o programa Energia Positiva. Mais informações em <http://bit.ly/ahnQ3t>.

As lutas dos guarani sul mato-grossenses

O coordenador do Conselho Indigenista Missionário - Cimi do Mato Grosso do Sul, Egon Heck, estará na Unisinos na próxima quinta-feira, 07-10-2010, quando irá conduzir uma palestra sobre as lutas dos guarani sul mato-grossenses. A atividade é parte integrante do **Ciclo de Palestra Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani**. Pré-evento do XII **Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**. Para conferir a programação completa do evento, acesse <http://bit.ly/cGz5Lf>. E não deixe de ler nesta edição uma entrevista exclusiva com ele.



Eucaristia e Ecologia

O Caderno Teologia Pública nº 52, intitulado *Eucaristia e Ecologia*, é de autoria de Denis Edwards. Neste estudo o autor propõe uma teologia ecológica da eucaristia, na qual reflete sobre implicações de temas ecológicos para as celebrações da eucaristia e a relação da eucaristia com ações ecológicas e com formas de viver, bem como a relação entre a prática ecológica e a espiritualidade cristã. **Denis Edwards**, teólogo, é professor de teologia sistemática na Faculdade de Teologia da Universidade Flinders e no Centro Ecumênico de Adelaide, Austrália. A versão em PDF desta edição estará disponível para download no sítio do IHU a partir do dia 22 de outubro. Até lá, a edição impressa pode ser adquirida pelo endereço humanitas@unisinos.br e/ou na Livraria Cultural da Unisinos.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)



Apoio:

